



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO
FAU/UnB

FRENTE OU FUNDO?

**A inserção da casa unifamiliar na escala
residencial do Plano Piloto de Brasília**

Ricardo Reis Meira

Brasília, dezembro de 2013

FRENTE OU FUNDO?

A inserção da casa unifamiliar na escala residencial do Plano Piloto de Brasília

Ricardo Reis Meira

Dissertação apresentada ao Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo – PPG-FAU, da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília – UnB, como requisito obrigatório para a obtenção do título de Mestre em Arquitetura e Urbanismo.

Orientador: Prof. Dr. RICARDO TREVISAN

Brasília, dezembro de 2013

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da Universidade de Brasília. Acervo 1015648.

Meira, Ricardo Reis.
MS14f Frente ou fundo? : a inserção da casa unifamiliar
na escala residencial do Plano Piloto de Brasília
/ Ricardo Reis Meira. -- 2013.
184 f. : il. ; 30 cm.

Dissertação (mestrado) - Universidade de Brasília,
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Programa de
Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo,
2013.

Inclui bibliografia.

Orientação: Ricardo Trevisan.

1. Arquitetura moderna. 2. Arquitetura de habitação.
3. Brasília (DF). I. Trevisan, Ricardo. II. Título.

CDU 72(817.4)

Ricardo Reis Meira

FRENTE OU FUNDO?
Um inventário da casa brasiliense

Universidade de Brasília
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo
Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo

Dissertação defendida em 16 de dezembro de 2013 perante a banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

Prof. Dr. Ricardo Trevisan, FAU - UnB

Prof^a. Dr^a. Sylvia Ficher, FAU - UnB

Dr^a Carlos Madson Reis – FAU - UnB

Prof^a. Dr^a Elane Ribeiro Peixoto, FAU – UnB, suplente

Para Michelline, Pietra e Lucca

Agradeço:

a todas as pessoas que, de algum modo, contribuíram para uma das passagens mais difíceis e proveitosas da minha vida.

a minha família (pais, irmãos, tios e primos) por compreenderem e suportarem as atribuições.

ao Vovão (*in memorian*), Vovinha, Vô Dedes (*in memorian*) e Vó Chiquita (*in memorian*).

a minha Mi, a Lucca e Pietra, por entenderem que as ausências fazem parte de um plano maior para tornar suas vidas melhores do que a que tive.

ao professor Ricardo Trevisan, meu orientador, pela paciência quase infinita, pela compreensão com uma vida atribulada e “multitarefa” além dos limites do razoável e, principalmente pelas orientações simples, diretas e certeiras.

à professora Sylvia Ficher, pela inspiração desde a graduação, pelas contribuições valiosas e por ter me dado de presente meu orientador.

aos meus colegas professores da UNIP, que muitas vezes tiveram que se desdobrar para que eu pudesse me dedicar a este trabalho.

à professora Ludmila Correia, colega e amiga que nunca desistiu mesmo quando até eu duvidava de mim.

Resumo

Este trabalho, intitulado “Frente ou Fundo? A inserção da casa unifamiliar na escala residencial do Plano Piloto de Brasília”, desenvolvido junto ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília (UnB), apresenta o estudo dos projetos originais das quadras 700 Sul de Brasília com o objetivo de incluir na definição da escala residencial da cidade a casa unifamiliar e verificar a aplicação de um tipo arquitetônico destoante dos princípios previstos por Lucio Costa na cidade consolidada. Na primeira parte do trabalho, procura-se traçar um panorama histórico do pensamento arquitetônico e urbanístico moderno e suas implicações na definição do desenho do setor e na configuração dos espaços residenciais propostos. O capítulo seguinte trata da genealogia arquitetônica da casa modernista e da habitação social brasileira até Brasília. A terceira parte mapeia os precedentes históricos da forma urbana do bairro e sua relação com os paradigmas urbanísticos adotados, através do levantamento dos projetos de cada quadra. Por fim, o capítulo Forma Arquitetônica contempla o estudo das origens da configuração espacial presente nas casas do setor e a relação entre os ambientes públicos e privados, reunindo alguns projetos originais significativos.

Palavras-chave:

Arquitetura Modernista, Brasília, habitação, Quadras 700 Sul

Abstract

This work, entitled "Front door or Back door? The insertion of the single-family home in the residential scale of the Pilot Plan of Brasilia " , developed at the Graduate Program in Architecture and Urbanism at the University of Brasilia (UNB), presents the study of original projects of blocks 700 South in Brasilia with the objective of including in the definition of residential scale of the city 's single-family home application and verify the application of a kind of incongruous architectural principles laid down by Lucio Costa in the consolidated city. The first part of the study is an attempt to draw a historical overview of the architectural and urban modern thought and its implications on the definition of the shape and the configuration of the proposed residential spaces. The following chapter deals with the architectural genealogy of the modernist house and Brazilian social housing to Brasilia. The third section maps the historical precedents of the urban form and its relationship with urban paradigms adopted through the survey of projects of each block. Finally, the chapter Architectural Form includes the study of the origins of the spatial configuration of the houses in this sector and the relationship between public and private environments, bringing together some significant original designs.

Keywords:

Palavras-chave:

Brasília, housing, modern architecture.

Sumário

Introdução	10
1. Considerações históricas sobre a cidade moderna	23
1.1. O surgimento da cidade moderna	24
1.2. A questão da habitação no pensamento moderno	32
2. Brasília e a casa modernista	48
2.1. A questão da habitação social no Brasil	42
2.2. O Concurso do Plano Piloto	64
2.3. A ocupação de Brasília e as modificações no projeto original	70
3. As quadras 700 e a forma urbana	78
3.1. Paradigmas urbanísticos e o Plano Piloto	79
3.2. Novo setor, velhos modelos	87
4. Forma Arquitetônica	121
4.1. Paradigmas da casa modernista	122
4.2. Tipologia arquitetônica	129
4.3. Variações do mesmo tema: Análise arquitetônica	132
Considerações Finais: Frente ou Fundo?	144
Referência bibliográfica	150
Anexo	152

Introdução

Conhecer uma cidade não é simples, sobretudo quando ela é vasta e cada época veio depositar sem maiores precauções sua marca sobre aquela das gerações precedentes.

Phillipe Panerai, 2006

A casa, tema primordial da arquitetura, é em última instância a materialização dos hábitos, dos costumes e da condição social daqueles que a ocupam. Como tal, constitui um instrumento fundamental para a análise e compreensão da maneira pela qual o espaço arquitetônico residencial é concebido e utilizado em determinada época, por determinado grupo, em determinado local.

Brasília constitui um laboratório dinâmico de aplicação do modelo arquitetônico e urbanístico predominante entre os anos 20 e 60 do século passado. Contudo, poucas são as oportunidades de

verificação do conjunto arquitetônico residencial que não se enquadra no padrão de habitação coletiva (blocos habitacionais) determinado por Lucio Costa no seu Plano Piloto, este largamente difundido e estudado.¹

A divisão da cidade em “escalas”², proposta pelo próprio autor do projeto, induz a uma leitura restritiva e excessivamente funcionalista do projeto do Plano Piloto de Brasília. Com efeito, a apreensão da escala residencial restringe-se usualmente, de modo até compreensível, ao modelo das Superquadras e, de modo complementar, às “casas individuais”, ambas previstas originalmente no Relatório do Plano Piloto³. Todavia, a posterior transferência destas últimas da área entre as asas residenciais e o lago para outros setores da orla culminaram por conformá-las num “tecido suburbano típico”⁴, minimizando sua relação com o desenho original da cidade. As casas geminadas localizadas nas Asas Sul e Norte, por sua vez, estão inseridas na realidade urbana do Plano Piloto de maneira inequívoca, embora não tenham sido concebidas no projeto original de Lucio Costa.

Como analisar então a inserção de uma maneira “tradicional” de morar dentro de um contexto urbanístico específico – o Plano Piloto de Brasília - galgado nos preceitos do urbanismo modernista?

¹ A dissertação de MACHADO (2007) faz um minucioso levantamento teórico e documental da superquadras de Brasília.

² COSTA, Lucio - *Brasília Revisitada*: IPHAN – MEC, 1987, p. 02.

³ COSTA, Lucio – Memória Descritiva do Plano Piloto 1957, *Lucio Costa, Registro de uma vivência*, Empresa das Artes, SP, 1995, p.283.

⁴ HOLANDA, Frederico de. *Brasília – cidade moderna, cidade eterna*. Brasília: FAU UnB, 2010, p. 120.

Aqui o objeto de estudo é a **casa unifamiliar**, de portas para a rua, quase um exemplo de “gregarismo colonial brasileiro”⁵. Neste contexto, a compreensão desse “morar tradicional” em contraponto ao desenho urbano modernista e a utilização dos espaços resultantes desta relação, em alguns aspectos conflitante e até imposta, se mostra tão importante quanto o estudo da superquadra para caracterizar um “morar brasiliense”. Seria ele diferente, em algum aspecto, do “morar brasileiro”? Concordando com Damatta (2007), os modos de utilização do espaço da casa e da rua são fundamentais para esta definição.

Quando digo então que “casa” e “rua” são categorias sociológicas para os brasileiros, estou afirmando que, entre nós, estas palavras não designam simplesmente espaços geográficos ou coisas físicas comensuráveis, mas acima de tudo entidades morais, esferas de ação social, províncias éticas dotadas de positividade, domínios culturais institucionalizados e, por causa disso, capazes de despertar emoções, reações, leis, orações, músicas e imagens esteticamente emolduradas e inspiradas.⁶

Analisar os espaços residenciais de Brasília fora das Superquadras e sua relação com o entorno imediato permitem verificar a aplicação de um tipo arquitetônico para a habitação unifamiliar de baixa renda, recorrente desde a primeira metade do século 20.

As casas geminadas construídas ao longo das quadras 700 Sul de Brasília, além de seguirem este modelo, proporcionam uma possibilidade rica de análise dessas relações, bem como seus impactos

⁵ HOLANDA, *op. cit.*, 2010, p. 90.

⁶ DAMATTA, 1997, p. 08.

na leitura do desenho original do Plano Piloto e das conseqüentes transformações causadas pela criação de um setor inicialmente não previsto.

Ademais, a principal motivação para este estudo surgiu da observação empírica, quase involuntária, da sistemática inversão entre **frente** e **fundo**⁷ na organização espacial dessas casas e, numa outra escala, da importância da análise de como este setor, não previsto no projeto original, fora incorporado pelo tecido urbano original da cidade.

A inclusão das casas individuais das quadras 700 Sul no contexto da escala residencial do Plano Piloto é necessária, tanto pelo óbvio motivo da associação com o tipo de uso quanto pela possibilidade de imprimir uma variação tipológica, de uso do solo e de relação com o espaço público, totalmente distinta da concepção original, mas não menos intrigante.

Objetivos

Esta dissertação tem como objetivo geral recuperar a história do Setor de Habitações Individuais Geminadas Sul - SHIGS, composto pelas quadras 700 da Asa Sul no Plano Piloto de Brasília, através

⁷ Entende-se como “frente” da casa o acesso principal diretamente conectado com algum ambiente social, comumente a sala, ao passo que “fundo” tem tradicionalmente uma ligação com a entrada de serviço, ligada a ambientes mais reservados como a cozinha. A disposição da maior parte das casas das quadras 700 subverte este conceito, como será visto mais à frente.

do inventário dos projetos originais disponíveis e de uma análise sobre as origens conceituais da proposta arquitetônica que culminaria com a construção do setor. É defendida, desta maneira, a inserção das casas unifamiliares na caracterização da escala residencial da capital, de modo a compreender as relações desta configuração específica com a cidade originalmente planejada por Lucio Costa.

Pretendeu-se com este estudo resgatar a memória da construção de um setor que passa ao largo da maioria das pesquisas sobre Brasília, reunindo informações até então dispersas por vários órgãos do Governo do Distrito Federal (GDF)⁸.

A análise das casas geminadas localizadas ao longo da avenida W3 Sul deve-se, além da sua conformação arquitetônica e urbanística peculiar, ao fato de se tratar de uma área não incluída no projeto original do Plano Piloto, fazendo parte de uma série de modificações efetuadas desde o momento de sua implantação.

Tem-se, então, como objetivos específicos desta pesquisa:

- Documentar e organizar o início do processo de ocupação das quadras 700 Sul de Brasília.
- Verificar a relação entre a concepção arquitetônica e urbanística do setor e a configuração espacial dos espaços públicos do bairro.

⁸ SEDHAB, Arquivo Público do DF, Administração Regional de Brasília.

- Investigar as origens tipológicas dos projetos construídos e as possíveis causas da inversão sistemática entre “frente e fundos” na ocupação das casas.
- Investigar, de modo preliminar, as causas das transformações arquitetônicas ocorridas nas moradias desde a sua construção e a sua relação com as expectativas dos usuários.

Para a correta compreensão da forma de morar proposta inicialmente para o SHIGS é necessário analisar os projetos originais e as circunstâncias de sua implantação em um contexto socioeconômico, histórico e tecnológico específico. De modo mais amplo, esta pesquisa tem como expectativa servir de referencial técnico para estudantes e profissionais da área, suprimindo a carência de material documental sistematizado sobre a área em questão, a despeito da existência de farto material historiográfico sobre a cidade. Para estruturação da pesquisa, apresentaram-se questões fundamentais, apresentadas a seguir:

- Em que circunstâncias históricas, econômicas e sociais foi definida a criação do SHIGS no Plano Piloto?
- Como era sua relação com o espaço construído, com o entorno imediato e com a cidade depois de implantado?
- Como a modificação da proposta original para o Plano Piloto e a criação de um novo bairro residencial, espacialmente desconectado da concepção da Unidade de Vizinhança, se relaciona com o tecido urbano da Asa Sul de Brasília?

O trabalho foi organizado de modo a seguir a proposta já utilizada por Ficher e Palazzo (2009), decompondo o objeto de estudo em forma urbana e forma arquitetônica, analisados em separado, mas evidentemente interligados como causa e efeito de maneira recíproca.

Conforme Holanda *et al.*⁹, o estudo do espaço da cidade é abordado fundamentalmente de duas maneiras: com o foco “nas coisas como elas deveriam ser”, a partir da normatização dos processos de produção; ou com olhar sobre “as coisas como são”, a partir da análise do desempenho do espaço vivenciado pelas pessoas.

Dentre as propostas analíticas encontra-se o estudo da Morfologia Urbana, adotado neste trabalho. O conceito de Forma Urbana relaciona-se com o significado de Espaço Urbano, já que ambos são definidos por seus limites. A noção de espaço é estruturada a partir da “consciência das relações topológicas e perspectivas entre nosso corpo e as superfícies que realizam a demarcação do espaço em que estamos”¹⁰, de modo que a característica morfológica do espaço seria a principal maneira de se identificar os espaços socialmente utilizados. Os processos de organização do espaço permitiriam, segundo Holanda *et al.*¹¹ compreender a forma e o espaço urbanos, a partir de suas características configurativas. Considerando-se que a cidade tem, impressas em si, as transformações que ocorrem ao longo da história, a forma urbana apresenta respostas às demandas sociais, aos anseios

⁹ HOLANDA *et al.* 2000, p. 10.

¹⁰ *Ibidem*, p: 10/11.

¹¹ HOLANDA, KOHLSDORF, CORDEIRO, FARRET. 2000, p. 9.

historicamente colocados pelos indivíduos. Deve, por isso, ser compreendida não como um objeto, mas sim como situação relacional, ligada às expectativas socialmente definidas.

A decomposição do tecido urbano em rede de vias, parcelamentos fundiários e edificações proposta por PANERAI (1999), baliza a estruturação deste trabalho. As escalas urbana e arquitetônica foram abordadas em capítulos distintos, mas nunca de modo independente. As abordagens se complementam à medida que criamos uma sequência de leitura que busca levar o observador a entender o espaço público como causa e efeito do arquitetônico.

Na delimitação da área de estudo deste trabalho, não foi incluído o Setor de Habitações Individuais Geminadas Norte (SHIGN), bairro análogo localizado na Asa Norte. Tal escolha se deve à necessidade de um recorte histórico e tipológico mais preciso, uma vez que este setor teve implantação tardia em relação à Asa Sul, sob condições legais, projetuais, sociais e econômicas distintas. Enquanto o SHIGS foi construído entre 1958 e 1960, o SHIGN teve sua implantação iniciada somente em 1968, com as casas projetadas seguindo outro padrão tipológico, sob encomenda do Ministério da Marinha.

Por conseguinte, não foram considerados como objeto deste estudo tampouco bairros como o Setor Residencial Econômico Sul (SRE/S), posteriormente chamado de Cruzeiro, e Setores de Habitações Individuais Sul e Norte (respectivamente SHIS e SHIN), por sua distância, mais tipológica do que geográfica, da área originalmente contemplada pelo projeto de Lucio Costa. Neste aspecto, os chamados Cruzeiro Velho e Lagos Sul e Norte configuram nichos arquitetônicos que não estabelecem uma relação formal e funcional tão direta com o Plano Piloto quanto o setor escolhido.

Tendo em vista a natureza da pesquisa e os objetivos propostos, este trabalho se fundamenta na análise bibliográfica consagrada acerca dos fundamentos da arquitetura e do urbanismo modernos e no levantamento documental e iconográfico disponível junto aos órgãos governamentais do Distrito Federal¹²

¹² SEDHAB, Arquivo Público do DF e Administração Regional de Brasília.



Figura 2: Vista aérea da área de estudo (SHIGS).
Fonte: <http://www.googlemaps.com>.

Pesquisa Bibliográfica

- Pesquisa bibliográfica sobre os paradigmas conceituais do urbanismo moderno;
- Pesquisa bibliográfica sobre a casa na cidade moderna e os exemplos correlatos de bairros de casas geminadas no exterior e no Brasil;
- Material bibliográfico sobre a construção de Brasília e o processo de implantação do setor em estudo no Plano Piloto;
- Material bibliográfico a respeito da casa modernista e a caracterização das principais referências na construção do espaço arquitetônico do objeto de estudo.

Levantamento Documental

- Projetos urbanísticos originais das quadras 700 Sul, incluindo empresas responsáveis, profissionais envolvidos, etc.
- Projetos arquitetônicos originais das tipologias HP (habitação popular) geminadas construídas no bairro;
- Levantamento iconográfico do acervo do Arquivo Público do Distrito Federal (ArPDF) e da Secretaria de Habitação, Regularização e Desenvolvimento Urbano do Distrito Federal (SEDHAB).

Este trabalho foi dividido em quatro capítulos. Os dois primeiros têm como objetivo oferecer uma contextualização histórica geral e específica sobre o tema e a área de estudo, enquanto os dois últimos contemplam a análise urbanística e arquitetônica do Setor, nesta ordem.

Capítulo 1 – **Considerações Históricas** – Este capítulo tem como objetivo mapear os precedentes históricos do pensamento arquitetônico e urbanístico moderno e seus rebatimentos na forma urbana do bairro e na configuração do espaço arquitetônico residencial.

Capítulo 2 – **Brasília e a casa modernista** – Buscou-se, neste capítulo, construir de maneira sucinta uma genealogia arquitetônica da casa modernista e da sua visão de habitação até a construção de Brasília, definindo o recorte temporal e situando o leitor no contexto da formação do Plano Piloto de Brasília e suas principais alterações à época de sua implantação.

Capítulo 3 – **As quadras 700 e sua forma urbana** - Este capítulo busca mapear os precedentes históricos dos conceitos da forma urbana do bairro, considerando evidentemente sua relação com o desenho de Brasília. A comparação entre a concepção original e a implantação da via W3 Sul nos primeiros anos da cidade é utilizada para compreender a construção de uma identidade própria no bairro e a relação do morador com os espaços públicos locais. É apresentado um inventário dos projetos urbanísticos originais das quadras.

Capítulo 4 – **As quadras 700 e sua forma arquitetônica** - Concentra-se na análise do espaço arquitetônico e na caracterização dos padrões tipológicos habitacionais, observando as origens da

configuração espacial presente nas casas do bairro e da relação funcional / espacial entre os espaços públicos e privados.

Nas **considerações finais**, verifica-se a influência da concepção espacial arquitetônica e urbanística das quadras 700 Sul de Brasília na construção de um “morar brasileiro”, dentro das especificidades que a cidade planejada proporciona.

1. Considerações históricas sobre a cidade moderna

Em cada época, a arquitetura é produzida e utilizada de um modo diverso, relacionando-se de uma forma característica com a estrutura urbana em que se instala.

Nestor Goulart Reis Filho, 2004

Para uma reflexão sobre a inserção da casa unifamiliar na escala residencial do Plano Piloto, é necessária a compreensão da construção da problemática da habitação social no Brasil a partir do início do século 20, bem como seus precedentes históricos no Brasil e no exterior.

Entender a casa numa cidade moderna, planejada dentro de um discurso formal e ideológico tão definido como é Brasília só é possível se compreendermos o processo de construção deste discurso. Procurou-se, assim, restringir o estudo neste capítulo à questão habitacional, particularmente ao conceito moderno de habitação social, que inspirou a construção das casas que são objeto deste trabalho. Aspectos mais gerais da concepção urbanística da cidade moderna serão abordados no Capítulo 3.

1.1. O surgimento da cidade moderna

A evolução dos processos de produção industrial na Inglaterra na última metade do século 18, impulsionado por invenções como a máquina a vapor (1769) e a máquina de fiar (1771) possibilitou, segundo Benevolo (1987), a implantação das indústrias mais próximas das cidades, facilitada pelo surgimento das estradas de rodagem e ferrovias para o transporte de matéria prima.

A Revolução Industrial impulsionou o crescimento populacional dos centros urbanos e transformou o modo de viver nas cidades, gerando consequências sociais e econômicas. A expulsão dos pequenos camponeses das áreas rurais em função do aumento da produtividade pelo advento das máquinas acabou por aumentar o número de pessoas que migraram para as áreas urbanas, evidentemente de maneira desordenada, gerando uma demanda crescente por moradia.

As casas recém-construídas nas cidades mantinham as mesmas características físicas, repetindo a condição de precariedade existente nas construções da área rural.

as paredes eram construídas com tijolos ao invés de madeira, e os telhados em ardósia ou em pedra em vez de colmo; os quartos eram mais acanhados, mas sem o estorvo e a poeira das máquinas fiandeiras domésticas; os sanitários estavam ausentes ou eram igualmente primitivos em ambos os casos¹³

¹³ BENEVOLO, 1987, *apud* ALMEIDA, Caliane Christie Oliveira de. *Habitação Social: origem e produção* (Natal, 1889-1964). Dissertação (mestrado). Escola de Engenharia de São Carlos – USP. São Carlos: USP, 2007.

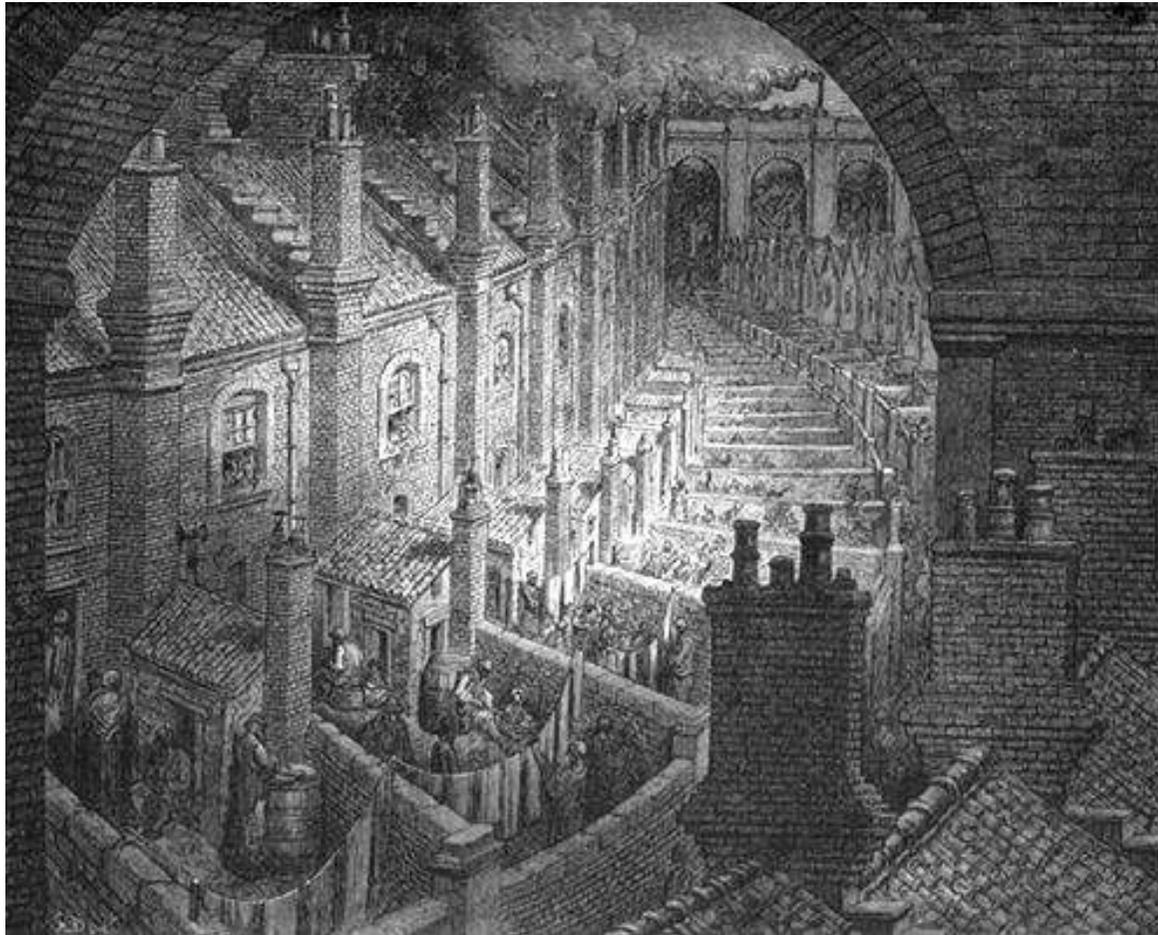


Figura 3: Bairros pobres de Londres. Litogravura de Gustave Doré de 1872.
Fonte: BENEVOLO, 1982: 16.

O adensamento dos bairros operários dificultava a eliminação dos dejetos, cujo esgoto corria a céu aberto, nos mesmos ambientes onde eram realizadas outras atividades. A contaminação do ar e da

água era causada ainda pela proximidade das casas com as fábricas, criando um ambiente insalubre e propenso à propagação de doenças.

A valorização dos terrenos próximos às indústrias acaba por provocar a demolição de residências para a construção de edifícios comerciais e de escritórios, agravando o problema da falta de oferta de habitações. Antigas construções passam a abrigar um grande contingente populacional em níveis insuportáveis de insalubridade e precariedade das instalações.

A degradação das condições de vida, agravada por epidemias, guerras e falta de saneamento “acabou por inspirar diversas propostas de comunidades que usufruíam das vantagens tanto da vida no campo como a vida na cidade”¹⁴. Consequentemente a questão habitacional acaba por ser o grande objeto de estudo da arquitetura e do urbanismo moderno.

Intelectuais como Charles Fourier (1772-1837), Karl Marx (1818-1883), Frederich Engels (1820-1895), entendem a moradia como o ponto de partida para a solução dos problemas da cidade. Engels descreve Manchester em sua publicação “A situação da classe operária na Inglaterra”:

num bairro quase manifestadamente operário, (...) nem as lojas nem as tabernas se dão o trabalho de mostrarem um pouco de asseio. Mas isto ainda não é nada comparado com as vilas e os pátios que se estendem por detrás, e os quais se chega por meio de estreitas passagens cobertas através das quais não passam nem duas

¹⁴ MACHADO, Marília Pacheco – *Superquadra*: pensamento e prática urbanística. Dissertação (mestrado). Brasília: FAU UnB, 2007, p: 109.

pessoas ao lado uma da outra. É difícil imaginar a mistura desordenada das casas, escarnecendo de qualquer urbanística racional, o seu alinhamento de tal ordem que se encontram literalmente em cima uma da outra. (...) onde quer que houvesse um bocadinho de espaço entre as construções da época precedente continuou-se a construir e a remendar, até arrebatar entre as casas a última unha de terreno ainda livre susceptível de ser utilizado (...). As ruas não são pavimentadas nem possuem canais de escoamento, mas albergam inúmeras colônias de porcos, fechados em pequenos pátios e chiqueiros, ou percorrendo livremente a encosta. Essas ruas são tão lamacentas que somente quando o tempo está muito seco se tem alguma possibilidade de as atravessar sem afundar os pés até os tornozelos a cada passo. (...) as ilhas de casas tornam-se mais densas, (...) com uma série de interminável de caminhos, becos, ruelas secundárias e pátios, cada vez mais numerosos e desordenados à medida que vamos nos aproximando do centro da cidade. Em compensação, tornam-se mais frequentes as ruas pavimentadas ou pelo menos com passeios calcados e canais de escoamento, mas as porcarias e as carências das casas, particularmente as caves, mantêm-se exatamente as mesmas¹⁵

Alguns destes intelectuais propuseram modelos que vislumbravam o homem como único, independente do tempo e do lugar onde se encontrariam. As reflexões deste grupo têm como norte as propostas de ruptura com o passado, e a busca de soluções que permitissem a higiene, através da insolação e aeração, a partir da criação de áreas verdes.

Os urbanistas “utópicos” propunham neste contexto soluções dentro do que entendiam como “cidade ideal”. Exemplos como os Paralelogramos de Robert Owen, a proposta de Falanstério de Charles

¹⁵ ENGELS, 1975, *apud* ALMEIDA, 2007.

Fourrier, a cidade-jardim de Ebenezer Howard e a Cidade Industrial de Tony Garnier são típicos modelos que viriam a influenciar o pensamento e a prática urbanística nos séculos 19 e 20.

a necessidade de se criar cidades-modelos, tanto para disciplinar operários quanto para responder ao caos da cidade industrial possibilitou a abertura de um vasto leque de propostas urbanísticas projetadas e construídas, e fez da virada do século XIX para o XX um período singular na criação de novas concepções urbanísticas, como as Company Towns ou cidades empresariais, a cidade-jardim, a cidade linear, a cidade industrial entre outras¹⁶

A caracterização de um homem-tipo, cujas atividades como trabalhar, comer ou dormir são codificadas como um comportamento coletivo, genérico e universal, encontra guarida nos principais pensadores do Urbanismo Progressista do início do século 20 (Choay, 1997). Acreditava-se no progresso trazido pela industrialização e na mudança de mentalidade do homem moderno, configurado como aquele que utiliza a moradia para suas necessidades primárias e o restante da cidade para seu desenvolvimento social. As novas técnicas incorporadas na cidade moderna permitiram, por sua vez, fortalecer e aprimorar a classe operária que surgia nas cidades.

O século 20, chamado oportunamente por Eric Hobsbawn de “breve”¹⁷ ao delimitá-lo entre a Primeira Guerra Mundial (1914) e a queda do comunismo (1991), caracteriza-se por grandes mudanças na

¹⁶ TREVISAN, Ricardo – *Incorporação do ideário da Garden City inglesa na urbanística moderna brasileira*: Águas de São Pedro. Dissertação (mestrado). Universidade Federal de São Carlos. São Carlos: UFSCar, 2003. p:21.

¹⁷ HOBBSAWN, Eric. *Era dos Extremos: o breve século XX, 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

arquitetura, decorrentes das transformações conjunturais causadas pela devastação das Guerras Mundiais.

Não obstante dos efeitos da “era da catástrofe”¹⁸ nos demais continentes, é na Europa, epicentro das guerras no início do século passado, que floresce a ideologia moderna na arquitetura e no urbanismo, “imbuída da convicção de que se podia provocar profundas transformações no jeito de viver, via (re)organização espacial”¹⁹.

Assim, o Urbanismo Modernista surge da tentativa de se tentar resolver o “caos” em que as cidades se transformaram, principalmente após os avanços da industrialização e o crescimento da população urbana em detrimento da rural.

As propostas urbanísticas desse período seguiam, principalmente, as correntes Culturalista e Progressista. Apesar de enfoques diferenciados, conforme enfatizado por Sabbag (2012), todas essas correntes tinham um ponto em comum: “a indústria gerou uma desordem social e urbana, necessitando assim de uma nova ordem espacial”²⁰

¹⁸Aqui o autor propõe uma classificação dentro do recorte temporal proposto para o século 20, classificando como “era da catástrofe” o período entre o início da Primeira (1914) e o final da Segunda Grande Guerra (1945). HOBBSAWN, Eric. *Ibidem*, p: 27.

¹⁹FRANÇA, Francinei Carneiro de: *Meu quarto, meu mundo: Configuração espacial e modo de vida em casas de Brasília*. Dissertação (mestrado). FAU UNB, 2001. p: 27.

²⁰ SABBAG, Juliane Albuquerque Abe. *Brasília, 50 anos: do urbanismo moderno ao planejamento estratégico*. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília. Dissertação (mestrado). Brasília: FAU UnB, 2012, p. 28.

Enquanto a corrente Culturalista defendia o crescimento espontâneo e orgânico da cidade, a corrente Progressista estava apoiada na ideia de um homem-tipo, que universaliza as necessidades e anseios humanos. Acreditava-se que o urbanismo moderno poderia ser aplicado em qualquer lugar e contexto sociocultural, e que o crescimento urbano deveria ser controlado, regido por uma lógica formal determinada para o traçado das cidades.

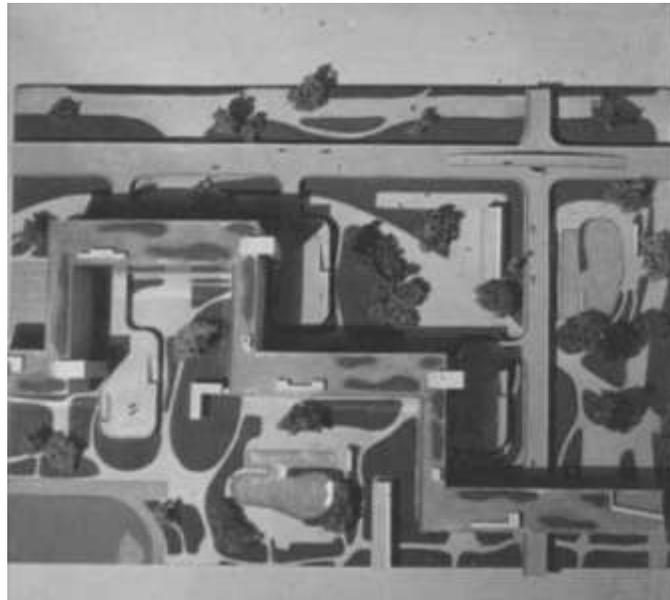
O suíço Le Corbusier, mergulhado em tais ideologias, defende logo no início da década de 1920 a necessidade de se repudiar o traçado das cidades composto de edifícios lotados, com ruas estreitas, barulhentas, sujas e mal cheirosas, para onde se abrem as janelas “a plenos pulmões” ²¹.

Os estudos de Le Corbusier sobre a forma urbana iniciam-se em 1922, com a *Ville Contemporaine*. Caracterizada principalmente pela composição monumental ao longo de dois eixos perpendiculares e simétricos, possuía arranha-céus regularmente distribuídos e isolados entre si quatrocentos metros.

Mais tarde, após ter contato com urbanistas de diferentes lugares do mundo, Le Corbusier desenvolveu o projeto da *Ville Radieuse* (1935), baseada na ideia de que o homem devia estar

²¹ LE CORBUSIER, *apud* FOURA, Mohammed - *Le Mouvement Moderne de l'architecture: naissance et déclin du concept d'architecture autonome*.. <http://www.umc.edu.dz/vf/index.php/cours-en-ligne/480?showall=1>;
http://www.webreview.dz/IMG/pdf/_achitecture.pdf

adequadamente integrado ao meio ambiente. Com ela, foi dada maior ênfase à separação entre pedestres e automóveis.



Figuras 4 e 5: Le Corbusier, Ville Radieuse, 1935.

Fonte: <http://www.fondationlecorbusier.fr>

Os estudos de Le Corbusier foram compreendidos como modelos de cidade, difundidos em um grande número de publicações e em diversos planos urbanísticos desse período, sendo fielmente empregado em Chandigarh, na Índia, em 1947 e isoladamente adotado na Unidade de Habitação, projeto executado em Marselha em 1952.

A partir desses modelos iniciais, no período entre guerras (1919-1939) surge grande parte das teorias que revolucionaram o pensamento arquitetônico e urbanístico da época, e fundamentaram o Movimento Moderno. Apesar da necessidade de produção em massa para suprir as demandas do pós-guerra, a crise não permitiu a construção das vilas e edifícios em série preconizados nas teorias vigentes, sendo construídos apenas alguns edifícios isolados e protótipos. Apenas após a Segunda Guerra, nos anos de crescimento vivenciados especialmente até o início da década de 1970, é que se pode observar a materialização dessas teorias, em propostas de produção em massa consolidadas em todo o mundo.

1.2. A questão da habitação no pensamento moderno

Como já mencionado, a questão da moradia ocupava um espaço preponderante na busca pela solução dos problemas da cidade. O ideário arquitetônico moderno estava ligado à visão de mundo iluminista, com foco no homem e nas suas condições de vida.

A exposição dos projetos para conjuntos habitacionais em 1927 em Weissenhof, Alemanha, de autoria de vários arquitetos da Alemanha, Áustria, Bélgica, Holanda e Suíça, cujo diretor artístico foi Mies Van Der Rohe, dá destaque internacional ao desenvolvimento da arquitetura residencial com viés social, tendo como instrumento a padronização e a racionalização dos processos construtivos. O objetivo era criar um exemplo de habitação moderna para as grandes cidades.



Figura 6: Implantação do bairro Weissenhofsiedlung, Stuttgart 1927.

Fonte: <http://www.website-architektur.de/abbildungen-milchlaedle.html>

A geometria pura dos volumes, a planta livre e a busca por uma arquitetura plena de luz e ventilação rompiam com o ecletismo arquitetônico vigente. As novas técnicas construtivas e os materiais

empregados aludiam a um novo tempo onde a simplicidade formal contrastava com a complexidade da vida contemporânea.



Figura 7: Vista aérea do bairro Weissenhofsiedlung, Stuttgart 1927.
Fonte: http://www.architecturalpapers.ch/images/articles/89_10_w1000h600.jpg

Arquitetos como Peter Behrens, Walter Gropius, Le Corbusier e Hans Poelzig consolidam seu nome no cenário da arquitetura mundial. Segundo Sampaio (2002),

os modernistas ganharam estima pública em Weissenhof principalmente por pretenderem reformar a vida por meio da arte. Pesquisando a pré-fabricação da casa, usando novas estruturas e materiais, procurando a luz e o ar, adaptando os projetos habitacionais às condições da vida moderna, desenvolvendo novo mobiliário e meios mais fáceis de limpar, estocar e arranjar o interior das residências.²²

Parte dos arquitetos envolvidos com estes temas se reuniram nos *Congrès Internationaux d'Architecture Moderne* - CIAM²³, cujos conceitos já experimentados em Weissenhof se consolidam e influenciam a busca por soluções para as questões prementes referentes à desordem das cidades.

A “I Assembléia”, realizada em La Sarraz em 1928, dá início às discussões acerca da necessidade de racionalização e da padronização da construção, que ganham corpo e começam a influenciar os arquitetos brasileiros. Questões referentes à planta mínima também foram discutidas na “II Assembléia”, em Frankfurt em 1929. Buscou-se identificar projetos e tecnologias que viabilizassem a simplificação da construção através de técnicas construtivas inovadoras, eliminação do ornamento,

²² SAMPAIO, Maria Ruth Amaral de (org.). *A promoção privada da habitação econômica e a arquitetura moderna, 1930/1964*. São Carlos, Rima, 2002, p: 21.

²³ Congresso Internacional de Arquitetura Moderna.

soluções arquitetônicas com base na repetição e na produção em série em um traçado urbanístico com fundo racionalista. Segundo Silva (2006),

nas soluções habitacionais apresentadas nesta assembléia, pode-se notar a preocupação com detalhes de projeto, como a integração do mobiliário na arquitetura – armário embutido e plantas humanizadas, interessantes soluções de circulação e a largura mínima dos quartos de solteiro, solução adotada para privilegiar o acesso a iluminação e ventilação naturais, além de um ensaio de verticalização com a maioria dos projetos tendo quatro pavimentos.²⁴

A “Carta de Atenas”, elaborada em 1933 no IV CIAM, estabelece quatro funções urbanas fundamentais e os elementos funcionais que comporiam cada uma²⁵

:

- *Habitar*: o núcleo inicial do urbanismo, uma célula de habitação (uma casa) e sua inserção no grupo forma uma Unidade de Habitação de grandiosa eficácia. A casa não será mais soldada à rua por sua calçada. O alinhamento das habitações ao longo das vias de comunicação deve ser interdita. As construções altas implantadas com grande distância umas das outras

²⁴ SILVA, *op. cit.*, p:15.

²⁵ CORBUSIER, L. - Carta de Atenas. Assembléia do CIAM de 1933. Disponível em http://www.icomos.org.br/cartas/Carta_de_Atenas_1933.pdf. (Acessado em 17/Nov/2010).

devem liberar o sol em favor dos largos espaços. Introduzir o sol é o novo e mais imperativo dever da arquitetura;

- *Trabalhar*: as indústrias devem ser transplantadas sobre lugares de passagem das matérias-primas, ao longo de grandes estradas de água, terra e ferro. As cidades industriais, em vez de serem concêntricas, se tornarão lineares. As distâncias entre os lugares de habitação devem ser reduzidas ao mínimo;
- *Lazer e recreação*: todo quarteirão de habitação deve comportar a partir dos anos 30 as superfícies verdes necessárias ao desenvolvimento dos jogos e esportes das crianças, dos adolescentes e dos adultos... As novas superfícies verdes devem servir a finalidades bem definidas: conter o jardim de infância, as escolas, os centros de juventude e todos os edifícios de uso comunitário ligados intimamente à habitação;
- *Circular*: a velocidade do pedestre, 4km por hora, e as velocidades mecânicas, 50 a 100 km por hora, devem ser separadas. É preciso claramente diferenciar os meios de circulação e estabelecer, para cada um deles, uma cama apropriada à própria natureza dos veículos utilizados.

O projeto urbanístico determinaria a estrutura e localização dos diferentes setores, a partir destas quatro funções-chave, cada uma com sua autonomia. Apesar de publicada apenas em 1943, este documento orientou toda a prática arquitetônica e urbanística moderna, pelo menos por 30 anos seguintes.

Neste documento, segundo Sabbag²⁶, aparece o conceito de urbanismo como “a administração dos lugares e dos locais diversos que devem abrigar o desenvolvimento da vida material, sentimental, espiritual e todas as suas manifestações, individuais e coletivas”. Considerando-se que o atendimento às funções habitar, trabalhar e recrear deveria ser pensado para atender aos anseios do homem – o homem-tipo – e a função circular repensada de modo a atender das mais satisfatória às atuais demandas da densidade populacional, o Urbanismo Modernista entende que é no espaço urbano que o homem se realiza enquanto indivíduo e sociedade.

O IV CIAM apresentou um postulado no qual o sol, a vegetação e o espaço seriam as três matérias-primas do urbanismo moderno. Ao invés da dualidade entre cidade e campo, a cidade moderna traz a paisagem bucólica do campo para a cidade, uma influência da teoria da Cidade-Jardim de Ebenezer Howard (1898). O reagrupamento territorial apresenta-se como contraponto ao parcelamento do solo e à apropriação privada do território urbano enquanto fonte de renda, buscando garantir aos proprietários e à comunidade uma distribuição do solo mais justa, com a “reconquista do controle público sobre todo o espaço da cidade”²⁷, em oposição ao *laissez-faire*.

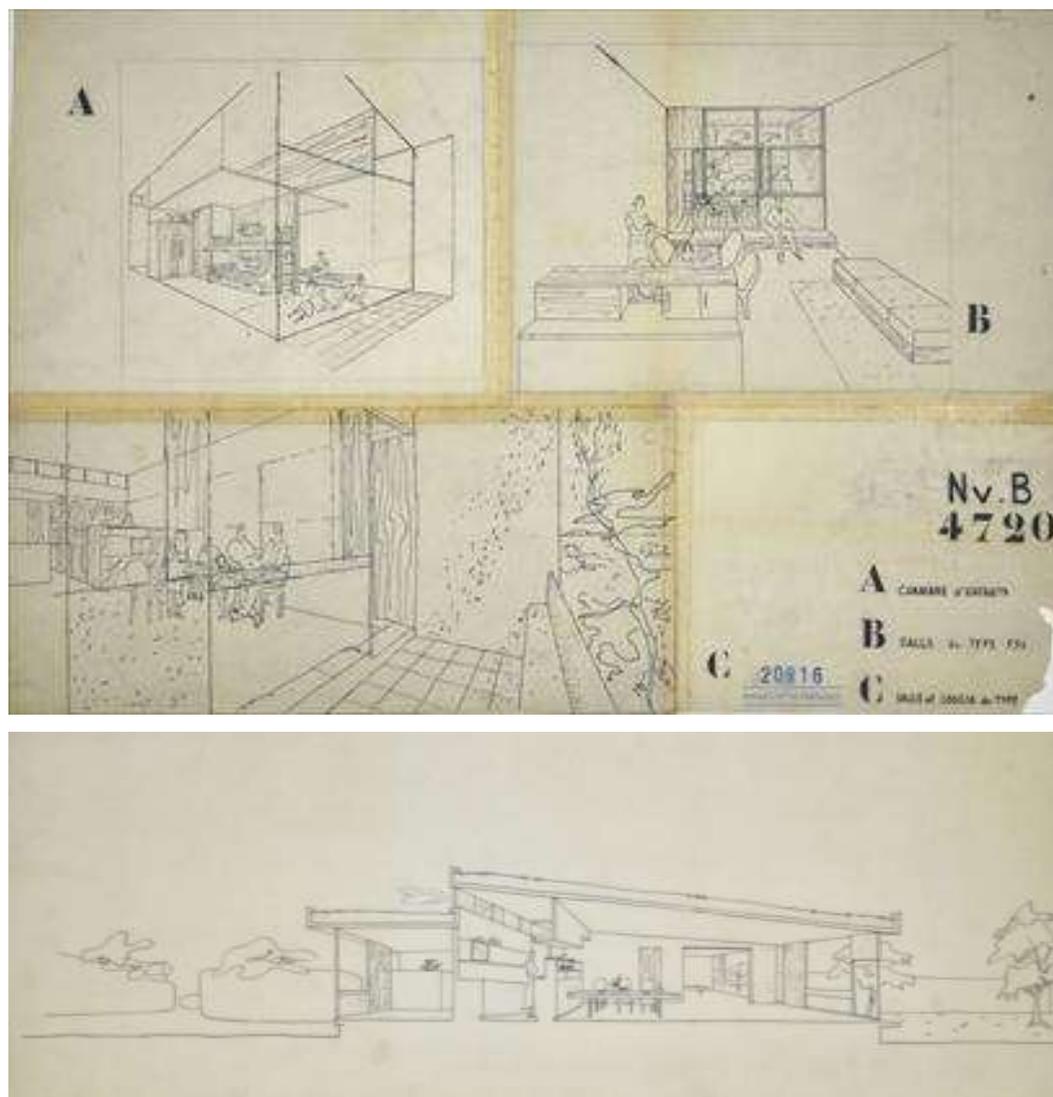
Nessa nova cidade, são propostos *pilotis* como solução para liberar o térreo dos edifícios enquanto espaço de uso público. Na chamada Cidade-Jardim, altera-se a relação figura e fundo: se antes um

²⁶ SABBAG, 2012, p. 30.

²⁷ BENEVOLO, 2005, *apud* Sabbag, 2012, p.31.

pequeno espaço era ocupado pelas áreas livres, agora essas áreas, normalmente verdes, permeiam os edifícios dispostos livremente pelo espaço.

No que tange à habitação, os postulados baseiam-se na crítica às grandes cidades tradicionais, com seus centros inchados e suas moradias sem condições básicas de higiene. A “moradia doente”, o cortiço etc, deveriam ser eliminadas em favor da moradia sadia, limpa, construída em série, dentro do objetivo de suprir a demanda habitacional com construções rápidas e de baixo custo.



Figuras 8 e 9: Estudo de habitação HEM, Roubaix, França, 1953

Fonte: <http://www.fondationlecorbusier.fr/corbuweb/morpheus.aspx>. Acesso em 14/07/2013.

As ideias preconizadas na “Carta de Atenas” fazem eco aos conceitos defendidos por Le Corbusier desde os anos 1920, nos textos elaborados por ele e por Amédée Ozenfant (1886-1966) na revista *L’Esprit Nouveau* e, posteriormente no livro *Vers une Architecture* (1923).

A habitação moderna, ou *máquina de morar*, deve priorizar a racionalização dos espaços com base nas atividades básicas do homem, dentro de um programa mínimo. As atividades de recreação e lazer deveriam ser desempenhadas nas áreas abertas dentro (terraços) ou fora das casas (parques e jardins).

No âmbito residencial, a cartilha modernista pregava a estrita obediência da forma à função e à estrutura. Walter Gropius, fundador da Escola Bauhaus²⁸ e expoente da arquitetura moderna, afirmava que:

da mesma forma que o homem moderno já não veste indumentárias históricas, mas trajes modernos, necessita também de uma casa moderna, equipada com todos os aparatos modernos de uso cotidiano. A natureza de um objeto vem determinada pelo que ele faz. O objeto deve cumprir sua função de maneira prática, deve ser barato, duradouro e belo.²⁹

²⁸ Fundada por Walter Gropius em 1919 após a fusão das Escolas de Artes e Ofício e Belas Artes de Weimar, Alemanha. Seu programa lança as bases da nova arquitetura do século 20, integrando-a a outras disciplinas como escultura, pintura e desenho industrial.

²⁹ GROPIUS, Walter. *Programas y manifestos de la arquitectura del siglo XX*. Barcelona, Lumen, 1973.

A “Carta de Atenas”, enquanto expressão de uma preferência estética indiscutivelmente aceitável naquela época vai restringir durante décadas a busca por outros tipos de habitação. Inebriados por ela, os arquitetos vão denunciar a “rua-corredor” como um espaço inabitável e arcaico. A projeção deve ser regulada por suas doutrinas, com regras urbanas, construtivas, econômicas, funcionais focadas na racionalidade³⁰.

1.3. A questão da habitação social no Brasil

A visão da habitação de baixa renda como um problema social remete ao século 19, quando as condições sociais, sanitárias e econômicas desse alojamento iam de encontro aos conceitos da época. Indústrias, empresas construtoras e o próprio Estado começam a atuar no setor, seja na reforma, seja na construção de novas unidades. No início do século passado, particularmente a partir dos anos 1930 essa produção toma corpo, consolidando o início da presença Estatal como o grande promotor da habitação popular no Brasil.

Segundo Bonduki (1998) o período de Vargas marca o início da habitação social no Brasil³¹. Levado ao poder com a revolução de 1930, Getúlio Vargas (1882-1954) construiu sua plataforma de governo com base na valorização do trabalho, tendo como efeito secundário o controle de eventuais revoltas dentro da classe operária. A criação de uma legislação trabalhista e a preocupação com as condições

³⁰ FOURA, Mohammed – *Op. cit.*

³¹ BONDUKI, Nabil. *Origens da habitação social no Brasil*. São Paulo: Estação Liberdade/ FAPESP, 1998.

de moradia do trabalhador sugerem uma nova postura governamental em relação à política habitacional para as cidades, cuja demanda por moradia se tornava crescente.

Neste contexto, vários arquitetos brasileiros atuaram projetando habitações econômicas, tanto junto ao poder público quanto à iniciativa privada. Anteriormente denominada habitação popular, a habitação de interesse social ou simplesmente habitação social é, de acordo com Bonduki,

habitação produzida e financiada por órgãos estatais destinada à população de baixa renda, mas num sentido mais amplo, que inclui também a regulamentação estatal da locação habitacional e incorporação, como um problema do Estado, da falta de infraestrutura urbana gerada pelo loteamento privado³².

A significativa produção arquitetônica brasileira no âmbito da habitação social ganhava corpo pela atuação complementar entre Estado e iniciativa privada, visto que a produção estatal não seria suficiente para suprir a demanda habitacional. Programas arquitetônicos como vilas operárias começam a permear as pranchetas dos arquitetos modernistas.

O início da construção de vilas operárias por empresas fabris, na segunda metade do século 19, caracteriza-se pela influência das diretrizes estabelecidas pelo proprietário ou por engenheiros envolvidos nos empreendimentos, sem um plano urbano completo ou alguma proposta conceitualmente mais sólida (CORREIA, 2003). A partir dos anos trinta do século 20, o protagonismo

³², p: 14.

dos arquitetos no processo de planejamento destes espaços se consolida inspirado nos conceitos de Cidade Jardim e nos preceitos urbanísticos difundidos nos CIAMs.

A Vila Gamboa (1931), um dos primeiros exemplos de habitação moderna para trabalhadores no Brasil, foi um dos frutos da breve, mas profícua parceria de Lucio Costa e Gregori Warchavchik entre os anos de 1931 e 1933. O projeto fazia parte de uma série de medidas do governo municipal do Rio de Janeiro para revitalizar a área portuária da cidade, desde os anos 20. Implantada em terreno um acidentado e de formato irregular, o projeto era composto por catorze apartamentos geminados, sete em cada pavimento. A pureza geométrica, a predominância das linhas retas e ausência de ornamentos, soluções típicas dos projetos de Warchavchik, estabeleciam uma conexão entre os conceitos do Movimento Moderno e soluções espaciais e construtivas consagradas em projetos semelhantes desde o século anterior (Figuras 16 e 17).



Figura 10: Planta baixa da Vila Operária Gamboa, RJ, 1931.
Arquitetos Gregori Warchavchik e Lucio Costa
Fonte: <http://dspace.uniritter.edu.br>, acesso em out 2013.

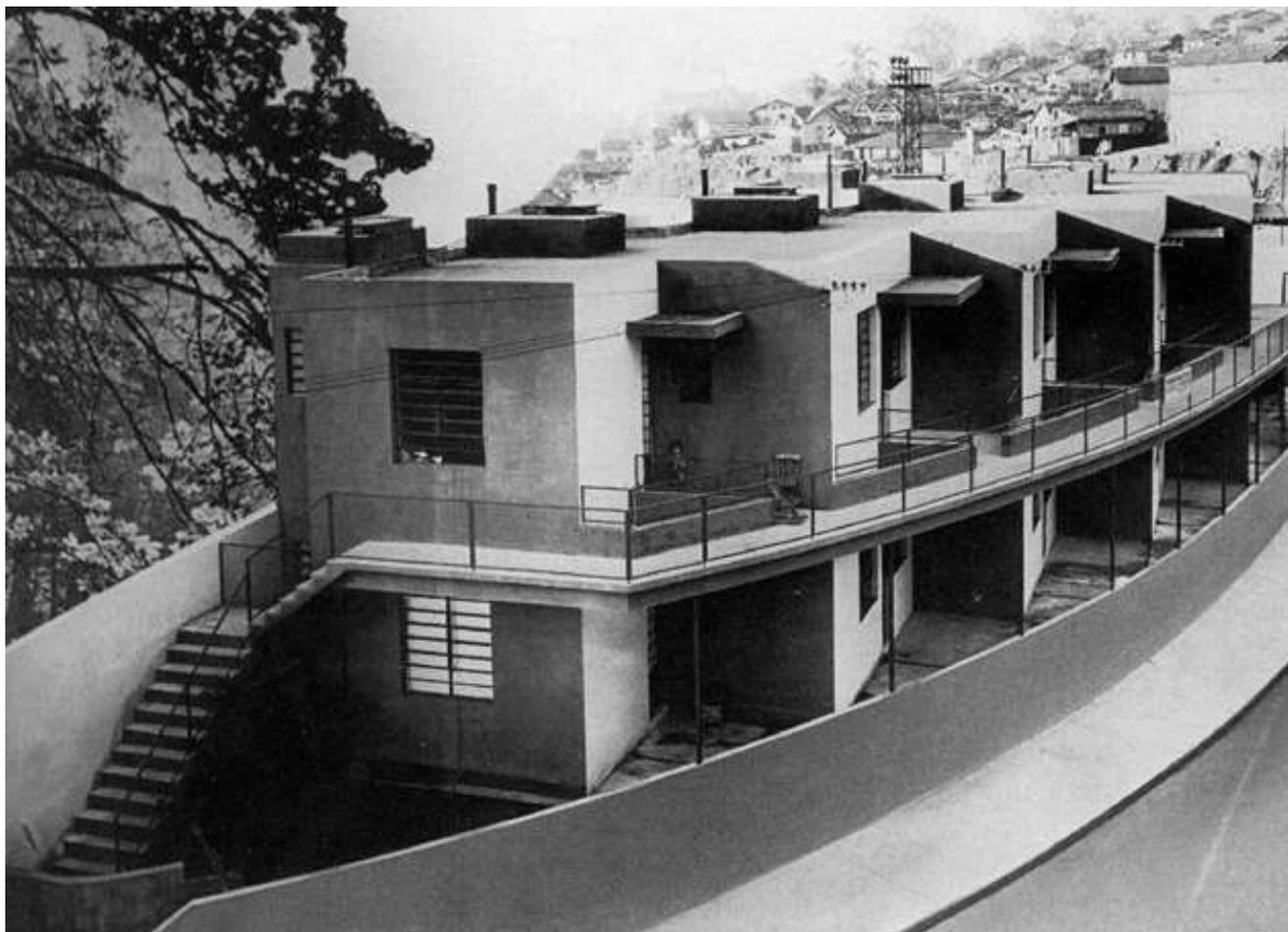


Figura 11: Vila Operária Gamboa, RJ, 1931. Arquitetos Gregori Warchavchik e Lucio Costa
Fonte: www.jobim.org/lucio, acesso em out 2013.

Em 1943, Attilio Corrêa Lima elabora um plano para a Cidade Operária da Fábrica Nacional de Motores (F.N.M.), em Barra Mansa, RJ. Influenciado pelas ideias sobre moradia em larga escala propostas nos CIAMs, o arquiteto adota o modelo de habitação coletiva para os operários, com áreas que variavam entre 35m² e 70m². O autor defende o partido de blocos de apartamentos como um reflexo da evolução das moradias em consonância com a ordenação fabril do espaço.

A construção de blocos residenciais em série e a permuta do quintal pelo parque seriam o rebatimento no âmbito do lar da cooperação que impera no mundo do trabalho fabril. Proposta tímida se comparada com o discurso de Gropius e Le Corbusier, onde a moradia coletiva para as massas encontrava uma de suas justificativas na idéia de uma organização centralizada de parte das tarefas domésticas³³

Lima defende ainda a convivência dos prédios coletivos, para os operários, com as casas unifamiliares ajardinadas, para os funcionários de alto escalão. Assim como Gropius, defendia que as casas com jardins não deveriam ser descartadas, mas destinadas àquelas famílias que tivessem condições de mantê-las adequadamente.

³³ LIMA *apud* CORREIA, 2003, p.4.

2. Brasília e a casa modernista

Brasília, capital aérea e rodoviária; cidade-parque. Sonho arquissecular do patriarca

Lucio Costa, 1957

No Brasil, as primeiras correntes modernistas surgiram nos anos de 1920, quando jovens intelectuais, especialmente as áreas de literatura e artes plásticas, buscam discutir uma série de questões vigentes. Buscavam diminuir os atrasos em relação aos movimentos estéticos europeus, e ao mesmo tempo imprimir um caráter particular nos pressupostos modernos, o que culminou na perspectiva regionalista que contrastava com o universalismo do Movimento Moderno vigente na Europa.

O resultado dessa “conciliação entre o moderno estrangeiro e a tradição colonial brasileira”³⁴ pode ser observado nos manifestos de Mário de Andrade (1893-1945) e Oswald de Andrade (1890-1954), nas pinturas de Tarsila de Amaral (1886-1973) ou na obra do arquiteto Antonio Garcia Moya (1891-1949), este apontado por FICHER (2012) como “um pioneiro da arquitetura moderna entre nós”³⁵, entre outros. Anos mais tarde, a arquitetura segue o mesmo caminho, buscando novos rumos para uma área que se encontrava estagnada no neoclassicismo. Lucio Costa assume, no Brasil, o papel de ideólogo da Arquitetura Moderna Brasileira, tendo atualizado muitas questões que o modernismo vinha estabelecendo. A casa, neste contexto, é um tema recorrente, seja pela produção original de Gregori Warchavchik, autor das primeiras casas cubistas no país, seja pela posição protagonista de Costa, a partir da sua nomeação como diretor da Escola de Belas-Artes do RJ num período histórico onde “a arquitetura moderna passou a ser acolhida como uma questão de política nacional”³⁶.

Do ponto de vista político e econômico, observava-se um deslocamento do poder das oligarquias rurais centrada em Minas Gerais e São Paulo para o Rio de Janeiro, especialmente após a Revolução de 30, com o Estado Novo de Getúlio Vargas.

³⁴ GUERRA, Abilio; CASTROVIEJO RIBEIRO, Alessandro José. Casas brasileiras do século XX. *Arquitextos*, São Paulo, 07.074, Vitruvius, jul 2006. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/07.074/335>, acesso em jun 2013.

³⁵ FICHER, Sylvia. Antonio Garcia Moya, um arquiteto da Semana de 22. MDC, mar 2012. Disponível em <http://mdc.arq.br/2012/03/20>, acesso em nov 2013.

³⁶ FRAMPTON, Kenneth. - *História crítica da arquitetura moderna*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

A influência da arquitetura moderna se dá, inicialmente, no campo das ideias, por intermédio da imprensa. O discurso era mais efetivo do que a prática arquitetônica. Em 1925, Rino Levi publica no *Estado de São Paulo* carta em que destaca a importância da “*praticidade e economia, da arquitetura de volumes, linhas simples, poucos elementos decorativos*”, além da necessidade de se pensar a “*estética de nossas cidades com alma brasileira*”³⁷. No mesmo ano, Gregori Warchavchik publica no Rio o artigo “Acerca da arquitetura moderna”, em que defende a standardização, a racionalidade construtiva e a casa “cômoda e barata”³⁸.

³⁷ LEVI, Rino, 1925 *apud* SAMPAIO, M.R.A. de. A promoção privada de habitação econômica e arquitetura moderna em São Paulo, 1930-1964. *In*: SAMPAIO, M.R.A. de (org.): A promoção privada de habitação econômica e arquitetura moderna, 1930-1964. São Paulo: Rima, 2002, p: 13-28..

³⁸ SAMPAIO, 2002..



Figura 12: Casa Modernista de Gregori Warchavchik, 1927
Fonte: <http://www.arquitetonico.ufsc.br/>

Embora consagrada a percepção da influência dos CIAM e da “Carta de Atenas” na arquitetura brasileira e, posteriormente em Brasília, Bittar (2005) observa que a primeira casa modernista, projetada por Gregori Warchavchik em 1927 em São Paulo, tem um vínculo mais próximo às

experiências “desenvolvidas por profissionais como Loos, em Viena – Casa Steiner, 1910 – ou Rietveld, em Utrecht – Casa Schroeder, 1924.”³⁹.



Figura 13: Casa Steiner de Adolf Loos, 1910

Fonte: http://www.greatbuildings.com/cgi-bin/gbi.cgi/Steiner_House.html/cid_20051213_kmm_img_7995.html

³⁹ BITTAR, William – Formação da arquitetura moderna no Brasil, 1920-1940. *Moderno e nacional*. 6º Seminário DOCOMOMO Brasil. Niterói, novembro, 2005. <<http://www.docomomo.org.br/seminario%20%20pdfs/William%20Bittar.pdf>>.

A casa Steiner, projetada por Adolf Loos em Viena em 1910, inicia uma série de obras onde é colocado em prática o conceito do *Raumplan*, ou “plano de volumes”, que cria uma complexa composição formal e ambientes internos dispostos livremente, tendo o prisma branco como matéria prima. A oposição feérica ao ornamento e a “tipificação arquitetônica” defendida por Adolf Loos dão contorno ao purismo que o sucederia alguns anos mais tarde.

Contudo, Loos poderia situar-se num meio termo. Frampton (1997) posicionava sua obra “entre a rusticidade confortável, por um lado, e a austera monumentalidade por outro”⁴⁰, dando grande contribuição à questão da construção residencial em massa a partir da utilização dos princípios do *Raumplan* como membro do Departamento da Construção de Moradias de Viena, de 1920 a 1922. Concluindo a análise da participação de Adolf Loos na conformação do purismo arquitetônico, Frampton afirma:

Acima de tudo, hoje Loos deve ser visto como o primeiro a postular o problema que Le Corbusier acabaria por resolver com o pleno desenvolvimento da planta livre. O problema tipológico proposto por Loos consistia em como conciliar a propriedade da massa platônica com a conveniência do volume irregular.⁴¹

Em dois importantes momentos do modernismo brasileiro, Le Corbusier esteve presente no país. Em 1929, em sua primeira viagem pela América Latina, conheceu os modernistas paulistas da Semana

⁴⁰ FRAMPTON, Kenneth – *História Crítica da Arquitetura Moderna*. São Paulo, Martins Fontes, 1ª edição, 1997, p: 106.

⁴¹ Idem, p: 109.

de 1922 e fez uma apresentação no Rio de Janeiro. Em 1936, participou dos projetos para a Cidade Universitária do Rio de Janeiro e para a sede do Ministério da Educação e Saúde, a convite de Lucio Costa e Gustavo Capanema.

Estabeleceu-se, assim, uma forte relação entre Le Corbusier e a arquitetura moderna no Brasil, influenciando tanto os jovens modernistas brasileiros quanto os arquitetos cariocas. É importante ressaltar que, conforme colocam Guerra e Castroviejo Ribeiro (2006), não foi o arquiteto de pensamento já estabelecido quem influenciou os modernistas brasileiros, mas sim “o jovem arquiteto – naquela ocasião muito mais um prosélito das promessas modernistas na ausência de realizações a oferecer – que para aqui veio no final da década de 20 e deslumbrou-se com a imensidão do território e o esplendor da mata virgem”⁴². O francês tornou-se eleito pelos brasileiros como modelo a ser seguido, graças à identificação com seu discurso.

Entre as décadas de 1940-50 a arquitetura moderna brasileira torna-se reconhecida internacionalmente, inicialmente através do pavilhão brasileiro na Exposição Mundial de Nova York (1939), de Lucio Costa e Oscar Niemeyer, e em especial com a exposição *Brazil Builds* no MoMA de Nova York (1943) e a publicação do livro *Modern Architecture in Brazil* (1956), de Henrique Mindlin, em inglês, francês e alemão. Neste período, diversos talentosos arquitetos atuavam no Brasil, especialmente em São Paulo – Gregori Warchavchik (1896-1972), Rino Levi (1901-1965), Jacques

⁴² GUERRA, CASTROVIEJO RIBEIRO, *Op. Cit*, 2006.

Pilon (1905-1962), Bernard Rudofsky (1905-1988), Giancarlo Piretti (1906-1977), Oswaldo Bratke (1907-1997), Henrique Mindlin (1911-1971), Lina Bo Bardi (1914-1992), entre outros – e no Rio de Janeiro – Lucio Costa (1902-1998), Oscar Niemeyer (1907-2012), Affonso Reidy (1909-1964), Atílio Corrêa Lima (1901-1943), Carlos Leão (1906-1983), Jorge Moreira (1904-1992), Marcelo Roberto (1908-1964) e Milton Roberto (1914-1953), Álvaro Vital Brasil (1909-1997), entre outros. Com exceção de Lucio Costa, Niemeyer e Reidy, todos os demais arquitetos eram estrangeiros, o que evidencia a convergência entre os aspectos de brasilidade e internacionalismo da arquitetura produzido no país. O resultado é uma arquitetura de caráter eminentemente brasileiro, referenciada até os dias de hoje. As características particulares e quase canônicas de nossa arquitetura estão claramente presentes em obras como a de Rino Levi (residência Olivo Gomes, São José dos Campos, 1949), Lina Bo Bardi (Casa de Vidro, São Paulo, 1949), Affonso Reidy (residência de Carmem Portinho, Rio de Janeiro, 1950), Oswaldo Bratke (residência Bratke, São Paulo, 1951), Jorge Moreira (residência Antônio Ceppas, Rio de Janeiro, 1951), Oscar Niemeyer (Casa Canoas, Rio de Janeiro, 1953) (GUERRA e CASTROVIEJO RIBEIRO, 2006).



Figura 14: Residência do Arquiteto, Bairro Morumbi, São Paulo SP, 1951. Arquiteto Oswaldo Arthur Bratke.
Fonte: GUERRA E CASTROVIEJO RIBEIRO, 2006.



Figura 15: Casa Olivo Gomes, São José dos Campos, SP, 1949. Arquiteto Rino Levi.
Fonte: GUERRA E CASTROVIEJO RIBEIRO, 2006.



Figura 16: Residência Lina Bo Bardi (Casa de Vidro), São Paulo, SP, 1949. Arquiteta Lina Bo Bardi.
Fonte: GUERRA E CASTROVIEJO RIBEIRO, 2006.



Figura 17: Residência Carmen Portinho, Rio de Janeiro, RJ, 1950. Arquiteto Afonso Eduardo Reidy.
Fonte: GUERRA E CASTROVIEJO RIBEIRO, 2006.

Neste panorama, a formação e a consolidação da arquitetura moderna brasileira foram marcadas principalmente por⁴³:

- busca constante da síntese entre os princípios modernos europeus – fortemente influenciados por Le Corbusier – e a tradição construtiva colonial brasileira. Apesar do largo uso do concreto e da ortogonalidade, também foram incorporados e reinterpretados outros elementos, adotando-se materiais – madeira, tijolo e metal – e formas – como as curvas de Oscar Niemeyer – diferenciados;
- relação harmoniosa com a paisagem tropical, observada na preocupação com a integração entre espaços interiores e exteriores, entre a arquitetura e paisagismo; cujo expoente maior foi Roberto Burle Marx (1909-1994).
- identificação entre a modernização da arquitetura e o desenvolvimento econômico do Brasil. Destaca-se, nesse sentido, o engajamento compulsório de alguns arquitetos, como Rino Levi, na estruturação de uma indústria brasileira da construção, ainda incipiente até a década de 1950.

⁴³ GUERRA E CASTROVIEJO RIBEIRO, 2006. *Op. Cit.*

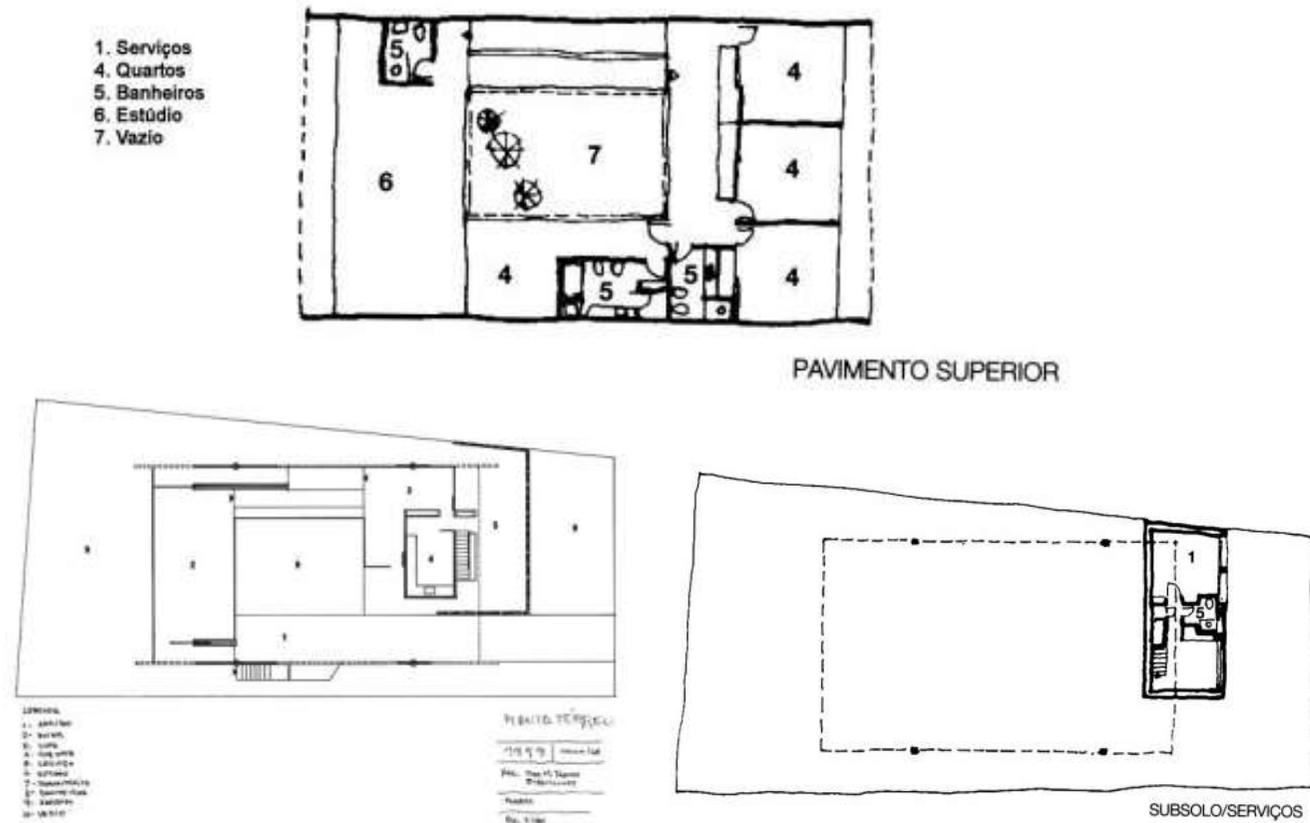


Figura 18: Residência José Mário Taques Bittencourt, São Paulo SP, 1960. Arquitetos João Vilanova Artigas e Carlos Cascardi. Nesta casa, a tradicional edícula brasileira é abolida e dá espaço a um único corpo, composto por uma laje apoiada em duas paredes estruturais e um pátio interno, no qual são integrados todos os compartimentos.

Fonte: GUERRA E CASTROVIEJO RIBEIRO, 2006.

O período compreendido entre as décadas de 1940 e 1960 – entre a Segunda Guerra Mundial e a construção de Brasília – foi marcado por um forte processo de urbanização e industrialização no Brasil. A arquitetura moderna responde a esse momento, aproveitando os novos recursos tecnológicos. A maneira como edifícios e conjuntos residenciais eram implantados é repensada, buscando-se, ao mesmo tempo, uma maior eficiência e a adequação a um novo momento social em que o país vivia. Conforme Reis Filho, as obras mais representativas da arquitetura moderna que surgiram a partir dessa época propunham uma “ampla revisão, com a qual seria tentada uma sintonia entre as possibilidades crescentes da estrutura industrial e as exigências cada vez mais complexas do meio”⁴⁴.

Após o final da Segunda Guerra, surgiram alguns conjuntos de apartamentos com propostas de implantação inovadoras: Parque Guinle (1943) e Conjunto Residencial Mendes de Moraes (Pedregulho, 1947), no Rio de Janeiro; Edifício Louveira (1946), em São Paulo. No Parque Guinle, Lucio Costa dispõe os edifícios em lâmina de modo a, ao mesmo tempo, valorizar o parque e integrá-los à paisagem.

O crescimento demográfico observado nesse período leva à produção de prédios de apartamento. As mudanças nas relações entre lote urbano e arquitetura se transforma significativamente, passando da

⁴⁴ REIS FILHO, Nestor Goulart. Quadros da Arquitetura no Brasil. Coleção Debates. 10a Edição. São Paulo: Editora Perspectiva, 2004. p. 88.

propriedade do lote para a “quota-parte ideal” - a parte que cabe a cada proprietário sobre as áreas comuns do edifício.



Figura 19: Parque Guinle, Rio de Janeiro, 1943.

Fonte: <http://mdc.arq.br/2009/06/02/os-blocos-de-superquadra-um-tipo-da-modernidade/>, acesso em jul 2013.

No Edifício Louveira, Vilanova Artigas utiliza dois blocos isolados com um jardim intermediário, que toma partido de sua localização em relação à praça. Affonso Eduardo Reidy, com as residências para funcionários da prefeitura projetadas no complexo do Pedregulho, produz um esboço do que viria a

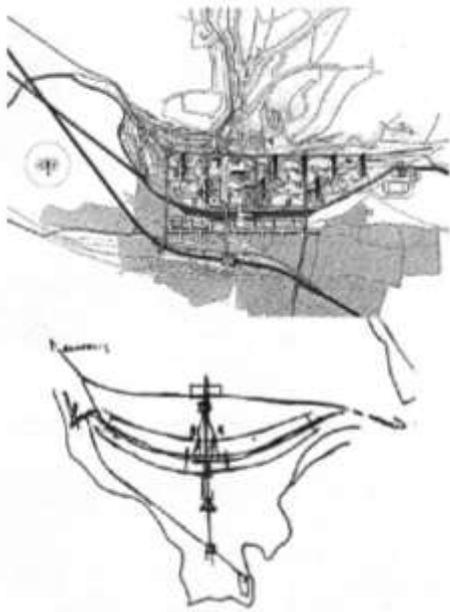


Figura 20: Le Corbusier, urbanização de Saint Dieux, 1945 e Lucio Costa, Plano Piloto de Brasília, 1957.

Fonte: FICHER e PALAZZO, 2005, p. 68.

ser a Unidade de Vizinhança⁴⁵, dadas principalmente as dimensões do terreno disponível e a escala do programa, que ultrapassava um programa de habitação e incluía também equipamentos de uso comum, como escola primária, ambulatório, mercado e área de esportes.

Rompendo com o padrão existente, esses eram edifícios de apartamentos que não tinham mais o tradicional *quintal*, herdado das unidades individuais, estabelecendo-se uma nova relação entre arquitetura e lote urbano e novos modelos de habitação e de implantação. Observe-se que os exemplos citados se tratam de projetos cujo público-alvo era a classe média alta. Entretanto, as experimentações arquitetônicas da época fariam eco também nos projetos voltados à baixa renda.

2.1. O Concurso do Plano Piloto

Em 1956, com a posse de Juscelino Kubitschek, foi criada a “Companhia de Urbanização da Nova Capital – NOVACAP”, que organizou o concurso para o plano piloto da nova capital. Dos 26 concorrentes, seis projetos foram premiados, ficando o de Lucio Costa em primeiro lugar.

As transformações sociais e econômicas do país e a difusão de uma nova maneira de morar, adequada aos novos tempos permeiam o contexto do seu lançamento, a partir do próprio edital.

⁴⁵ A unidade de vizinhança é uma área residencial relativamente autônoma. Os equipamentos de uso coletivo e a oferta de bens e serviços aos moradores estão localizados nos limites da área residencial.

Quando foi aberto o concurso o pensamento urbanístico vigente refletiu-se nas propostas apresentadas. Em sua maioria, os projetos tinham características do urbanismo funcionalista, deduzido da “Carta de Atenas” de Le Corbusier, de 1943. Ao analisar os projetos apresentados, podemos ter acesso aos principais paradigmas urbanísticos que se propunha naquele momento.

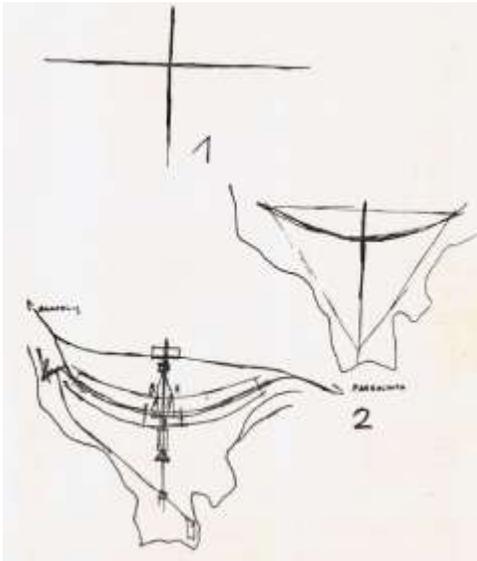


Figura 21: Croquis do Plano Piloto de Brasília, Lucio Costa
Fonte: COSTA, 1956

O projeto vencedor, de Costa, era a somatória de uma “versão beaux-arts” e monumental de cidade linear, soluções rodoviaristas para a circulação urbana e forte setorização, tudo isso tendo como parâmetro maior o repertório corbusiano, em especial a *ville contemporaine* (1922) e o estudo para reconstrução de Saint-Dié (1945) (FICHER, PALAZZO, 2005).

Brasília representa o esforço mais sério que já se fez em nosso país, no sentido de enfrentar a questão do lote urbano e arquitetura (REIS FILHO, 2004). O concurso do Plano Piloto trouxe à tona propostas inovadoras para o planejamento urbano no Brasil, especialmente por demandar a resolução simultânea de problemas arquitetônicos e urbanísticos.

Os principais projetos apresentados tinham, com diferentes enfoques, grande compromisso com a “Carta de Atenas” e as experiências de urbanismo moderno mais recente. Os concorrentes exploravam a verticalização, os sistemas viários racionalizados – com qualidade para o pedestre, velocidade para os veículos e uso de transportes mecânicos –, a implantação ordenada e o favorecimento do acesso à luz, ao ar e ao sol (TAVARES, 2004).

A evolução observada no campo urbanístico esteve diretamente acompanhada de novos modos de se fazer arquitetura, incorporando-se, além dos pensamentos vigentes, novas tecnologias.

O projeto do Plano Piloto elaborado por Lucio Costa tem sua concepção urbana organizada em função da integração de quatro escalas distintas: monumental, gregária, bucólica e residencial ⁴⁶. Entendendo que uma descrição pormenorizada do Projeto de Brasília será redundante, restringiremos este capítulo a uma leitura das principais escalas do projeto, em particular à escala residencial, objeto principal deste trabalho.

A escala monumental, inerente à função de capital federal, é disposta ao longo do eixo rodoviário homônimo. Segundo Lucio Costa,

Foi introduzida através da aplicação da “técnica milenar dos terraplenos” (Praça dos Três Poderes, Esplanada dos Ministérios), da disposição disciplinada porém rica das massas edificadas, das referências verticais do Congresso Nacional e da Torre de Televisão e do canteiro central gramado e livre da ocupação que atravessa a cidade do nascente ao poente⁴⁷.

A escala gregária surge da interseção dos dois eixos, concentrando usos e equipamentos diversos que incentivariam o convívio e a interação social, tendo como marco principal a plataforma rodoviária.

A escala bucólica, por sua vez, é composta pela arborização característica e entranhada no próprio desenho das Superquadras e dos eixos rodoviários, que de acordo com Lucio Costa, “se faz sentir na

⁴⁶COSTA, Lucio. Brasília Revisitada. Brasília: Diário Oficial do Distrito Federal – Decreto nº 10.829 de 14 de outubro de 1987.

⁴⁷ COSTA, *ibidem*, p. 02.

passagem, sem transição, do ocupado para o não-ocupado — em lugar de muralhas, a cidade se propôs delimitada por áreas livres arborizadas”⁴⁸.

Por fim, a escala residencial contempla, no projeto original, as Superquadras residenciais intercaladas pelas entrequadras comerciais, dispostas a Leste (quadras 200)⁴⁹ e a oeste (quadras 100 e 300) do Eixo Rodoviário no sentido norte-sul, cruzando o Eixo Monumental e compondo a figura emblemática e primordial do gesto de quem “assinala um lugar ou dele toma posse”.⁵⁰ As Unidades de Vizinhança, compostas por quatro quadras residenciais, os comércios locais e as áreas institucionais, compõem o princípio da escala residencial de Brasília.

O conceito primordial da escala residencial de Brasília está na urbanidade pretendida por Lucio Costa ao propor sua versão de Unidade de Vizinhança como “módulo agenciador da trama urbana”. Como bem observam Gorovitz e Ferreira,

o princípio era, ao conferir autossuficiência à UV, engendrar a convizinhança desejada, além de dispor, numa distância acessível a pé, todas as facilidades necessárias à vida cotidiana e, concomitantemente, salvaguardar este território

⁴⁸ COSTA, Lucio , 1987, p. 03.

⁴⁹ Lembramos que As quadras 400 compõem um conjunto de modificações posteriores no projeto original, que será abordado mais à frente.

⁵⁰ COSTA, Lucio, *op.cit.*. p.04.

da influência do tráfego de passagem. O comércio local e a escola constituiriam igualmente pontos de encontro.⁵¹

As *Superquadras*, solução adotada para as residências coletivas, compreendiam quadras com 11 blocos de apartamentos, todos eles com acesso para automóveis, via de serviço e sistemas para pedestres, nos percursos que levariam aos parques, às áreas de recreação, ao comércio e aos demais blocos, sem necessariamente atravessar a via de veículos. Os edifícios deixavam uma grande área livre já que o térreo era em pilotis. A composição homogênea e clara não dava lugar às “frentes e fundos” e aos “pseudoquintais”. A cada quatro Superquadras era constituída uma Unidade de Vizinhança (U.V.). Enquanto na escala das Superquadras, entre os edifícios, estavam equipamentos mínimos como escolas primárias, parques infantis e pequenos comércios, na escala da U.V. encontraríamos equipamentos com funções mais amplas, e que atenderiam a maior número de pessoas: supermercados, cinemas, creches e igrejas. Com as Superquadras, a noção de lote urbano é alterada. Não se vendiam lotes mas projeções de edifícios, com limite de altura pré-determinado, sem a velha noção de “quota-parte ideal de terreno”⁵².

Em Brasília observou-se o surgimento de uma nova paisagem urbana, apesar de por muito tempo o paisagismo ter sido praticamente esquecido (REIS FILHO, 2004). De toda sorte, a experiência da

⁵¹ GOROVITZ, Matheus & FERREIRA, Marcílio M. – *A Invenção da Superquadra*. Brasília, IPHAN, 2010.

⁵² Parte que caberia a cada proprietário.

nova capital federal apontou os caminhos possíveis para a arquitetura urbana brasileira. A pré-fabricação trouxe novas perspectivas, especialmente a produção em larga escala e de maneira racionalizada dos edifícios e novos esquemas de implantação. O Plano Piloto apresenta soluções inovadoras para a integração de funções, ainda que dentro de um sistema de setorização relativamente rígido, e elementos espaciais que influenciaram, direta ou indiretamente, as propostas mais importantes que surgiram no Brasil e no exterior desde então.

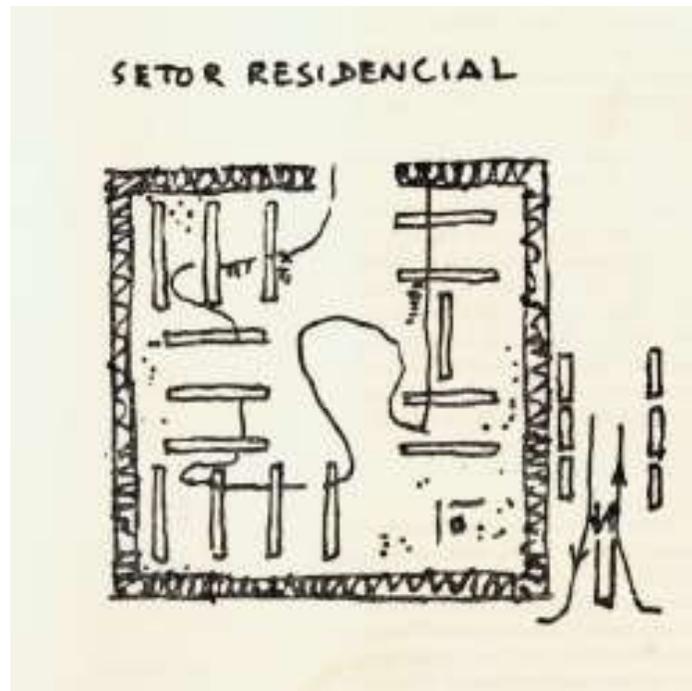


Figura 22: Croquis da implantação da superquadra, Lucio Costa.
Fonte: COSTA, 1956

Entretanto, o projeto do Plano Piloto de Brasília não pode ser reduzido a uma materialização do receituário modernista *corbusiano*. Holanda afirma que

o projeto de Lucio Costa contrasta estruturalmente com os demais do concurso. É marco indelével do urbanismo do século XX, mas o arquiteto reinventa o receituário. Incorpora elementos históricos: perspectivas barrocas, terraplenos monumentais, gregarismo colonial brasileiro, acrópole cerimonial, cidade linear, cidade jardim, urbanidade de áreas comerciais. Uma cidade “pós-moderna” *avant la lettre*, distinta das manifestações urbanísticas modernas no resto do mundo.⁵³

Seu grau de complexidade e suas referências históricas transcendem portanto essa arriscada redução teórica.

2.2. A ocupação de Brasília e as modificações no projeto original

Analisando o edital para o concurso do projeto para a nova capital, pode-se depreender que a intenção era, desde o início, um projeto que tivesse um caráter eminentemente orientativo, ao propor um “traçado básico da cidade, indicando a disposição dos principais elementos da estrutura urbana, a localização e interligação dos diversos setores, centros, instalações e serviços, distribuições dos

⁵³ HOLANDA, p:90.

espaços livres e vias de comunicação em escala 1:25.000⁵⁴. Verifica-se no edital, segundo Carpintero, que

Tratava-se de um concurso de ideias, o desenvolvimento do projeto vindo posteriormente e correspondia ao prazo de 120 dias referido no item 9, no sentido da urgência da construção. O relatório de Lucio Costa respondeu perfeitamente a necessidade levantada.⁵⁵

Assumindo como premissa indelével da sua proposta o caráter de *piloto*, algo a ser desenvolvido e aperfeiçoado, é compreensível que modificações, correções e adaptações tenham sido feitas antes e durante a implantação do projeto inicial.

Imediatamente após a realização do concurso, a NOVACAP revisa o projeto sugerindo uma série de mudanças na proposta original. Sir William Halford, membro da Comissão Julgadora do concurso, apresentou algumas notas referentes ao projeto de Lucio Costa (CARPINTERO, 1998):

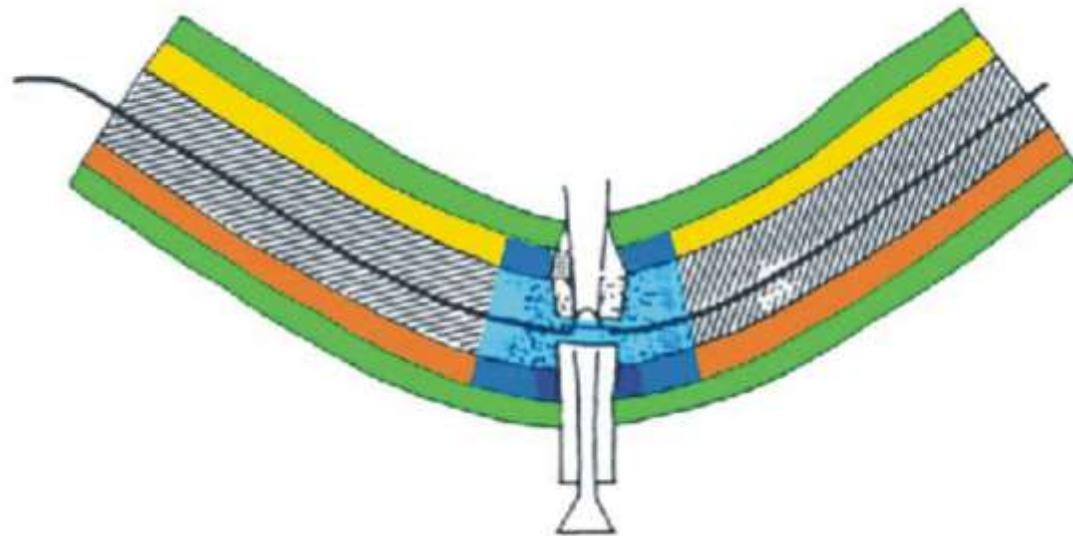
1. Demasiada quantidade indiscriminada de terra entre o centro governamental e o lago.
2. O aeroporto talvez tenha de ser mais afastado.
3. A parte mais longínqua do lago e as penínsulas não são utilizadas para habitações.

⁵⁴ TAVARES, Jeferson. *Projetos para Brasília e a cultura urbanística nacional*. Dissertação de mestrado. EESC – USP, 2004.

⁵⁵ CARPINTERO, Antonio C. Cabral – *Brasília: Prática e Teoria Urbanística no Brasil, 1956-1998*. Tese de Doutorado, USP, 1998, p:62.

4. Não especificação do tipo de estradas regionais, especialmente com relação a possíveis cidades satélites.

Como efeito direto da observação feita no item 1, a cidade foi deslocada em direção ao leste ampliando a área para residências. Os lotes das habitações individuais, inicialmente previstos para a faixa de terra entre o final das embaixadas e o Lago Paranoá, foram transferidos para as penínsulas e para a outra margem. Foi criada uma nova sequência de quadras residenciais econômicas a leste do Eixo Rodoviário (quadras 400), com blocos de três pavimentos, inicialmente sem elevador.



-  1. Inserção de uma faixa de quadras de casas geminadas
-  2. Inserção de uma faixa de superquadras econômicas compostas de blocos de três pavimentos
-  3. Ampliação do centro urbano
-  4. Inserção de uma faixa de quadras para usos institucionais

Figura 23: Alterações no traçado do Plano Piloto de Brasília
Fonte: SEDHAB/GDF

Dentre as alterações realizadas no projeto original, destaca-se nesse período a alteração de uso das quadras 700, localizadas na margem oposta às quadras 500, ao longo de toda a via W3. Anteriormente destinada para hortas e pomares, essa área nunca foi implantada, sendo mencionada textualmente e delimitada de maneira genérica na planta geral contida no “Relatório do Plano Piloto de Brasília”. Em seu lugar foram construídas casas geminadas para abrigar os primeiros técnicos que se transferiram para a capital, já em 1958 (quadras 700).

(...) Ao fundo das quadras estende-se a via de serviço para o tráfego de caminhões, destinando-se ao longo dela a frente oposta às quadras à instalação de garagens, oficinas, depósitos de comércio em grosso etc., e reservando-se uma faixa de terreno, equivalente a uma terceira ordem de quadras, **para floricultura, horta e pomar** (...) ⁵⁶
(grifos meus).

Logo após a escolha do plano urbanístico em março de 1957, Niemeyer e sua equipe passou a trabalhar em projetos de urgência como a construção de casas para funcionários públicos transferidos do Rio de Janeiro. Como as Superquadras já estavam destinadas à construção de blocos

⁵⁶ COSTA, 1957.

residenciais, alguns trechos compreendidos entre as quadras 707 e 712 Sul foram escolhidos como sítio ideal para construção de quinhentas unidades residenciais para a “Fundação da Casa Popular”⁵⁷.



Figura 24: Maquete mostrando as quadras SQS 307/308, 507/508 e 707/708 à esquerda.
Fonte: Arquivo Público do Distrito Federal

⁵⁷ A Fundação da Casa Popular (FCP) foi fundada em 1946 com o objetivo de atender à população que não participava do mercado formal de trabalho, não tendo acesso às políticas habitacionais dos IAPs. Atuava no financiamento e, em alguns casos, na construção de casas populares.

Em Brasília, principalmente, os Institutos de Aposentadorias e Pensões (IAPs) foram responsáveis por inovações tipológicas e pela introdução sistemática de novos conceitos para espaços habitacionais tanto na escala arquitetônica quanto urbanística. Os IAPs e a Fundação da Casa Popular atuaram na capital federal como os principais agentes financiadores das construções residenciais, já que os recursos governamentais se concentravam nas grandes obras públicas.

Em função dos prazos exíguos na construção de Brasília, uma grande quantidade de habitações deveria ser construída para receber os funcionários públicos na nova capital, coube aos IAPs o papel fundamental de financiar a construção das primeiras quadras residenciais, cada qual para sua categoria específica. Devido à vinculação dos Institutos com o Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio, sua participação no processo foi praticamente compulsória. Segundo Machado,

a receita desses Institutos era proveniente de três fontes: de um desconto mensal do trabalhador, de uma contribuição compulsória do empregador e de uma parcela do governo igual à soma das duas anteriores. Porém, como a parte do governo nunca tinha sido repassada para os institutos, Juscelino Kubitschek se ofereceu para saldar os atrasados desde que este dinheiro fosse aplicado, em sua grande parte, na construção de apartamentos na nova Capital. Segundo diversos depoimentos, os institutos foram praticamente obrigados a participar da construção de Brasília. E foi assim que se financiou a construção das Superquadras de Brasília⁵⁸.

⁵⁸ MACHADO. *Op. cit.*

É neste contexto que são construídas as casas unifamiliares, objeto de estudo desta dissertação. Já em 1957 são iniciadas as obras das primeiras quadras residenciais sob responsabilidade de alguns IAPs e da FUNCAP – Fundação da Casa Própria, dentre as quais alguns conjuntos de casas unifamiliares ao longo da Via W3 Sul, cujas primeiras 500 unidades seriam entregues em 1958.

3. As quadras 700 e sua forma urbana

Não se trata de uma capital de província, mas da capital federal de um grande país, razão pela qual não deveria ser confundida com “uma cidade moderna qualquer”.

Phillipe Panerai

O capítulo AS QUADRAS 700 E A FORMA URBANA trata dos precedentes históricos dos conceitos da forma do bairro e sua inserção no desenho da cidade. A identificação dos paradigmas urbanísticos no projeto do Plano Piloto e a relação entre eles e as quadras 700 servem como base para a compreensão da construção de uma identidade própria do bairro e a relação do morador com os espaços públicos. Para isso, é apresentado um inventário dos projetos urbanísticos orginais das quadras com as informações disponíveis sobre sua autoria e data de implantação.

3.1. Paradigmas urbanísticos e o Plano Piloto

O pensamento urbanístico da década de 1950 estava impregnado de reflexões e realizações difundidas internacionalmente, o que Kuhn (1970, *apud* FICHER e PALAZZO, 2005) considerava como os “paradigmas vigentes no campo da urbanística”. Os teóricos que tratavam da forma urbana tinham na cultura então compartilhada as ferramentas necessárias para sua prática no desenho de espaços urbanos.

O crescimento urbano observado entre fins do século 14 e meados do século 20 trouxe três recorrentes soluções que buscavam equacionar o problema da forma urbana: *intervenção em cidades já consolidadas; propostas para ampliação de cidades que apresentavam rápido crescimento populacional; e criação de novos modelos de cidade*. A partir do final do século 19, modelos inusitados começam a surgir e ser aplicados em novas cidades, novos bairros e obras de intervenção (*urban renewal*)⁵⁹.

As intervenções realizadas no século 20 em cidades de maior porte, com demolição e reconstrução de extensivas parcelas urbanas, eram em grande parte inspiradas nas obras de Haussmann para Paris. A chamada *urban renewal* tinha como objetivo valorizar bairros degradados e reorganizar o sistema viário, especialmente em cidades europeias logo após a Segunda Guerra Mundial. Esse

⁵⁹ FICHER e PALAZZO, 2005.

paradigma é relevante no caso de Brasília por ter influenciado o caráter rodoviarista que a cidade possui.

Houve crescente preocupação com a especialização de vias de tráfego e separação entre pedestres e veículos, especialmente com a introdução de grandes infraestruturas rodoviárias no tecido urbano tradicional. Essas rodovias rompem com a coesão e continuidade da malha urbana, com tendência ao que se poderia denominar como “urbanismo rodoviarista”.

A cidade linear, proposta originalmente por Soria y Mata para a extensão de Madri (1882), era entendida como a “solução genérica para a cidade contemporânea”. Segundo Trevisan⁶⁰, refere-se à distribuição de um assentamento ao longo de uma linha traçada conforme o sistema de circulação adotado, de modo a ordenar o crescimento então irregular das cidades, sem desconfigurar seus centros históricos, como já havia ocorrido em Paris e Viena. Brasília notadamente tem sua linearidade atestada em seus primeiros traços. Dois eixos que se cruzam conformando o traçado das vias a partir das quais a cidade se desenvolve.

Seus princípios foram adotados por Tony Garnier (*cité industrielle*, 1901/4) e Le Corbusier (Rio de Janeiro, 1929; Argel, 1930 e na *cité lineaire industrielle*). Assim como no urbanismo, percebe-se sua influência na arquitetura, como no Conjunto Pedregulho de Reidy (1948), no Rio de Janeiro; no

⁶⁰ TREVISAN, 2003.

Conjunto Residencial Forti di Quezzi de Luigi Daneri (1960), em Gênova; no Instituto Central de Ciências da Universidade de Brasília (1962), de Niemeyer, este último quase como uma “maquete” do Plano Piloto.

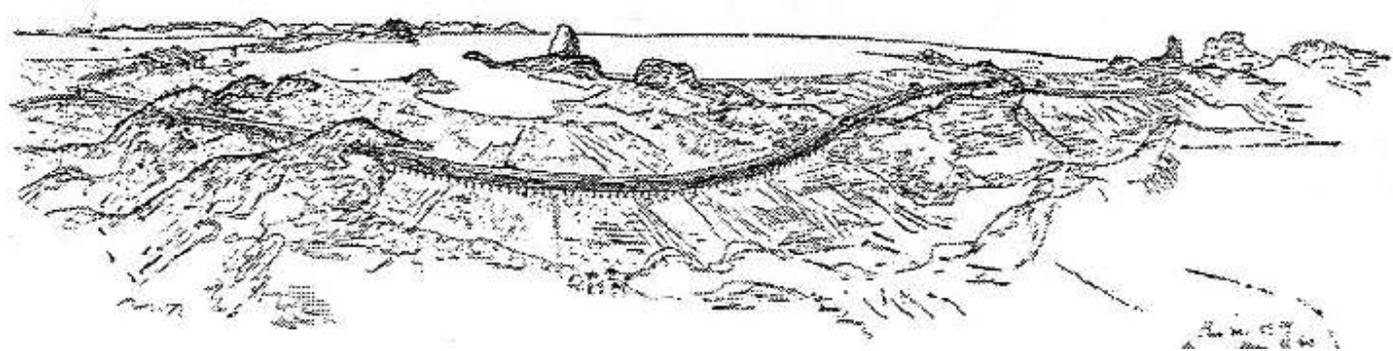


Figura 25: Le Corbusier, projeto para o Rio de Janeiro, 1929

Fonte: FICHER e PALAZZO, p. 57.

O crescimento da urbanização trouxe a necessidade de se repensar a maneira como carros e pessoas circulavam pela cidade. Logo no início do século 20, acreditava-se que a solução para essa questão seria a separação entre o tráfego de pedestres e o de veículos, gerando uma especialização das vias. Olmsted e Vaux adotaram esse princípio no Central Park (1853), assim como Eugène Hénard na *Rue Future* (1910), mas seu grande defensor foi Le Corbusier, que em 1953 apresentou um estudo sobre “*La règle des 7V*”, bastante utilizado por Lucio Costa no projeto para Brasília.

Além da especialização das vias, outro princípio ligado à renovação urbana era o do rodoviarismo. O foco eram as soluções rodoviárias, com a alta velocidade que as estradas de rodagem possibilitam no

contexto urbano. Caracteriza-se pelas vias expressas, trevos, viadutos e um conjunto de obras de *urban renewal*. Para Ficher e Palazzo (2005), esse paradigma é responsável pela devastação de vastas áreas de tecido urbano consolidado, assim como por altos índices de acidentes de trânsito. Na década de 1970, com a crise do petróleo, esse paradigma foi bastante criticado em decorrência dos gastos energéticos que demandava. Sua efetividade também foi duramente criticada, como a “*highway*: caminho mais rápido para se chegar a um congestionamento” (FICHER e PALAZZO, 2005, p. 55). Em “New City Patterns”, de 1946, Sanders e Rabuck trazem um roteiro de como deve ser aplicado esse paradigma.

Ainda conforme Ficher e Palazzo, a ampliação das cidades, *ensaches*, acontecia pela *expansão do tecido urbano existente*, pela *criação de subúrbios* ou pela *criação de cidades satélites*. Algumas *ensaches* que se destacaram foram a de Barcelona, projetada por Cerdá em 1859, e os estudos para Amsterdã, elaborados por Berlage entre 1913 e 1934.⁶¹

Com o crescimento das cidades, novos bairros residenciais foram surgindo, distantes dos centros urbanos, os chamados subúrbios. Esses novos espaços não eram concebidos como embriões de futuras novas cidades, mas sim como locais diferenciados na malha urbana da cidade, com status e valor imobiliário também diversos daqueles do centro urbano.

⁶¹ FICHER e PALAZZO, 2005.

Inicialmente presentes em Llewellyn Park (1853) e Riverside (1865), nos Estados Unidos, esses subúrbios tiveram seu conceito desenvolvido por Ebenezer Howard na ideia de *garden city*⁶². O conceito de *garden city* está relacionado aos subúrbios que surgiram nos Estados Unidos e Canadá da década de 20, como morada de famílias de classe média ou alta que saíam dos grandes centros em busca de maior segurança e tranquilidade.

Constituíam-se, assim, áreas de malha viária e parcelamento que não previam o adensamento progressivo ou a alteração do uso do solo, com baixa densidade populacional, habitações de reduzidos gabarito e índice de aproveitamento do terreno.

O principal instrumento de organização da distribuição de atividades já consolidadas no espaço urbano era o zoneamento, que difere-se de outras intervenções por não ser meramente física. Busca organizar as atividades em áreas diferenciadas, com regulamentações específicas quanto ao uso e ocupação permitidos nas edificações. Esse paradigma já estava presente em Nova York desde o início do século 20, mas ganhou força com o “entendimento funcional da cidade”, estabelecido na “Carta de Atenas” e aplicado fortemente em Brasília com a setorização da cidade.

Exemplos de urbanismo baseado na monumentalidade existem desde Roma, com o tratamento cenográfico dado aos espaços da velha cidade. É o caso de sua entrada monumental, a Piazza del

⁶² Derivado do conceito de Cidade-Jardim, os Subúrbios-Jardim idealizados por Raymond Unwin e Richard Barry Parker (discípulos de Howard) foram difundidos não somente na Inglaterra como em inúmeros países mundo afora.

Popolo. A partir do século 17, o largo gerado a partir da confluência de três avenidas criava efeitos de perspectivas singulares, gerando a forma de “pata de ganso” – como fica conhecida a praça. Essa concepção tornou-se comum na criação de espaços monumentais a partir do século 17⁶³. Ao final do século 19, a arquitetura acadêmica nos Estados Unidos, que veio ganhando espaço com a “Exposição Internacional de Colombo”, em Chicago, traz o *City Beautiful Movement*. A proposta desse movimento está fortemente presente no “detalhado e elegante plano para Chicago” que Burnham e Bennett elaboraram entre 1907 e 1909. No século 20, a monumentalidade continua tendo papel de destaque tanto para cidades novas quanto para intervenções urbanas, como nos projetos de Griffin para Canberra (1912), de Otto Wagner para Viena (1910-11) e de Eiel Saarinen para Helsinque (1918).

⁶³ Como por exemplo, o plano de Versalhes (1671), o projeto não executado de reconstrução de Londres (1666), o projeto para a cidade nova de Karlsruhe (1715), o plano para Washington (1791), e o projeto de Aarão Reis para Belo Horizonte (1893).



Figura 26: Piazza del Popolo, Roma.

Fonte: www.roma-o-matic.com. Acessado em 20/10/2013.

Com a chegada do Movimento Moderno, a monumentalidade ligada ao urbanismo acadêmico mantém sua relevância, manifesta em princípios como a regularidade, a simetria e as edificações

isoladas, presentes na *ville contemporaine* de Le Corbusier (1922) e no estudo de Lucio Costa para a Cidade Universitária do Rio de Janeiro (1937).

Em Brasília, ao contrário do que sugere Foura⁶⁴, apesar de serem observados exemplos de contradições entre urbanismo e arquitetura monumentais e tradicionais/domésticos, sua proposta inovadora traz exemplos de coexistência entre ambos, como as próprias quadras 700 Sul.

A composição monumental trabalha com princípios organizados a partir da relação de cheios e vazios e de sua diferenciação em relação ao tecido do restante da cidade, tais como eixos reguladores, organização geométrica, simetria, isolamento das partes, disposição regrada de volumes e marcação de pontos focais com edifícios imponentes e obras de arte. No caso de Brasília, a monumentalidade era a feição essencial da cidade, tendo sido prevista no edital do concurso como premissa fundamental de projeto. Todavia, a monumentalidade na escala residencial da cidade, sofre um hiato ao inserir em seu tecido blocos de casas geminadas, predominantemente térreas, tal qual as vilas operárias inglesas do século 19.

⁶⁴ FOURA, S/D.

3.2. Novo setor, velhos modelos

Para Lamas, a *morfologia* pode ser definida como o “estudo da forma urbana ou o estudo dos aspectos exteriores do meio urbano, por meio do qual se coloca em evidência a passagem e sua estrutura”⁶⁵. Esse tipo de estudo, conforme o autor, deve ser realizado a partir da análise dos elementos morfológicos que constituem esta forma, unidades associadas e estruturadas vinculadas a um conjunto, tais sejam: o solo, os edifícios, o lote, o quarteirão, as fachadas, os logradouros, o traçado, as ruas, as praças, os monumentos, a vegetação e o mobiliário. A morfologia trabalha com o tecido e escala urbanos, analisando os elementos morfológicos que compõem um conjunto e articulando-os entre si.

A força da proposta da Unidade de Vizinhança (UV) de Lucio Costa como materialização de um novo conceito de morar dentro dos preceitos do urbanismo moderno permeia grande parte dos trabalhos que abordam a arquitetura residencial de Brasília, no âmbito do Plano Piloto. Gorovitz e Ferreira (2005) reconhecem a UV como “módulo agenciador da trama urbana”. Costa e Lima (1985) corroboram a relevância da superquadra ao afirmar que mesmo no início da implantação da cidade, quando os setores correspondentes pela escala gregária ainda não haviam sido construídos, a superquadra teria garantido

⁶⁵ LAMAS, 1992, *apud* ARAGÃO, 2006, p.30

não apenas uma individualidade formal mas o embrião de uma forma de viver inteiramente diferente das demais cidades brasileiras. Quando a nova capital era ainda pouco mais que uma semente urbana plantada na vastidão vazia do Planalto Central, sua presença já se impunha “em escala definitiva”. Esta decorrência da concepção do plano piloto ter sido “imbuída de uma certa dignidade e nobreza de intenção” e o fato de ser inovadora – tanto plástica como estruturalmente – e inovadora com raízes profundamente brasileiras, certamente contribuiu para que, ao primeiro entrave, a capital não tenha retornado ao litoral.⁶⁶

O próprio autor do projeto deixa claro, no texto *Brasília Revisitada* (1987), que sua concepção daquilo que chamou de “escala residencial” contemplava apenas a superquadra.

A escala residencial, com a proposta inovadora da superquadra, a serenidade urbana assegurada pelo gabarito uniforme de seis pavimentos, o chão livre e acessível a todos através do uso generalizado dos pilotis e o franco predomínio do verde, trouxe consigo o embrião de uma nova maneira de viver, própria de Brasília e inteiramente diversa das demais cidades brasileiras.⁶⁷

Depreende-se, portanto, que as casas unifamiliares geminadas existentes das quadras 703 à 715, desde o início da cidade, à época do texto acima continuavam sendo desconsideradas pelo autor na definição desta escala. Esta opção talvez tenha sido contextual, visto que no documento citado acima a descrição das quatro escalas cumpre um objetivo didático, “revisitando” os conceitos originais como

⁶⁶ COSTA, Maria Elisa e LIMA. Adeildo Viegas. Brasília 57-85. - Do Plano Piloto ao Plano Piloto. Brasília.:TERRACAP/GDF,1985, p. 47.

⁶⁷ COSTA, Lucio. 1987, p. 02.

justificativa para as propostas de adequação da cidade às questões que se lhe apresentavam à época, exatos trinta anos da realização do concurso que culminou na escolha do seu projeto para a capital federal. Lucio Costa é ainda mais claro ao ratificar adiante a prevalência do modelo adotado nas Unidades de Vizinhança em detrimento dos modelos tradicionais:

A proposta de Brasília mudou a imagem de "morar em apartamento", e isto porque morar em apartamento na Superquadra significa dispor de chão livre e gramados generosos contíguos à "casa" numa escala que um lote individual normal não tem possibilidade de oferecer. E prevaleceu a idéia de distribuir a ocupação residencial em áreas definidas "a priori" para apartamentos (Superquadras) e para casas isoladas — estas, mais afastadas do centro.⁶⁸

Todavia, é contraditório que os primeiros assentamentos residenciais efetivamente ocupados no Plano Piloto de Brasília já em 1958 tenham sido exatamente aqueles que fugiam do conceito original de Unidade de Vizinhança. Apesar da ocorrência de assentamentos irregulares em todo o DF desde o início da construção da cidade, restringimo-nos aqui aos assentamentos oficiais, especificamente na área do Plano Piloto.

A necessidade premente de instalação dos primeiros servidores da capital próximos aos seus locais de trabalho, numa época em que as Superquadras se resumiam a grandes canteiros de obra, justifica

⁶⁸ COSTA, Lucio. 1987. p. 04. Destacamos que a menção às "casas isoladas" mais afastadas do centro se refere àquelas previstas no projeto original próximas à orla do Lago Paranoá, não tendo relação com o objeto deste estudo.

esta alteração tão significativa no conceito de morar no Plano Piloto. Entretanto, a separação do novo setor com o restante da cidade, ainda em construção, se deu muito além do campo físico-funcional.



Figura 27: Parque infantil nas quadras 700.
Fonte: Arquivo Público do Distrito Federal

A adoção de um paradigma de habitação “tradicional” alheio à concepção original de Lucio Costa provocou mudanças substanciais na relação dos espaços residenciais novos com o restante da cidade. Apesar da construção das Superquadras, as casas unifamiliares com seus lotes individuais geminados e “pseudoquintais”⁶⁹ foram enxertados num desenho urbano que, em princípio, as desconsiderava. Leitão e Ficher (2004) identificaram um descompasso entre o projeto para as quadras 700 Sul e o projeto em desenvolvimento para o restante do Plano Piloto.

Perceba-se que – em toda a Asa Norte (de ocupação posterior) e ao longo da Asa Sul, até o eixo transversal das quadras de final 06/07 – há uma perfeita continuidade de tais eixos, abaixo e acima da W3. A partir do eixo da via que separa as Superquadras 308 e 309, passa a existir um gap de cerca de 180m em relação ao eixo da via que separa as quadras 708 e 709. Desse ponto até o final da Asa Sul, tais eixos deixam de ser contínuos. O fato de que essa diferença comece justamente na quadra cuja construção foi a primeira a ser iniciada pode ser um indício de que sua implantação possa até mesmo ter começado antes da revisão do PPB de Costa.⁷⁰

A quadra 707 - em construção - e as demais quadras até o início da Asa Sul, com as vias já demarcadas, se mostram alinhadas com as quadras comerciais na outra margem da via W3 Sul, cujos edifícios começavam a ser edificados.

⁶⁹ REIS FILHO, 2004.

⁷⁰ LEITÃO, F.; FICHER, Sylvia . Do risco à cidade: as plantas urbanísticas de Brasília, 1957-64. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2004. v. 1. p. 10.



Figura 28: Vista aérea das quadras 707 e 708, de onde se inicia a descontinuidade com o traçado das quadras 500.
Fonte: Google Earth.

W3 Sul: a “rua” de Brasília

A Avenida W3, possui, desde sua origem, peculiaridades decorrentes da discrepância entre o que Lucio Costa previu em seu projeto original e sua implantação. Inicialmente prevista para ser uma via de serviços, a W3 transformou-se muito cedo no “coração” da cidade, pelo menos no que tange ao

que Lucio Costa descreveu anos depois como escala gregária, transformando-se na década de 1960 no principal endereço comercial da cidade.

A construção do que viria a ser a Avenida W3 se inicia, efetivamente, com a construção do Posto de Saúde nº 1, na EQS 508/509, em 1958 pela equipe da NOVACAP.⁷¹

Como a ocupação residencial começou no meio da Asa Sul e prosseguiu ao longo do tempo descontínua, na primeira fase a W3 foi o “centro” da cidade pequena que Brasília ainda era (...)⁷²

Um dos eixos longitudinais do Plano Piloto, a Avenida W3 corta a cidade no sentido norte e sul, paralela aos eixos rodoviários e à Avenida L2. Corroborando a visão modernista da rua como uma via de circulação viária, a avenida divide dois setores distintos. As quadras comerciais (500) a leste e as residenciais (700) a oeste.

⁷¹ SEDHAB/GDF. *Plano de Preservação do Conjunto Urbanístico de Brasília, Anexo 1*, , 2011. p. 394

⁷² COSTA, Maria Elisa. LIMA, Adeildo. 1985 (p. 57)



Figura 29: Vista aérea da construção da quadra 707

Fonte: Arquivo Público do Distrito Federal

Como “efeito colateral” imediato da criação de um novo setor residencial temos a transformação das quadras 500 Sul de área de garagens, oficinas e depósitos⁷³ para abastecimento dos comércios das

⁷³ O relatório do Plano Piloto de Brasília descreve a W3 como via de serviço para tráfego de caminhões, funcionando como um limite físico entre a área de “hortas e pomares” e esta zona de garagens e depósitos de comércio atacadista.

entrequadras em uma zona comercial convencional e diversificada, contando com bares, restaurantes, lojas de departamentos, bancos e supermercados, por exemplo. O conceito “natimorto” da via W3 como uma rua de serviços, com os lotes comerciais voltados à via W2, em frente às quadras 300 nunca chegou a ser implantado, visto que o parcelamento das quadras 500 somente teve início em 1961, portanto três anos depois da construção das primeiras casas.



Figura 30: Vista da via W3 Sul com as primeiras 500 casas em construção.

Fonte: Arquivo Público do Distrito Federal

O parcelamento original para a área de comércio, as quadras 500, criou três blocos geminados por quadra, com acesso principal pela W3 e de serviços pela W2. As primeiras normas de edificação previam um volume mais alto, com térreo mais dois pavimentos nos primeiros 12 metros do lote, voltado à fachada principal e servido por uma marquise em balanço. Nos 28 metros seguintes era permitido um volume mais baixo, com térreo mais um pavimento, voltado à via de serviços.



Figura 31: Via W3 Sul na altura da quadra 705

Fonte: Arquivo Público do Distrito Federal

Neste aspecto, a via reúne desde sua criação o encontro, às vezes conflituoso, entre as escalas urbanas de Lucio Costa. As primeiras plantas deste setor têm como denominação SCRS – Setor de Comércio e Residências Sul, denotando a permissão de uso misto para a área, algo que perdura em menor escala até hoje.

O SHIGS tem simultaneamente na via W3 Sul seu elemento de ligação viária e de segregação espacial. Se por um lado as Superquadras eram providas dos comércios locais, por outro as casas das quadras 700 tinham a W3 Sul como barreira física a ser transposta para o acesso ao comércio.



Figura 32: Via W3 Sul em 1973

Fonte: Arquivo Público do Distrito Federal

A baixa oferta de comércios locais nas entrequadras e a diversidade de uso na margem leste da W3 podem ser consideradas os grandes fatores de consolidação da avenida como o verdadeiro “centro” da cidade nos seus primeiros anos.

Confrontando a oeste das quadras 700 foram criadas as quadras 900, tendo como denominação Setor de Grandes Áreas Sul – SGAS, cujo objetivo era atender à demanda pela instalação de templos religiosos e colégios, visto que os lotes previstos no projeto original não atenderiam à necessidade crescente.⁷⁴ A criação destes novos setores provoca um incremento na circulação de veículos na via W4, exatamente aquela utilizada como acesso às quadras residenciais 700.



⁷⁴ De forma análoga foi criado um setor na margem leste da via L2 – as quadras 600 - com a mesma destinação.

Figura 33: Vias W3 e W4 Sul, que delimitam a leste e oeste, respectivamente, as quadras residenciais 700.

Fonte: Google Earth.

Estes novos setores promovem um intenso fluxo transversal no sentido leste/oeste, não previsto originalmente, comprometendo o conceito de cidade linear implementado por Lucio Costa e transformando os comércios locais das Superquadras em comércios de bairro. Se por um lado esse novo eixo de circulação promove a integração dos novos setores com os projetados originalmente, por outro retira a relevância do comércio contido na via W3 Sul, o que a partir dos anos setenta seria uma das causas de seu declínio.

A via W4 funciona, portanto, como limite e rua de acesso, tanto para as residências das quadras 700 quanto para os lotes institucionais das quadras 900. Diferentemente das Superquadras que têm na ligação franca e direta com os comércios locais um dos seus pontos positivos, inclusive para os pedestres, as casas do SHIGS são “ilhadas” por ruas de tráfego rápido – W3 e W4 Sul, o que permite compreender o desenho de algumas quadras com acesso único, por ruas locais mais estreitas, próprias ao uso residencial, numa analogia à solução adotada por Lucio Costa nas próprias Superquadras.

Em função do sistema de transporte público restrito à W3 e dos lotes institucionais dispostos no seu limite oposto, as quadras residenciais funcionam como o caminho natural de pedestres, que curiosamente se utilizam das ruas, e não das áreas arborizadas como local de passagem. Este fenômeno ocorre de maneiras distintas, dependendo do traçado viário e da disposição dos blocos residenciais, como veremos a seguir.

As quadras residenciais 700

As quadras 700 Sul, que compõem o SHIGS, numeradas de 703 a 715⁷⁵, possuem modelos de desenho urbanístico com variações quanto ao tamanho dos lotes, sistema viário e tipologia arquitetônica. Trataremos aqui das questões afetas à forma urbana. Os tipos arquitetônicos serão objeto de análise no próximo capítulo.



Figura 34: Vista aérea de todas as quadras do SHIGS

Fonte: Google Earth

Inicialmente o setor tinha uma numeração diferente. Originalmente numeradas de 04 a 50 (os atuais conjuntos eram denominados “quadras”), as quadras eram divididas por faixas de noventa metros de largura, entre os eixos de cada via local (figura 34). Pela prancha HIG 1-6 de 10 de junho de 1960

⁷⁵ As quadras 701 e 702 correspondem, respectivamente, ao Setor de Rádio e TV Sul e a lotes destinados a duas escolas e à igreja Dom Bosco; a quadra 716 compreende o Setor Hospitalar Sul.

(ver anexos) e por fotografias aéreas da época, observa-se que as quadras localizadas mais próximas ao centro da cidade – 703 a 707 – foram executadas posteriormente, numa configuração distinta desta modulação.

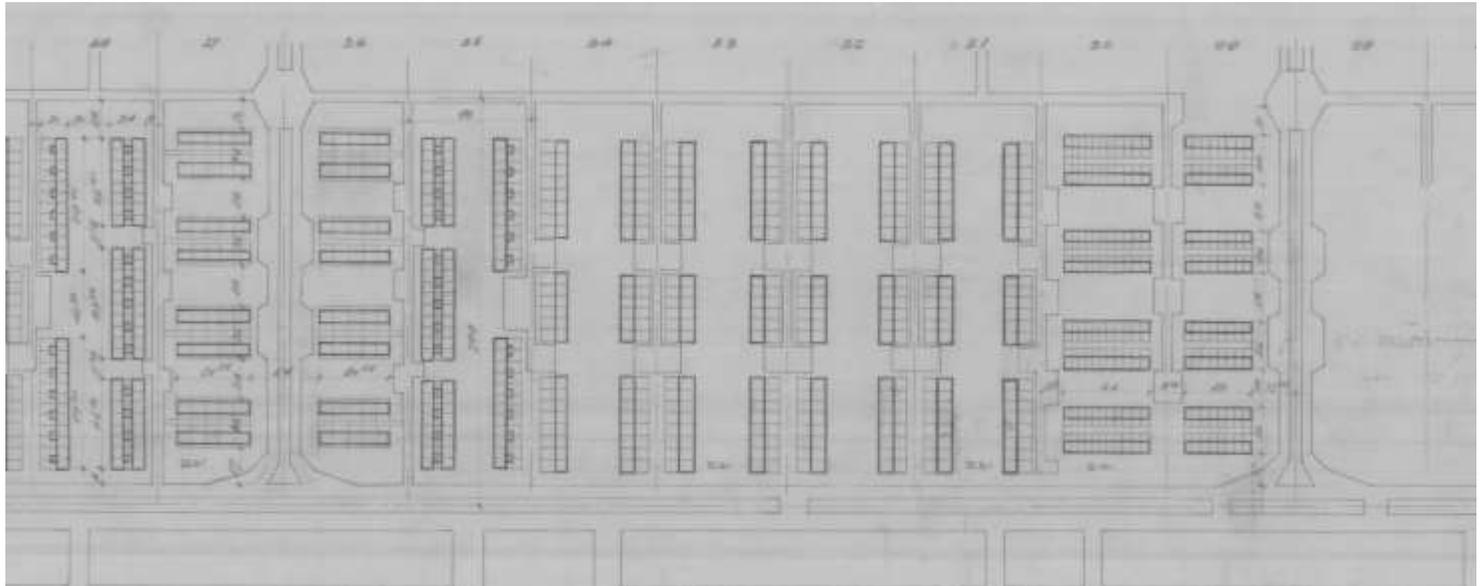


Figura 35: trecho de planta original contendo a divisão inicial das quadras (As quadras 29 a 36 correspondem às atuais 709 e 710).

Fonte: Google Earth.

Castelo (2008) divide as quadras do setor em três grandes grupos, de acordo com a configuração dos seus lotes e do seu sistema viário. Os *renques com dois acessos* se caracterizam pela divisão entre a circulação de veículos por uma rua de serviços e o acesso social, voltado para uma área arborizada (figura 35); os *fundos de lotes formando becos* também possuem dois acessos, mas no lugar da rua há um afastamento de apenas quatro metros de largura, com acesso exclusivo aos moradores dos

blocos (figura 36); as *vilas*, por sua vez, possuem estes espaços com uma dimensão maior, funcionando atualmente como acesso de veículos. Contudo, como esta última definição se refere ao uso contemporâneo dos espaços, já profundamente alterados e adaptados a necessidades atuais, reduziremos as categorias às duas primeiras, cada qual com pequenas variações que serão apresentadas nas fichas que compõe o ANEXO I.

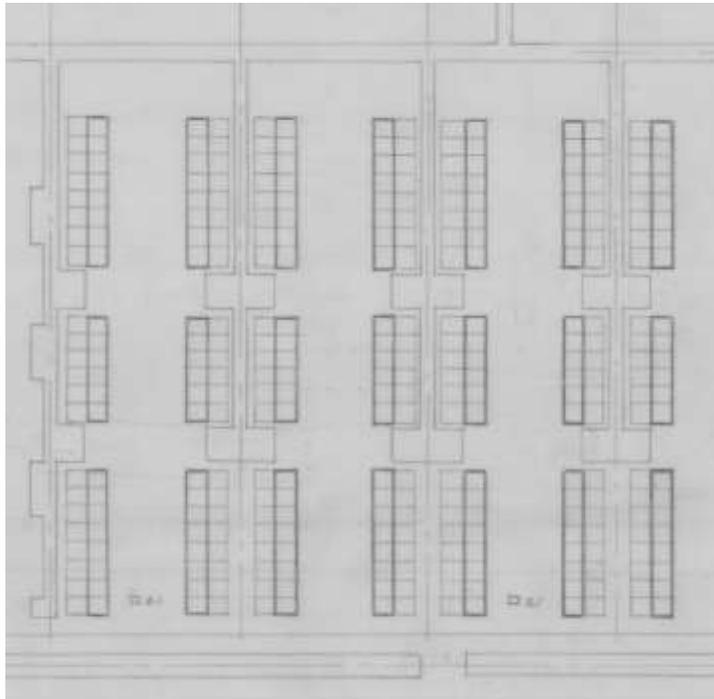


Figura 36: trecho de quadra com configuração em renque com dois acessos.
Fonte: Arquivo Público do DF.

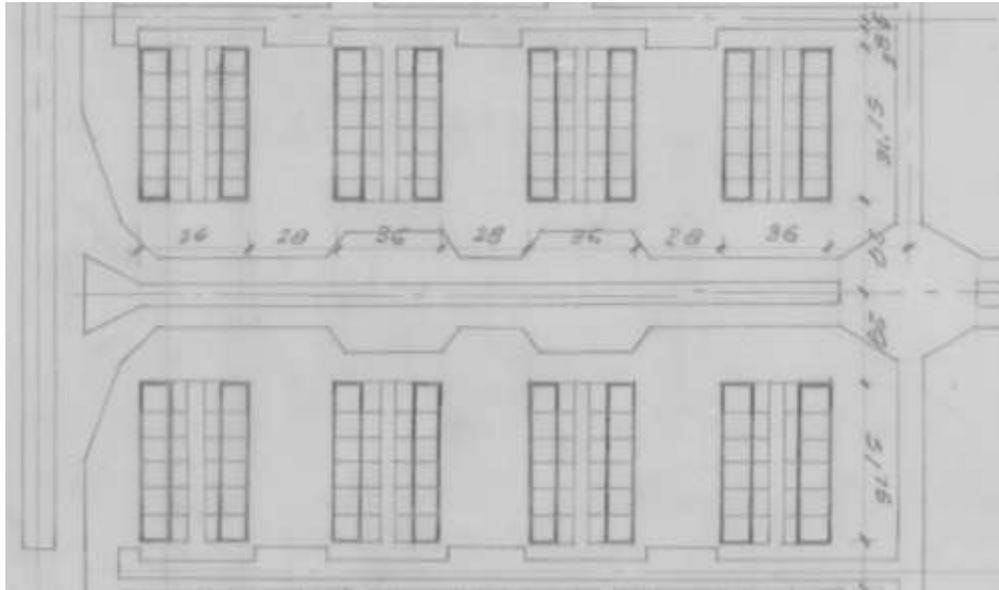


Figura 37: Exemplo de fundo de lote formando becos.

Fonte: Arquivo Público do DF.

O acesso às quadras residenciais é feito ora pelas vias de ligação entre a W3 e a W4 Sul. – 703 a 707 - ora pela via W4 – quadras 708 a 715. As vias locais são predominantemente do tipo *cul de sac*, uma rua sem saída com um bolsão de estacionamento no final.

Quadras 703 a 707



Considerando o acesso, o desenho do sistema viário interno, o tamanho dos lotes, a volumetria das casas e a conexão com os setores limítrofes, podemos classificar as quadras 703 a 707 como um grupo distinto das demais. Todos os blocos destas quadras são formados por *renques de casas de dois pavimentos com dois acessos*, sempre paralelos à via W3.

Os lotes possuem variação quanto ao número de casas (8, 10 ou 14), largura do lote (6,40m e 8,00m) e das áreas de circulação, mas têm o traçado viário idêntico. Por terem como limites norte ou sul a via secundária de ligação entre as quadras 500 e 900, o acesso às ruas locais é feito de forma direta, com uma rua de serviços para cada dois blocos, sempre com comunicação para os fundos dos lotes. Os bolsões de estacionamento ao final destas ruas acabam por servir também às praças localizadas entre as quadras 703/704, 705/706 e 707/708. As praças, por sua vez, além de oferecer

equipamentos de lazer e esportes, funcionam como áreas de circulação de pedestres e conexão entre o SGAS (quadras 900) e o SCRS (quadras 500).



Figura 38: Trecho típico da implantação das quadras 703 a 707
Fonte: Administração Regional de Brasília

Se o acesso de veículos é facilitado pela ligação direta das ruas locais com uma via secundária, a apropriação dos espaços públicos e sua utilização como trajeto de pedestres, interligando as escolas e igrejas com a Avenida W3, acabam por transformar os blocos de casas em grandes barreiras. Apesar dos estreitos passeios para pedestres entre os renques de casas, a circulação a pé praticamente restringe-se às extremidades das quadras, seja nas calçadas da via secundária que liga a W3 à W4, seja pelas praças dispostas na outra extremidade.



Figura 39: Detalhe da construção da SCRS 707. Os casebres de madeira na parte inferior da figura eram usados como residência dos operários.

Fonte: Arquivo Público do Distrito Federal

Os blocos localizados à margem da avenida W3 têm seu acesso de veículos contíguo à via, sem uma rua local como nos demais conjuntos. A comunicação franca e aberta com uma via arterial viria a induzir, no presente, a preferência por estas casas para usos alheios ao residencial, provocando uma série de adaptações referentes ao uso destes espaços e à organização interna, temas abordados no capítulo seguinte.



Figura 40: Em primeiro plano a construção da SCRS 707 (1959). Ao fundo os blocos das quadras 500. Observa-se os corredores para a passagem de pedestres entre os blocos de casas até as comerciais.
Fonte: Arquivo Público do Distrito Federal

Quadras 708 a 713



Este conjunto de quadras é mais heterogêneo quanto à sua configuração espacial, construtiva e viária. Ao contrário do grupo anterior, não há uma uniformidade formal quadra a quadra, mas alguns padrões de implantação obedecidos. Identificamos apenas nestas quadras seis tamanhos de lotes distintos, dispostos tanto em renque quanto conformando becos e espaços semipúblicos⁷⁶.

É a partir da quadra 708 que o SHIGS se desalinha em relação às quadras 500 Sul. A praça 21 de Abril, que divide a quadra 707 da 708 se mantém no alinhamento da entrequadra 507/508 Sul⁷⁷.

⁷⁶ Reiteramos que a análise foi feita com base nos projetos originais.

⁷⁷ A SQS 507/508 está unida à SQS 307/308 no terreno ocupado pela Escola Parque, dentro da única Unidade de Vizinhança executada conforme ideia original contida no Relatório do Plano Piloto de Brasília.

Entretanto, o eixo da via secundária no limite oposto, entre a 708 e a 709, e o centro da EQS 708/709 estão distantes cerca de cem metros. A quadra 708 é a menor entre todas as quadras estudadas, com aproximadamente 260 metros de extensão no sentido norte-sul, contando com apenas 130 casas.



Figura 41: Destaque para a quadra 708 e o trecho desalinhado em relação à quadra 508.
Fonte: Google Earth.



Figura 42: Construção da SHIGS 708 em 1962. Ao fundo, a Quadra 707 já construída
Fonte: Arquivo Público do Distrito Federal



Figura 43: Praça 21 de Abril e as quadras residenciais a partir da SHIGS 708.
Fonte: Arquivo Público do Distrito Federal

O acesso aos blocos é feito por duas ruas independentes, a partir da W4 Sul. Ao longo destas ruas se dispõem renques de casas com dois acessos, com lotes de 7,65m x 20m, de forma perpendicular

à W3 Sul. Nestes blocos a área arborizada tem 38m de largura. Próximo à via secundária que divide as quadras 708 e 709, os blocos são compostos por casas térreas em lotes de 8,50m x 15m, com uma faixa arborizada menor – 28 metros de largura – e sem a previsão original de rua de serviço. Os espaços semipúblicos nos fundos dos lotes formam becos que servem de acesso à entrada de serviços das casas. A variação tipológica dos conjuntos residenciais indica uma preocupação em atender um público de menor poder aquisitivo em relação àqueles construídos nas quadras 703 a 707. Observa-se uma queda na qualidade dos espaços diretamente ligada ao aumento na densidade das quadras.

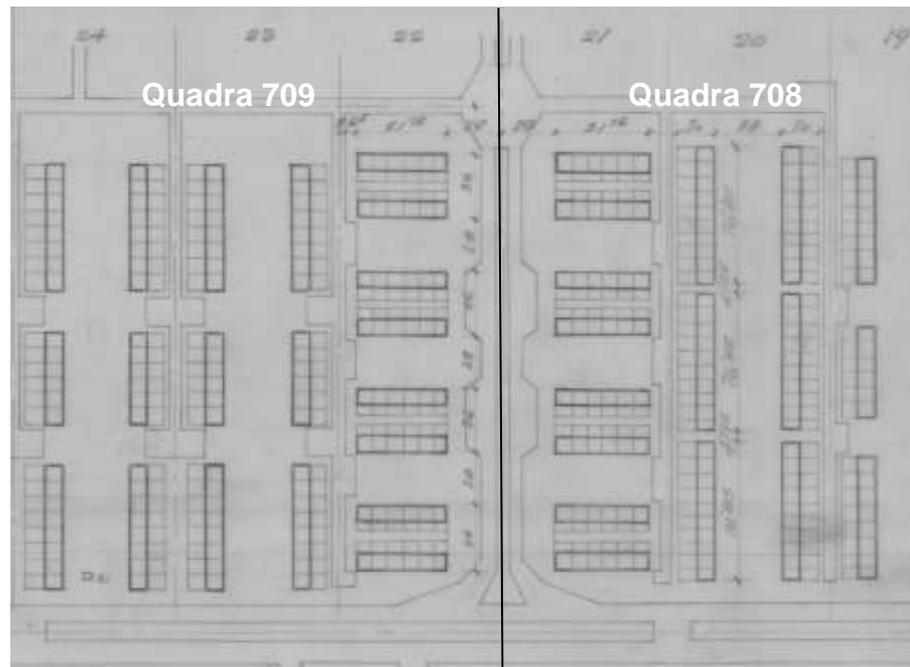


Figura 44: Plantas originais das quadras 708 e 709. Nota-se a simetria entre as quadras a partir do eixo da via que divide as antigas quadras 21 e 22.

Fonte: Arquivo Público do DF.

A quadra 709 foi a primeira a ser executada, com sua obra iniciada ainda em 1957. A disposição das ruas foi repetida nas três quadras seguintes (710, 711 e 712), com pequenas variações no tamanho dos lotes em alguns blocos. Os conjuntos vizinhos à via de acesso à W4 são paralelos à W3, com *fundos de lotes formando becos*. Os demais blocos têm dimensão de 8,45m x 20m, dispostos em *renques com dois acessos*. A pequena extensão das fitas de casas geminadas e a combinação com blocos perpendiculares geram uma dinâmica maior entre os volumes construídos, criando espaços públicos residuais não existentes nas quadras de numeração inferior e desenho mais regular (ver figura 44).

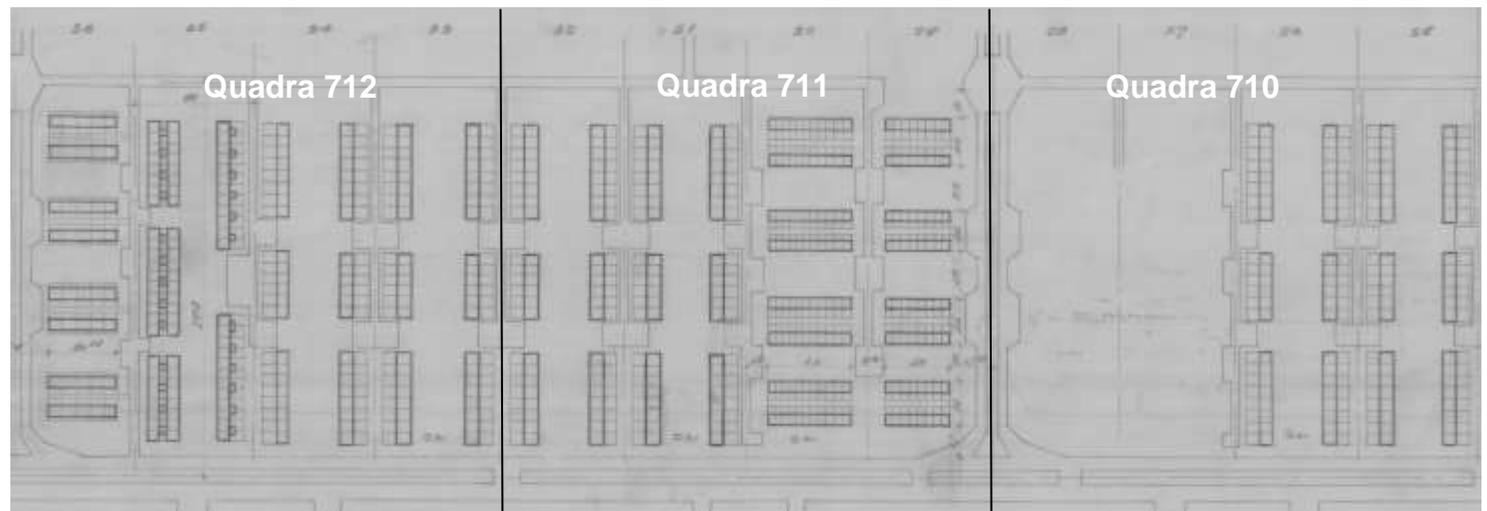
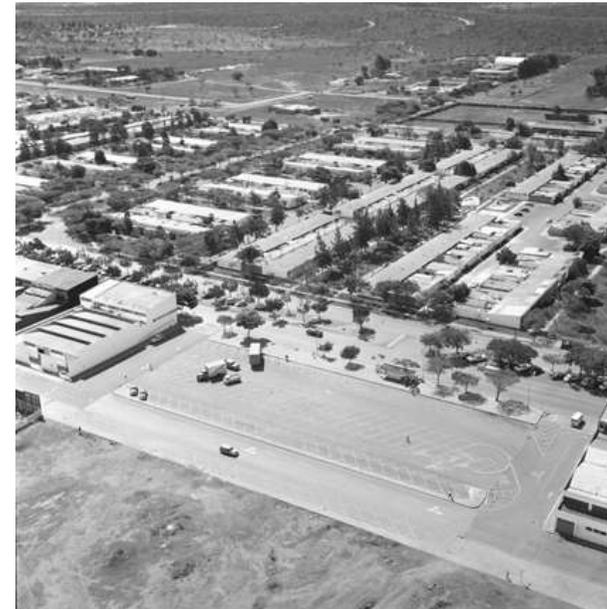


Figura 45: Quadras 710, 711 e 712. À época os blocos correspondentes às antigas quadras 27 e 28 (quadra 710) ainda não estavam projetadas.

Fonte: Arquivo Público do DF.



Figuras 46 e 47: SHIGS 712 (1972)

Fonte: Arquivo Público do Distrito Federal

Projetada por João Filgueiras Lima em 1961, a quadra 713 é maior do que as demais, com mais de 500 m de extensão no sentido norte-sul. A maioria dos blocos é composta por *renques de casas com*

dois acessos, com tamanhos de lote variáveis. O traçado viário segue o padrão predominante, com acesso aos conjuntos pela via W4.

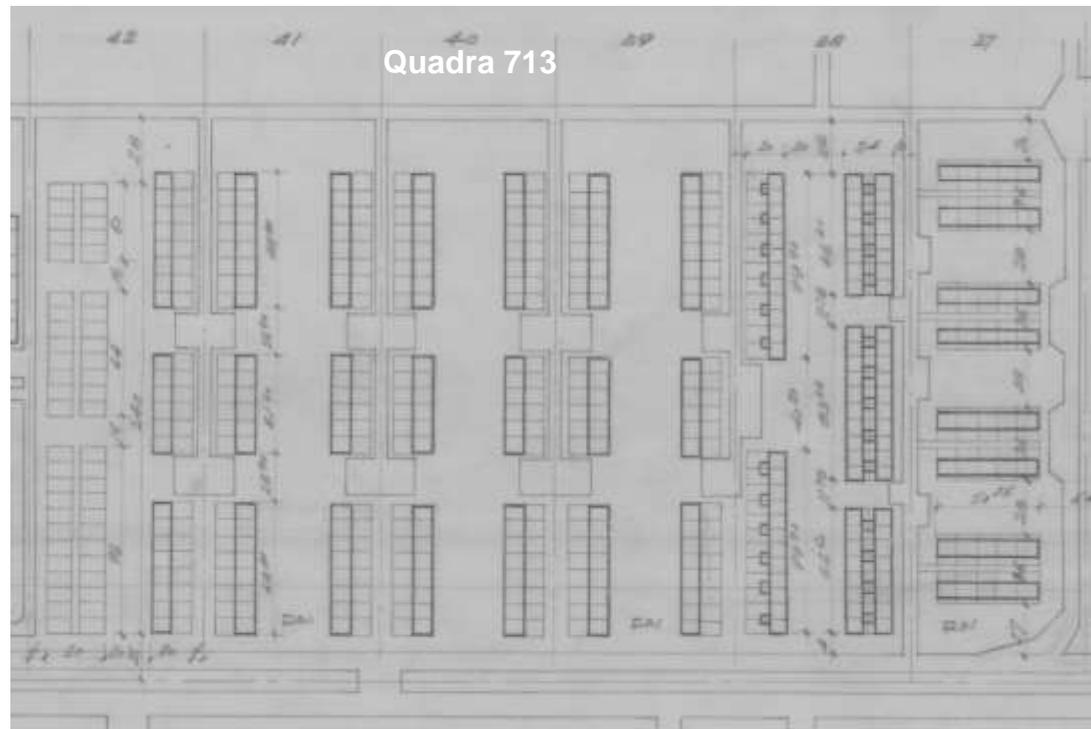


Figura 48: A Quadra 713 possui a maior extensão dentre todas, no sentido norte-sul. Tipologicamente diversa, mantém o traçado viário da maioria, com vias internas paralelas com entrada a partir da via W4.
Fonte: Arquivo Público do DF.

Quadras 714 e 715



A quadra 714, construída em 1960, além dos lotes mais generosos (10m x 20m) contém edifícios residenciais multifamiliares de dois pavimentos sobre pilotis. É curioso observar o único caso no setor onde há uma mescla entre este tipo de edifício e a casa térrea. Como se um simulacro de superquadra convivesse com outro modelo de tecido urbano.

A opção por blocos com dois pavimentos, ao invés de seis pavimentos como nas Superquadras, se mostra acertada pela relação mais próxima de altura das construções, além da baixa densidade, que não compromete a configuração predominante na quadra. Como os edifícios sobre pilotis estão implantados próximos às vias externas, cria-se um “cinturão” que até confere mais privacidade às casas no interior da quadra. Não por acaso, a 714 Sul é atualmente um dos endereços mais valorizados na região. O sistema viário, contudo, segue o mesmo padrão adotado nas demais

quadras, com as ruas perpendiculares à W3 Sul e os acessos pela W4 Sul. Todos os blocos de casas são do tipo *renque com dois acessos*.

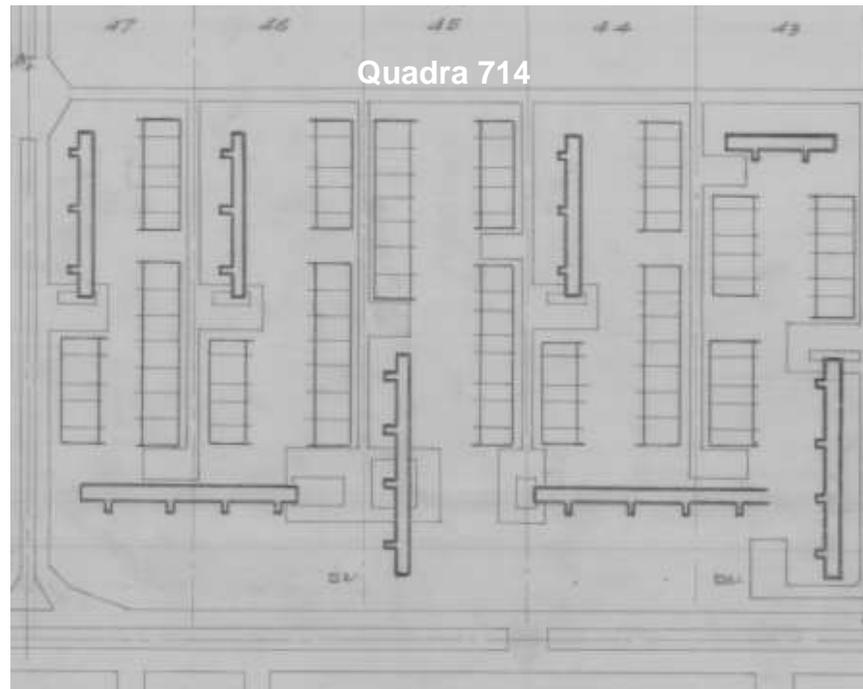


Figura 49: Projeto original da quadra 714, com os renques de casas geminadas e os blocos de dois pavimentos sobre pilotis.

Fonte: Arquivo Público do Distrito Federal

A quadra 715 é a única que, assim como as Superquadras, tem seu traçado tipo “árvore”. O sistema viário e a proximidade com o Setor Hospitalar Local Sul (SHLS) fazem com que a apropriação dos espaços públicos, tanto para veículos quanto para pedestres, possua certas peculiaridades em relação às demais quadras. Nem todos os blocos residenciais, térreos com *fundos de lotes formando becos*, têm acesso direto de veículos. As vias locais sequer dispõem de bolsões de estacionamentos suficientes. Pressupomos que o afastamento em relação ao centro da cidade corrobora a definição de um padrão mais popular para a quadra. Todavia, a posterior criação de uma quadra de hospitais e clínicas no que viria a ser a quadra 716 subverteria esta relação, provocando mudanças substanciais no traçado viário interno e na relação da quadra com seu entorno imediato.

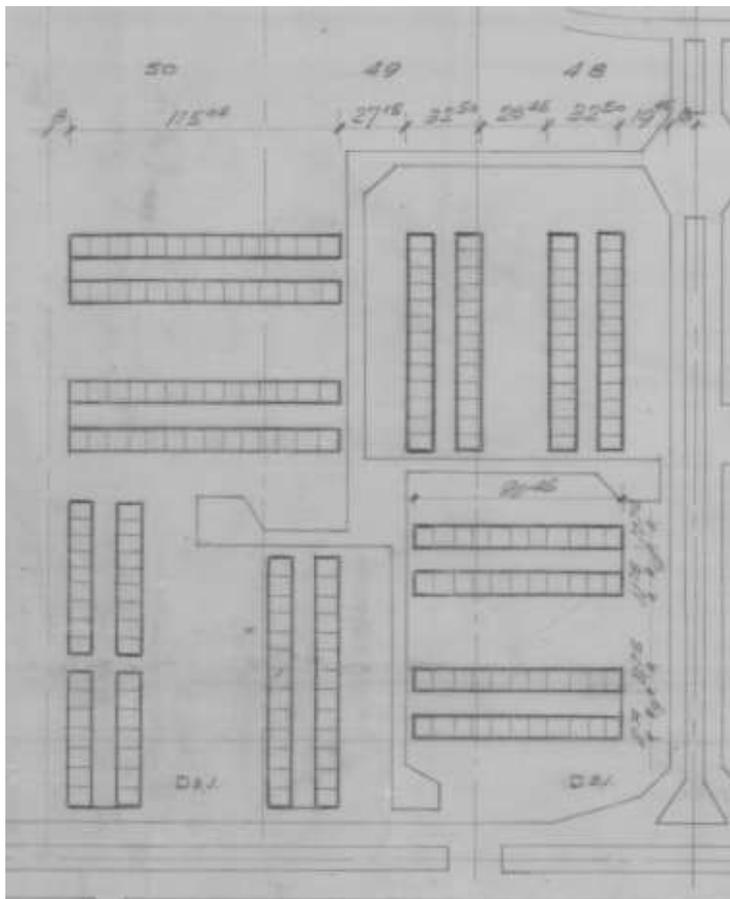


Figura 50: Projeto original da quadra 715 Sul. O traçado viário original não possibilita o acesso direto dos veículos a todos os lotes residenciais.

Fonte: Arquivo Público do DF.

Nota-se, ao observarmos o desenho original das quadras 700 Sul, que não houve um planejamento integrado para toda a área. Projetos distintos de vários autores – algumas quadras são atribuídas a

arquitetos célebres, como Niemeyer (703 a 707) e Lelé (714), outros anônimos, infelizmente sem qualquer registro nos documentos oficiais – implantados em épocas diferentes têm como amarração a repetição dos seis tipos arquitetônicos combinados com soluções de traçado urbano que também se repetem de certo modo quadra a quadra. Seja de forma única, como nas quadras 703 a 707, seja de modo menos uniforme como nas demais quadras. Esta variação, mesmo que limitada, confere certa urbanidade ao bairro de “casinhas iguais”. A despeito da identificação dos dois grandes grupos de quadras semelhantes e de dois exemplos únicos (714 e 715), as combinações possíveis com as variações de lotes sobre traçados viários similares minimiza a esperada monotonia causada pelas longas fitas de casas geminadas. A utópica democracia pretendida por Lucio Costa nas suas Superquadras ironicamente encontrou abrigo exatamente nas residências que não haviam sido previstas em seu projeto original, mesmo que por pouco tempo.

4. As quadras 700 e sua forma arquitetônica

A nossa arquitetura deve ser apenas racional, deve basear-se apenas na lógica e esta lógica devemos opô-la aos que estão procurando por força imitar algum estilo.

Gregori Warchavchik, 1925

Nesta parte, trataremos da relação entre os tipos arquitetônicos presentes no SHIGS e da apropriação dos espaços públicos contíguos às casas. A organização dos seus espaços internos tem, sobretudo neste setor, uma ligação indissociável com a maneira pela qual os espaços de circulação e acesso às edificações foram propostos. Mais do que uma redução ao estudo pormenorizado da organização espacial do interior das residências, o objetivo é estabelecer uma relação clara entre a sua conformação interna e o espaço exterior imediato, bem como a inusitada relação frente/fundos e os acessos previstos e efetivamente apropriados pelos moradores.

A análise do espaço arquitetônico no âmbito da edificação deve ter como preâmbulo um olhar sobre sua relação com o entorno. Segundo Ficher e Palazzo (2005),

é na articulação do parcelamento e das edificações nele possíveis que podemos deixar de lado a ordem maior da cidade, o seu arcabouço, para observar o que ocorre em seus interstícios.⁷⁸

Com a análise das vias, surge o espaço construído (quadras e lotes), que inclui além dos edifícios também os acessos, portas, jardins, pátios, quintais, edificações temporárias, terrenos baldios e canteiros de obra. Não são unidades homogêneas, mas sim uma série de propriedades fundiárias, cujos limites estão nas plantas cadastrais. O estudo da massa edificada e seus espaços resultantes compõe a sobreposição necessária ao entendimento pleno do tecido urbano, sempre tendo a rua como referência e elemento integrador.

4.1. Paradigmas da casa modernista

Os arquitetos modernistas buscavam solucionar os problemas de implantação e tinham consciência de sua responsabilidade. Os avanços técnico e econômico refletiam-se em inovações arquitetônicas nas habitações individuais isoladas, como a acomodação da edificação ao sítio que permitia a implantação em terrenos mais difíceis. Com o uso do concreto em pilares, vigas, lajes de piso e cobertura, mudanças significativas ocorreram. As paredes não precisavam mais assumir a função de sustentação, também sendo adotadas apenas para vedação. As estruturas podiam ser menos

⁷⁸ FICHER, Sylvia, PALAZZO, Pedro Paulo. - *Os Paradigmas Urbanísticos de Brasília*. In Marco Aurélio A. de Filgueiras Gomes (org.). Salvador. Cadernos PPG-AU/FAUBA, 2005, p: 61.

rígidas, eliminando a necessidade das velhas estruturas de vigas de madeira, assoalhos de longas tábuas revestidas com forros de estuque ou madeira.

Surge o conceito de *planta livre*, facilitando o desenvolvimento da organização espacial e permitindo uma maior flexibilidade e liberdade para trabalhar as questões funcionais e compositivas.

As pequenas edículas e as áreas de serviço que antes ocupavam o espaço exterior – afastamentos laterais ou mesmo das vias públicas – são incorporadas à casa. Os quintais, com seu caráter rural, dão lugar a pátios ou corredores murados, conferindo às áreas exteriores um uso social mais valorizado. A orientação “frente-fundo” que hierarquizava a casa agora não existe mais, já que todas as laterais da casa poderiam se tornar jardins e locais de estar, inclusive as frentes que, “contra todos os preconceitos, ostentariam pátios murados das novas áreas de serviço”⁷⁹.

Não havendo mais tanta rigidez na localização dos espaços, do ponto de vista social, prioriza-se a disposição funcional, com escolha dos locais melhor isolados ou sombreados para quartos e salas, conforme a condição climática local. Além disso, abre-se espaço ao paisagismo que, com novas soluções, materiais e vegetação, conecta áreas exteriores e interiores e permite um melhor aproveitamento das áreas livres. A utilização de vegetação nativa permite a constituição de espaços

⁷⁹ REIS FILHO, 2004, p. 90.

com aspectos da natureza do Brasil, como por exemplo o uso da “barba-de-bode”, capim até então considerado menos nobre.

A planta livre e a superação dos “preconceitos” em relação às áreas externas sugerem a reconciliação da habitação com a paisagem, favorecendo um alto padrão compositivo nas residências.

Além do uso do concreto, as inovações tecnológicas também sofreram influência do momento político vivenciado no período da Segunda Guerra Mundial. As restrições à importação e as necessidades internas do país forçaram a substituição dos materiais importados por produtos nacionais, aprimorados tecnicamente. Essa transformação é observada especialmente nos detalhes da casa, que se desvinculam significativamente do mercado de importação, como coloca Reis Filho (2004) ao dizer que janelas, portas, luminárias, ferragens, louças sanitárias ou elementos de decoração como cortinas e móveis, tapetes e objetos de adorno, seriam aos poucos influenciados por uma renovação geral do gosto, cujas origens podem ser encontradas no movimento de arquitetura contemporânea e cujos efeitos alcançariam até mesmo os objetos de utilidade doméstica mais eminentemente influenciados pelas tradições, como os talheres, louças e, de certo modo, o vestuário⁸⁰.

⁸⁰ REIS FILHO, 2004, p.91.

Os sistemas de cobertura passam a utilizar telhas de novos materiais, que permitiram menores inclinações. Apoiados sobre lajes, os telhados passaram a ficar escondidos sob platibandas, proporcionando a geometrização dos volumes à semelhança das casas estrangeiras com teto plano, favorecendo o tratamento arquitetônico de todas as elevações. Internamente, o nível do pé-direito passou a variar em cada compartimento, de acordo com a declividade do telhado.

Outros aspectos que influenciaram as novas organizações especiais da casa foram a valorização da vida familiar e o enfraquecimento nas tendências exibicionistas das salas tradicionais. Com isso, todas as funções e parcelas de espaço assumem igual importância: salas, dormitórios, banheiros, vestiários, passagens e escadas. Preceitos estabelecidos sobre as diferentes parcelas do espaço residencial, especialmente os locais de serviço, perdem a força de diretrizes.

Os equipamentos mecânicos que se incorporam à vida doméstica, em decorrência da industrialização, levam à diminuição do trabalho manual e alteram a concepção dos espaços de trabalho. A sala, algumas vezes, se conectava com a cozinha, e aquela que até então era a mais desprivilegiada na organização tradicional passa a ser valorizada social e arquitetonicamente. Com menos subdivisões, as residências menores ganham espaço interno. Para Reis Filho (2004), em oposição ao primitivo fracionamento do espaço interno das casas tradicionais, com suas salas e saletas, fossem de música ou de estar, de almoço ou de jantar, de visitas, de estudos e de vestir (a ponto de se chamarem, no Sul, de salas-de-banho os banheiros), buscava-se uma integração das

partes de uma unidade básica, não pela soma, mas por uma continuidade espacial que substituísse o antigo excesso de paredes e abolisse inúmeras portas, chaves, trincos e fechaduras⁸¹.

Sem a exigência de abertura das salas à frente da casa, suaviza-se a preocupação com a exibição das salas à rua. Agora, esses espaços trazem maior intimidade quando se abrem aos pátios e jardins – os quais, enquanto corpos destacados da construção, aparecem também nos fundos e na parte central. A paisagem interior, voltada ao repouso, se contrapõe à exterior, cada vez mais opressiva. As casas de Rino Levi, por exemplo, se voltam completamente para o interior, com pátios internos e jardins externos abertos para a rua. Vilanova Artigas vê em suas residências a perspectiva interior de jardins cercados por dois blocos e ligados por rampas. Rodrigo Lefèvre e Sergio Ferro já incorporam o jardim ao espaço arquitetônico da casa, protegido da chuva e do sol. Com isso, os compartimentos são abertos totalmente para esses espaços interiores – no máximo separados por vidro.

Quanto à materialidade, o emprego do concreto enquanto elemento plástico fundamental, muitas vezes aparente – na concepção denominada brutalista – permite a exploração de vários planos, o que segundo Reis Filho (2004) normalmente tinha uma intenção simbólica. As soluções de pré-moldados, se não adequadas para residências individuais, se tornam significativas para os novos tipos de produção habitacional que surgiam.

⁸¹ REIS FILHO, 2004, p.93.

Ficher e Palazzo afirmam que os diferentes modelos de ocupação do quarteirão, unidade de área por excelência do tecido urbano, definem grande parte da caracterização do parcelamento do solo. Sua importância é tal que as obras de reforma ou ampliação urbana normalmente trazem novas soluções de ocupação, com aproveitamento mais regrado de seu interior.⁸²No exemplo de Brasília, o quarteirão tradicional composto por quadra e lote não existe, pelo menos no que concerne aos setores residenciais. A adoção da superquadra com os edifícios elevados sobre pilotis conferem uma permeabilidade no nível do chão que exacerba a falta de limites entre o público e o privado.

Ainda caracterizando essa mudança de paradigma, especialmente no Brasil, está a ruptura dos limites do tradicional quarteirão, com a adoção de casas geminadas, com distribuição mais rarefeita que se contrapõe ao parcelamento do solo em lotes, com divisas bem definidas. A repetição dos blocos de unidades geminadas na área de estudo, se não confere o mesmo grau de permeabilidade da superquadra, tampouco estabelece alguma relação com o antigo quarteirão. A massa construída permanece menor do que os espaços abertos, possibilitando a apropriação das áreas públicas, tornando público o “quintal”, sem necessariamente estarem contidas no universo da rua.

⁸² FICHER e PALAZZO, 2005.

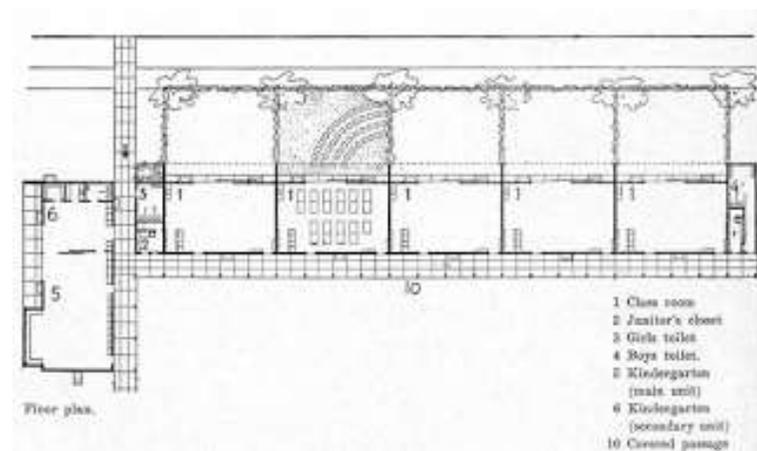
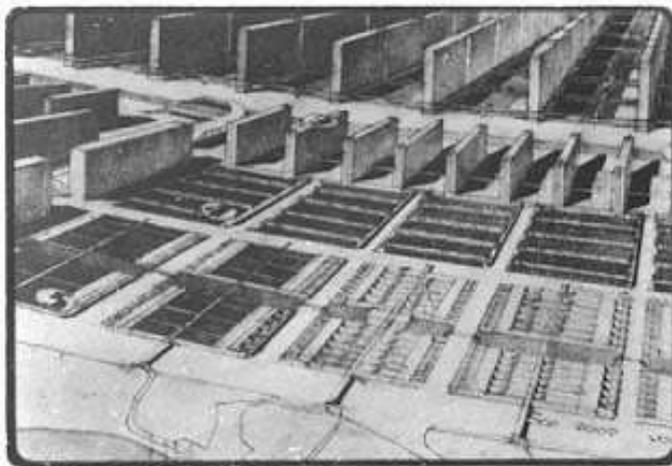


Figura 51: Rush City – Richard Neutra, 1928

Fonte: Ficher e Palazzo, 2005

O isolamento das edificações normalmente estava associado à arquitetura monumental ou excepcional. Entretanto, a partir da primeira metade do século 20, surge a maior atenção às adequadas condições de conforto (ventilação e insolação adequadas) e à prevenção de incêndios. Com isso, regras de zoneamento, recuos e afastamentos passam a ser definidos com implantação normalmente distanciada nas divisas do lote.

As novas técnicas de construção como o ferro e o concreto armado levaram ao uso da ossatura independente, que permite separar os elementos de sustentação e de vedação. A consequente adoção da planta e fachada livres confere mais liberdade na disposição interna dos espaços.

Surgem, também, os **pilotis**, utilizando largamente a tecnologia do concreto armado. Os pilotis permitiram a mínima ocupação possível do nível térreo, facilitaram a ventilação das ruas e ampliação do espaço público. Antes mesmo das Superquadras, Lucio Costa já adotava os pilotis no Parque Guinle, a partir de 1948. Como já mencionado, a fluidez dos espaços abertos nas quadras 700, mesmo não tendo os pilotis como elemento preponderante, se deve à relação entre os espaços abertos e construídos, que mantém os níveis de densidade construtiva próximos aos da superquadra, ainda que em termos de densidade populacional haja uma diferença considerável (500 hab./m² para a superquadra e 125 hab./m² para as quadras 700).

4.2. Tipologia arquitetônica

A *tipologia* é entendida como o estudo dos tipos, o qual pode ter abordagens bastante diferenciadas. Para Quincy, *tipo* está ligado à ideia de um elemento que deve servir de regra a um modelo. Enquanto o modelo, definido com precisão, deve ser repetido de maneira exata, o tipo é mais impreciso e pode dar origem a obras totalmente diferentes entre si.⁸³ No ponto de vista da tipologia, interessa investigar os elementos morfológicos (tipo de construção, de espaço livre, entre outros) e suas variações, hierarquias, relação com o contexto urbano, histórico e social que o produziu. Aqui o foco maior é dado à escala do edifício ou de um elemento selecionado, considerando-se os tipos que incluem, além dos próprios edifícios, também os muros, ruas, pátios, jardins e outros elementos, em

⁸³ QUINCY, 1832, *apud* PEREIRA, 2008. P 324.

uma análise que retira dos objetos apenas seus traços genéricos, gerando uma classificação em diferentes níveis.

A abordagem *tipo-morfológica*, por sua vez, busca a análise concomitante do tecido urbano e dos tipos edificatórios e sua relação com o entorno. Neste trabalho, apesar de apresentado de maneira separada, a análise da organização interna das casas em estudo foi realizado por meio de plantas que permitiram o entendimento de inserção no tecido urbano.

Assim, a tipologia analítica tem como ponto de partida para a análise as plantas e fachadas dos edifícios, buscando entender em que esquemas centrais estava baseada sua organização. Panerai afirma ainda que

a arquitetura urbana é quase sempre anônima, tributária de tipos transmitidos por "vizinhança" que dependem dos saberes tradicionais de empreiteiros e artesãos, do respeito a uma regulamentação simples e do consenso que se estabeleceu quanto a usos correntes: alinhamentos, paredes geminadas, disposição de pátios etc. A análise tipológica nos permite identificar, *a posteriori*, esses tipos, dos quais ela oferece uma articulação lógica: uma tipologia. Isto é, ao invés de considerar objetos isolados, ela os apresenta como um conjunto e deixa evidente que a produção do espaço construído se apóia em uma estrutura anterior.⁸⁴

⁸⁴ PANERAI, 2006.

A busca pela repetição tipológica como instrumento de racionalização construtiva e, por conseguinte, como obtenção de prazos mais exíguos, deram o tom no processo de construção das unidades habitacionais em Brasília, particularmente nas casas individuais construídas na área de estudo.

O conceito funcionalista na arquitetura modernista toma o tipo como um facilitador de soluções arquitetônicas reproduzíveis em série, que podem ser copiadas e repetidas em qualquer contexto, visto que o programa usualmente considerava as funções básicas dentro de um programa mínimo, como já abordado neste capítulo.

No Plano Piloto, a conformação das áreas residenciais em Unidades de Vizinhança, compostas por Superquadras, por sua vez constituídas por blocos em lâmina sobre pilotis, com um número padronizado de pavimentos em função da sua localização (seis pavimentos, exceto pelas quadras 400, que possuíam três), acabam por induzir a uma variação tipológica mínima⁸⁵.

Não obstante a já discutida predominância dos edifícios multifamiliares em lâmina sobre pilotis, configurando as Unidades de Vizinhança no Plano Piloto de Lucio Costa, a criação do Setor de Habitações Individuais Geminadas Sul – SHIGS também segue os preceitos de padronização e de repetição, tanto no tecido urbano quanto no espaço edificado.

⁸⁵ Marília Pacheco Machado oferece um estudo pormenorizado dos blocos das superquadras em *“Superquadra: pensamento e prática urbanística”*. Dissertação de mestrado, FAU UnB, 2007.

4.3. Variações do mesmo tema: Análise arquitetônica

Lucio Costa não era um entusiasta da casa isolada como solução para a habitação popular. Sempre defendeu a habitação coletiva como mais eficiente, tanto no aspecto arquitetônico quanto econômico.

Se computado o custo verdadeiro de cada unidade residencial — incluindo terreno, infraestrutura urbana e construção dos blocos de apartamentos e dos "complementos da moradia", cai por terra a idéia da casa isolada ser a solução economicamente mais viável para o problema da habitação popular. Tanto assim que em países com Cuba e China, onde o caixa é único e o dinheiro pouco, não se cogita de assentamentos residenciais rasteiros, até mesmo em áreas rurais. Além do que, o lote mínimo, com janelas confrontando e seu quintal inexistente porque em geral ocupado por outra família, nada tem a ver com a imagem romântica que se propaga da "casa própria".⁸⁶

Lembrando que o SHIGS era originalmente um setor destinado essencialmente a casas populares, apesar da diversidade tipológica, a adoção desta solução se justificou pela rapidez de construção e pelo baixo impacto populacional em relação ao que já se planejava para o Plano Piloto de Brasília.

Os projetos arquitetônicos das casas na Asa Sul foram agrupados em conjuntos de 8, 10, 12 ou 14 unidades habitacionais geminadas de um ou dois pavimentos. Apesar dos diversos modelos de projeto construídos ao longo das quadras 700, alguns padrões foram obedecidos, como a faixa de área verde *non aedificandi* delimitada pelas testadas dos lotes residenciais de ambos os lados, e os

⁸⁶ COSTA, Lucio, 1987, p. 02.

acessos para veículos no limite posterior dos blocos de casas geminadas, modelo proposto por Clarence Stein e Henry Wright na pioneira Radburn, nos EUA (1928) e adotado por Armando de Godoy no Setor Sul de Goiânia (1933/1940) e também observado nos projetos dos Comércios Locais do Plano Piloto de Brasília, onde as vias de automóveis seriam destinadas à circulação de serviços e as vitrines voltadas para o interior das Superquadras.



Figura 52: Radburn – Stein e Wright, 1928. Características como a especialização das vias, a separação entre circulação de veículos e pedestres e, principalmente a inversão na disposição interna das casas, como os ambientes sociais e íntimos voltados para jardins, serviram de referência para o projeto das quadras 700 de Brasília.

Fonte: www.radburn.org



Figura 53: Detalhe da área arborizada na testada dos lotes residenciais
Fonte: Arquivo Público do Distrito Federal

Este tipo original de bloco foi repetido ou submetido a pequenas alterações quanto à área construída e à disposição das casas em função do sistema viário interno em todo o setor, da quadra 703 à 715, já que cada uma era destinada a um órgão governamental específico e, como já visto, a implantação do bairro se deu de modo não linear ao longo dos primeiros anos da cidade. Manteve-se, porém,

certa unidade formal através da utilização em todas as quadras de seis tipos de planta, chamados de HP (Habitação Popular) e numerados de HP1 a HP6.

As quadras 703 a 707, como já observado no capítulo anterior, possuíam desenho idêntico, com as ruas e renques de casas dispostos de forma paralela à via W3. As casas, destinadas a moradores com maior poder aquisitivo, possuíam dois pavimentos. Voltados ao amplo jardim público que fazia todo o bloco, estão os ambientes sociais (sala de estar e refeições) no pavimento térreo e os quartos maiores no pavimento superior. O acesso de veículos, conectado obviamente à garagem (descoberta no projeto original), tinha comunicação com a área de serviço e a cozinha da casa, sugerindo uma conexão essencialmente funcional entre a vida externa e o cotidiano intramuros.

Este grupo de quadras possui pouca variação tipológica. Todas as casas possuem dois pavimentos, mas os lotes variam de tamanho. As quadras 703 e 707 são compostas por 6 blocos com 14 casas cada um, com lotes de 6,40m x 20m. As quadras 704, 705 e 706 têm blocos de 8, 10, 12 ou 13 casas. Os lotes variam de 6,40m x 20m a 8m x 20m. De qualquer modo, a disposição interna das casas se mostra semelhante.

Outra peculiaridade destas quadras é o acesso direto à avenida W3 a partir dos blocos mais próximos a esta avenida. O “oásis de urbanidade” proporcionado pela via nos seus primeiros anos não poderia ser desconsiderado pela relação entre espaços privados e públicos em seus limites. Os fundos das casas tornaram-se a frente. O *hall* previsto no projeto original, ligado à garagem já denota um certo reconhecimento da relevância do carro no cotidiano da família da época. Observou-se, desde as

primeiras casas, a apropriação da garagem e do espaço externo contíguo a este como uma extensão da casa. No caso dos blocos lindeiros à W3, seriam o contato aberto com a cidade, de fato.



Figura 54: Planta térrea e superior - HP5.
Fonte: Arquivo Público do DF.



Figura 55: Casas HP5
Fonte: Arquivo Público do Distrito Federal



Figura 56: Inauguração e entrega das casas HP5

Fonte: Arquivo Público do Distrito Federal

A variação no traçado viário das quadras 708 a 713 se repete nas casas. Plantas térreas de dois e três quartos, com áreas diversas (7,65m x 20m; 8,5m x 15m e 8,5m x 20m) mantém a mesma configuração frente-jardim/fundo-garagem. A disposição dos blocos predominantemente

perpendicular à W3 e o acesso ao interior das quadras pela W4 conferem aos espaços públicos um caráter mais local, em comparação ao grupo de quadras anterior.

Aqueles lotes com a configuração em *renque com dois acessos* permanecem com a disposição dos ambientes sociais voltados ao jardim público. Os lotes menores, com a fachada posterior formando *becos* ou *vilas*, mantêm a configuração dos espaços internos mais próximos do que entendemos como o morar tradicional. A ausência de garagem privativa devolve ao acesso pelo jardim o *status* de principal entrada para a casa, contíguo aos ambientes sociais. Entra-se pela sala, e os compartimentos vão se distribuindo hierarquicamente até o setor de serviços.

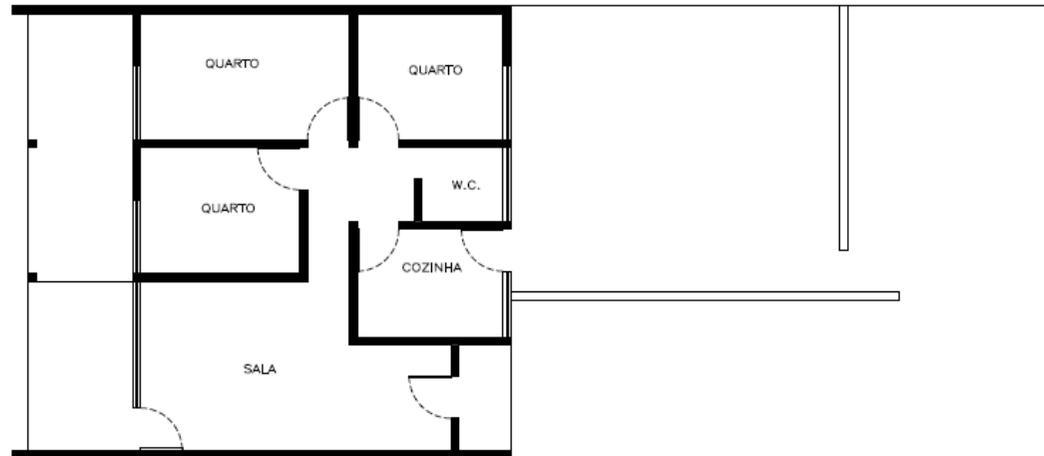


Figura 57: Planta tipo HP1, presente em todas as quadras da 708 à 715, com exceção da 714.
Fonte: Arquivo Público do DF.



Figura 58: Detalhe da área arborizada na testada dos lotes residenciais
Fonte: Arquivo Público do Distrito Federal



Figura 59: Construção das casas HP1
Fonte: Arquivo Público do Distrito Federal

Na quadra 714, as casas térreas ocupam lotes de 10m x 20m e 14m x 20m. Destinada inicialmente a funcionários do Banco do Brasil, é a quadra que possui suas características originais mais preservadas. Não há planta disponível nos registros oficiais. Em função da área e do padrão construtivo esse tipo não se inclui no grupo tradicional de HPs. Todas as casas possuem

evidentemente acesso direto de veículos, num traçado viário semelhante às demais quadras. Aqui, há a integração das casas com os blocos de dois pavimentos sobre pilotis, sem contudo ser perdida a comunicação direta dos ambientes sociais com os largos jardins que dividem os renques de casas.

Na quadra 715, o traçado viário em árvore compromete o acesso de veículos à frente das casas. Alguns blocos não têm qualquer contato com os bolsões de estacionamento. A adoção de lotes menores e casas com variações do tipo HP1, mais estreitos, mantém o acesso principal pela frente. Naqueles blocos que possuem afastamento de 4m entre os fundos dos lotes, o beco (hoje de acesso exclusivo aos moradores) funciona como estacionamento privativo.



Figura 60: Área verde do SHIGS 714. Ao fundo, o bloco residencial sobre pilotis.
Fonte: Arquivo Público do Distrito Federal

Considerações Finais: Frente ou Fundo?

Brasília é a expressão de um determinado conceito urbanístico, tem filiação certa, não é uma cidade bastarda. O seu "facies" urbano é o de uma cidade inventada que se assumiu na sua singularidade e adquiriu personalidade própria graças à arquitetura de Oscar Niemeyer e à sua gente.

Lucio Costa, 1987.

A divisão da cidade em quatro escalas proposta por Lucio Costa sempre provocou em mim certo estranhamento, por perceber que não há sempre uma divisão evidente entre elas. Teríamos duas escalas "funcionais" (monumental e residencial) e duas "ambientais" (gregária e bucólica), não num sentido ecológico, mas como escalas que envolvem e conformam as demais. A escala gregária descrita por Costa permeia as demais, ainda que se faça mais evidente naqueles setores destinados ao convívio e a permanência dos cidadãos, principalmente no setor central da cidade. A escala bucólica envolve todas as regiões da cidade, em diferentes graus de intensidade mas sempre

desempenhando papel fundamental na conformação dos espaços públicos e na transição destes com os espaços privados. De qualquer maneira, é essa divisão que permite uma necessária redução dos ideais de Costa presentes em seu projeto original, possibilitando identificar e preservar seus princípios conceituais.

Ao considerar as casas das quadras 700 Sul parte indissociável da escala residencial da cidade desde seu início, buscou-se lançar luz sobre os aspectos relevantes da convivência de um setor originalmente não previsto com o projeto original de Brasília. A integração de um *modus vivendi* tradicional, a casa unifamiliar, com o desenho da cidade cuja célula residencial básica é a superquadra viria a transformar as relações entre as escalas e o próprio equilíbrio funcional que sustentaria o sistema superquadra/comércio local/vias de serviço.

A consolidação da Avenida W3 como o grande elemento gregário da cidade nos seus primeiros anos teve grande contribuição da demanda criada pelo surgimento das mais de 2500 casas no novo setor. Ao ter a disposição dos seus lotes invertida, com os fundos voltados para a W2, a via se volta para a nova área residencial, de certo modo preservando as Superquadras e seus cinturões verdes.

O novo setor confere aos comércios locais das Superquadras um caráter mais regional, diluindo o conceito original de Unidade de Vizinhança. O incremento dos deslocamentos transversais em relação aos eixos viários originais atenua também a percepção dos princípios da cidade linear. A cidade cresce para oeste, até o limite do Parque, e o setor de casas se coloca como um espaço de transição entre os lotes mais adensados de uso institucional, mantendo de certo modo o equilíbrio do

tecido urbano e da escala das edificações. A cidade permanece horizontal, o *skyline* da superquadra se mantém preservado.

O estudo da forma urbana original de cada quadra permitiu verificar o rebatimento do desenho das vias e lotes na integração com os demais setores da cidade. Foram identificados dois grandes grupos de quadras com sistemas viários distintos: As quadras iniciais (703 a 707), com acesso pela rua que conecta as avenidas W3 e W4, e as quadras finais (708 a 715), cujas entradas de veículos estão ligadas à via W4.

O primeiro grupo tem no acesso viário direto e facilitado um componente que consolida a inversão entre frente e fundos identificada desde o início da pesquisa. A própria configuração interna das casas favorece o prolongamento do espaço social da casa rumo à rua, onde as garagens se transformam em verdadeiras salas de estar, relegando ao jardim na “frente” das casas a função de quintal. Os jardins públicos à frente dos renques de casas são subutilizados. Enquanto espaço bucólico, destinado a atividades de lazer e contemplação, seu uso se limita a iniciativas isoladas de moradores que “semiprivatizam” os jardins frontais às suas moradias. Como espaço de passagem, as estreitas calçadas ao longo dos renques de casas – cerca de um metro de largura – raramente são usadas, já que a circulação de pedestres é feita principalmente no sentido leste-oeste, ligando as quadras 900 às 500.

O segundo grupo de quadras possui configurações arquitetônicas e viárias distintas, muitas vezes com vários tipos de lotes na mesma quadra. Contudo, a predominância da disposição dos renques de casas e dos jardins no sentido da circulação de pedestres torna a apropriação dos espaços públicos

facilitada. A relação da casa com o carro nem sempre segue o exemplo do grupo anterior. Alguns blocos não possuem acesso direto de veículos, nem mesmo garagens. Essa conformação contribui para a preservação da configuração arquitetônica original e a manutenção da distribuição frente-fundo como se previa inicialmente. Por outro lado, surgem espaços “semipúblicos”, nos becos para onde os fundos das casas se voltam. Restritos aos moradores, funcionam como um prolongamento das áreas de serviço das próprias casas.

As duas últimas quadras, 714 e 715, se apresentam como soluções urbanísticas discrepantes. Enquanto a primeira oferece um interessante jogo de volumes entre as amplas casas térreas e os edifícios multifamiliares sobre pilotis, a segunda viria a se fundir – com todos os problemas e benefícios - com o Setor Hospitalar. Seu traçado viário único e a necessidade de acesso direto aos veículos acabaram no presente por aniquilar os jardins inicialmente projetados.

A dicotomia frente/fundo é repetida de certo modo nos setores comerciais lindeiros às quadras residenciais. Nos renque de blocos que compõe o SCRS (Setor Comercial e Residencial Sul, denominação original das quadras 500). A volumetria original deste se assemelha àquela adotada nos modelos HP5 e HP6 para as casas. Entretanto, a diferença de uso (as quadras 500 são predominantemente e oficialmente comerciais) e a existência da via W2 nos fundos dos blocos atenuam os conflitos espaciais e funcionais tão evidentes no bairro residencial.

Nos CLS (Comércio Local Sul), presentes em todas as Superquadras, o desenho original previa a abertura das lojas para o *boulevard* fronteiro aos blocos residenciais. As ruas - novamente e seguindo o caráter funcionalista do urbanismo moderno – seriam as “vias de serviço”. Talvez o fato

de os comércios nunca terem se desenvolvido como locais, mas como regionais, tenha contribuído para o óbvio uso da rua como espaço primordial dos encontros não programados, ponto de circulação primevo de pedestres e veículos e parte indissociável da dinâmica do uso do espaço público, de modo análogo às quadras residenciais 700.

Como se observa, o olhar sobre os projetos originais das casas facilita a compreensão das adaptações futuras realizadas no setor nas últimas cinco décadas. A necessidade de se atribuir uma identidade ao lugar que chamamos de lar, as dificuldades inerentes aos conflitos funcionais entre um projeto cinquentenário e as demandas da vida contemporânea auxiliam no entendimento das transformações arquitetônicas a que foram submetidas as casas das quadras 700. Os projetos-tipo praticamente se perderam. Adaptações internas, avanços rumo às áreas verdes e aumento do número de pavimentos foram transfigurando as características originais do bairro em uma área muito semelhante àquelas encontradas em qualquer outra cidade, com suas boas e más soluções.

Ao cabo desta pesquisa, destacamos que o desenho original do traçado urbano e do espaço arquitetônico das casas originais subvertem o paradigma tradicional de rua como lugar de convivência e de apropriação do espaço público. Reforçam, portanto, a intenção de se dissociar o espaço do carro e do pedestre, como preconiza os paradigmas do urbanismo modernista. Contudo, ao contrário das Superquadras, a configuração dos lotes em renque de casas geminadas acabam por conformar a rua como o tradicional espaço linear, fazendo com que veículos e pedestres sigam um mesmo traçado único, ainda que divididos fisicamente pela massa edificada. A rua continua rua, e

não “via”. A casa continua voltando-se para ela, mesmo que a ideia de “frente” e “fundo”, como se conhece, perca seu sentido.

Lista de ilustrações

Figura 1: Vista aérea da área de estudo (SHIGS).....	19
Figura 2: Bairros pobres de Londres. Litogravura de Gustave Doré de 1872.	25
Figuras 3 e 4: Le Corbusier, Ville Radieuse, 1935.	31
Figura 5: Implantação do bairro Weissenhofsiedlung, Stuttgart 1927.	33
Figura 6: Vista aérea do bairro Weissenhofsiedlung, Stuttgart 1927.	34
Figuras 7 e 8: Estudo de habitação HEM, Roubaix, França, 1953.....	40
Figura 9: Casa Modernista de Gregori Warchavchik, 1927.....	51
Figura 10: Casa Steiner de Adolf Loos, 1910.....	52
Figura 11: Residência do Arquiteto, Bairro Morumbi, São Paulo SP, 1951. Arquiteto Oswaldo Arthur Bratke.	56
Figura 12: Casa Olivo Gomes, São José dos Campos, SP, 1949. Arquiteto Rino Levi.	57
Figura 13: Residência Lina Bo Bardi (Casa de Vidro), São Paulo, SP, 1949. Arquiteta Lina Bo Bardi. .	58
Figura 14: Residência Carmen Portinho, Rio de Janeiro, RJ, 1950. Arquiteto Afonso Eduardo Reidy. .	59

Figura 15: Residência José Mário Taques Bittencourt, São Paulo SP, 1960. Arquitetos João Vilanova Artigas e Carlos Cascaldi.....	61
Figura 16: Parque Guinle, Rio De Janeiro, 1943.....	63
Figura 17: Planta baixa da Vila Operária Gamboa, RJ, 1931.....	45
Figura 18: Vila Operária Gamboa, RJ, 1931. Arquitetos Gregori Warchavchik e Lucio Costa	46
Figura 19: Le Corbusier, urbanização de Saint Dieux, 1945 e Lucio Costa, Plano Piloto de Brasília, 1957.....	64
Figura 20: Croquis do Plano Piloto de Brasília, Lucio Costa	65
Figura 21: Croquis da implantação da superquadra, Lucio Costa.....	69
Figura 22: Alterações no traçado do Plano Piloto de Brasília	73
Figura 23: Maquete mostrando as quadras SQS 307/308, 507/508 e 707/708 à esquerda.	75
Figura 24: Le Corbusier, projeto para o Rio de Janeiro, 1929.....	81
Figura 25: Piazza del Popolo, Roma.....	85
Figura 26: Parque infantil nas quadras 700.....	90

Figura 27: Vista aérea das quadras 707 e 708, de onde se inicia a descontinuidade com o traçado das quadras 500.....	92
Figura 28: Vista aérea da construção da quadra 707	94
Figura 29: Vista da via W3 Sul com as primeiras 500 casas em construção.	96
Figura 30: Via W3 Sul na altura da quadra 705	96
Figura 31: Via W3 Sul em 1973	98
Figura 32: Vias W3 e W4 Sul, que delimitam a leste e oeste, respectivamente, as quadras residenciais 700.....	99
Figura 33: Vista aérea de todas as quadras do SHIGS	100
Figura 34: trecho de planta original contendo a divisão inicial das quadras (As quadras 29 a 36 correspondem às atuais 709 e 710).	101
Figura 35: trecho de quadra com configuração em renque com dois acessos.	102
Figura 36: Exemplo de fundo de lote formando becos.	103
Figura 37: Trecho típico da implantação das quadras 703 a 707.....	105
Figura 38: Detalhe da construção da SCRS 707	106

Figura 39: Construção da SCRS 707 (1959). Observa-se os corredores para a passagem de pedestres entre os blocos de casas até as quadras 500, ao fundo.	107
Figura 40: Destaque para a quadra 708 e o trecho desalinhado em relação à quadra 508.....	109
Figura 41: Construção da SHIGS 708 em 1962. Ao fundo, a Quadra 707 já construída	110
Figura 42: Praça 21 de Abril e as quadras residenciais a partir da SCRS 708.	111
Figura 43: Plantas originais das quadras 708 e 709. Nota-se a simetria entre as quadras a partir do eixo da via que divide as antigas quadras 21 e 22.	113
Figura 44: Quadras 710, 711 e 712. à época os blocos correspondentes às antigas quadras 27 e 28 (quadra 710) ainda não estavam projetadas.	114
Figuras 45 e 46: SHIGS 712 (1972).....	114
Figura 47: A Quadra 713 possui a maior extensão dentre todas, no sentido norte-sul. Tipologicamente diversa, mantém o traçado viário da maioria, com vias internas paralelas com entrada a partir da via W4.....	115
Figura 49: Projeto original da quadra 714, com os renques de casas geminadas e os blocos de dois pavimentos sobre pilotis.	117

Figura 50: Projeto original da quadra 715 Sul. O traçado viário original não possibilita o acesso direto dos veículos a todos os lotes residenciais.....	119
Figura 51: Rush City – Richard Neutra, 1928.....	128
Figura 52: Radburn – Stein e Wright, 1928.....	133
Figura 53: Detalhe da área arborizada na testada dos lotes residenciais.....	134
Figura 54: Planta térrea e superior - HP5.....	136
Figura 55: Casas HP5.....	137
Figura 56: Inauguração e entrega das casas HP5.....	138
Figura 57: Planta tipo HP1, presente em todas as quadras da 708 à 715, com exceção da 714.	139
Figura 58: Detalhe da área arborizada na testada dos lotes residenciais.....	140
Figura 59: Construção das casas HP1.....	141
Figura 48: Área verde do SCRS 714. Ao fundo, o bloco residencial sobre pilotis.....	143

Lista de siglas e abreviações

ArPDF – Arquivo Público do Distrito Federal

CIAM – Congresso Internacional de Arquitetura Moderna

FCP – Fundação da Casa Popular

FUNCAP – Fundação da Casa Própria

GDF – Governo do Distrito Federal

HP – Habitação Popular

IAP – Instituto de Aposentadoria e Pensão

NOVACAP – Companhia Urbanizadora da Nova Capital

SEDHAB – Secretaria de Habitação, Regularização e Desenvolvimento Urbano do Distrito Federal

SHIGN – Setor de Habitações Individuais Gemiandas Norte

SHIGS – Setor de Habitações Individuais Geminadas Sul

SHIN – Setor de Habitações Individuais Norte

SHIS – Setor de Habitações Individuais Sul

SGAS – Setor de Grandes Áreas Sul

SRE/N – Setor Residencial Econômico Norte

SRE/S – Setor Residencial Econômico Sul

UV – Unidade de Vizinhança

Referência bibliográfica

- ALMEIDA, Caliane Christie Oliveira de. *Habitação Social: origem e produção (Natal, 1889-1964)*. Dissertação (mestrado). Escola de Engenharia de São Carlos – USP. São Carlos: USP, 2007.
- Ata da Comissão Julgadora do Plano Piloto de Brasília, Módulo, Rio de Janeiro, no 8, pp. 17-21, jul. 1957
- Anais do 4º SEDUR – *Seminário sobre Desenho Urbano no Brasil*, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília.
- BENEVOLO, Leonardo - *História da Arquitetura Moderna*. São Paulo: Perspectiva, 1976.
- BERNARDES, Sandra Ribeiro. - *Brasília: memória, cidadania e gestão do patrimônio cultural*. Dissertação de mestrado. FAU: UnB. 2001.
- BITTAR, William. *Formação da arquitetura moderna no Brasil (1920-1940)*. *Moderno e Nacional*. 6º Seminário DOCOMOMO Brasil. Niterói, Novembro, 2005
<<http://www.docomomo.org.br/seminario%206%20pdfs/William%20Bittar.pdf>>.
- BONDUKI, Nabil. - *Origens da habitação social no Brasil*. São Paulo: Estação Liberdade, 2004.
- BRUAND, Yves. - *Arquitetura contemporânea no Brasil*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2001.
- CARLUCCI, Marcelo. *As Casas de Lucio Costa*. 2005. Dissertação (Mestrado em Arquitetura). USP, São Paulo, 2005.
- CARPITERO, Antônio Carlos. *Brasília: prática e teoria urbanística no Brasil, 1956-1998*. São Paulo: FAU: USP, 1998.

- CORBUSIER, L. - *Carta de Atenas*. Assembléia do CIAM de 1933. Disponível em http://www.icomos.org.br/cartas/Carta_de_Atenas_1933.pdf. (Acessado em 17/Nov/2010).
- CORREIA, Telma de Barros. *O modernismo e o núcleo fabril: o anteprojeto de Lúcio Costa para Monlevade*. Pós. Revista do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da FAUUSP, São Paulo, v. 1 N 14, n.14, p. 80-93, 2003.
- COSTA, Lúcio. - *Relatório do Plano Piloto de Brasília*. ArPDF, Codeplan e DePHA. Brasília: 1991.
- ____ - *Arquitetura*. 5. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2010.
- ____ - *Brasília Revisitada*. Brasília: Diário Oficial do Distrito Federal – Decreto nº 10.829 de 14 de outubro de 1987.
- COSTA, Lúcio & COSTA, Maria Elisa (organizadora e editora) - *Registro de uma vivência*. Brasília: UnB & Empresa das Artes. 1995.
- COSTA, Maria Elisa. LIMA. Adeildo Viegas. Brasília 57-85. - *Do Plano Piloto ao Plano Piloto*. Brasília:TERRACAP/GDF,1985.
- DAMATTA, Roberto – *A Casa & a Rua – espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. 5ª edição, Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- DE BOTTON, Alain. - *A Arquitetura da Felicidade*. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.
- FERREIRA, Ronald B. - *Circulação e Revitalização Funcional da Avenida W3 Sul*. 2002. 126 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura). Universidade de Brasília, Brasília, 2002.
- FICHER, Sylvia, PALAZZO, Pedro Paulo. - *Os Paradigmas Urbanísticos de Brasília*. Marco Aurélio A. de Filgueiras Gomes (org.). Salvador. Cadernos PPG-AU/FAUBA, 2005.
- FRAMPTON, Kenneth. - *História crítica da arquitetura moderna*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- GOROVITZ, Matheus. - *Brasília, uma questão de escala*. São Paulo: Projeto, 1985.

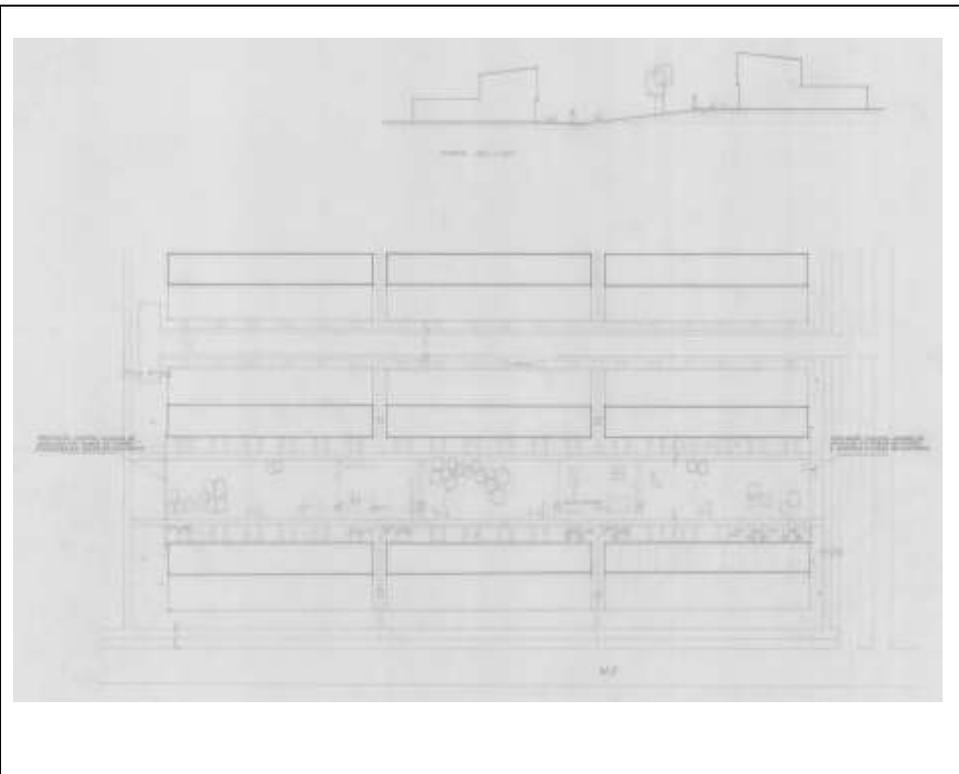
- GOROVITZ, Matheus & FERREIRA, Marcílio M. – *A Invenção da Superquadra*. Brasília, IPHAN, 2010.
- HOBBSAWN, Eric – *Era dos Extremos: o breve século XX, 1914-1991*. São Paulo. Companhia das Letras, 1994.
- HOLANDA, Frederico de. - Passado, Presente e Futuro de uma avenida moderna: W3, Brasília. In: *Arquitetura & Urbanidade*. p.61, 62.
- ____ - *O Espaço de Exceção*. Brasília. FAU UnB, 2002.
- ____. - Brasília - cidade moderna, cidade eterna. Brasília: FAU UnB, 2010.
- HOLSTON, J. - *Cidade Modernista: uma Crítica de Brasília*. São Paulo: Cia das Letras. 1993.
- IPHAN – MEC – “Brasília Revisitada”. Complementação, preservação, adensamento e expansão urbana, elaborado pelo Arquiteto Lúcio Costa durante o biênio 1985-87.
- JACOBS, Jane – *Morte e Vida das Grandes Cidades*. São Paulo: Martins Fontes, 2000 (1961).
- KOHLSDORF, Maria Elaine. - *A Apreensão da Forma da Cidade*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1996.
- LEITÃO, F. ; FICHER, Sylvia . Do risco à cidade: as plantas urbanísticas de Brasília, 1957-64. In: 8º Seminário de História da Cidade e do Urbanismo, 2004, Niterói. *Perspectivas contemporâneas da história da cidade e do urbanismo*. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2004. v. 1. p. 1-18.
- LYNCH, Kevin – *A Imagem da Cidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- MACHADO, Marília Pacheco – *Superquadra: pensamento e prática urbanística*. Dissertação de mestrado, FAU UnB, 2007.
- PANERAI, Phillipe. – *Análise Urbana*. Brasília: UnB. 2006.
- PAVIANI, Aldo (org.). Brasília: a metrópole em crise. Brasília: EDUnB, 1989.
- ____. Brasília em questão: ideologia e realidade. São Paulo: Projeto, 1985.

- PEREIRA, Renata Baesso. *Arquitetura, imitação e tipo em Quatremére de Quincy*. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. Tese (doutorado). São Paulo: USP, 2008.
- REIS FILHO, Nestor Goulart. *Quadros da Arquitetura no Brasil*. Coleção Debates. 10a Edição. São Paulo: Editora Perspectiva, 2004.
- SABBAG, Juliane Albuquerque. *Brasília, 50 anos: do urbanismo moderno ao planejamento estratégico*. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília. Dissertação (mestrado). Brasília: UnB, 2012
- SAMPAIO, M.R.A. de. A promoção privada de habitação econômica e arquitetura moderna em São Paulo, 1930-1964. In: SAMPAIO, M.R.A. de (org.): *A promoção privada de habitação econômica e arquitetura moderna, 1930-1964*. São Paulo: Rima, 2002
- TAVARES, Jeferson Cristiano. *Projetos para Brasília e a cultura urbanística nacional*. Dissertação (mestrado). São Paulo. EESC-USP, 2004.
- TREVISAN, Ricardo. *Incorporação do ideário da Garden-City inglesa na urbanística moderna brasileira: Águas de São Pedro*. UFScar. Dissertação (mestrado). São Carlos, 2003.

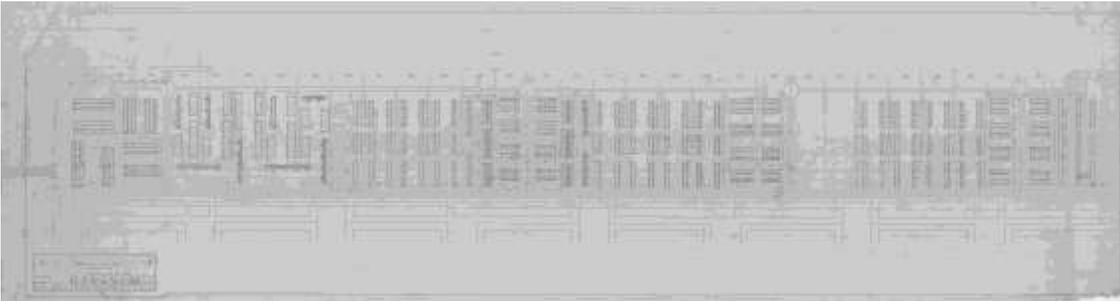
Anexo I

Inventário das plantas urbanísticas das quadras 700 Sul

HIG 4-2	
IDENTIFICAÇÃO	HIG 4-2
ENDEREÇO	HIGS 703 A 707
DATA DO PROJETO	22/11/1960
AUTOR	Não consta
TIPO	Urbanização
OUTRAS INFORMAÇÕES	Registrada DAU Novacap



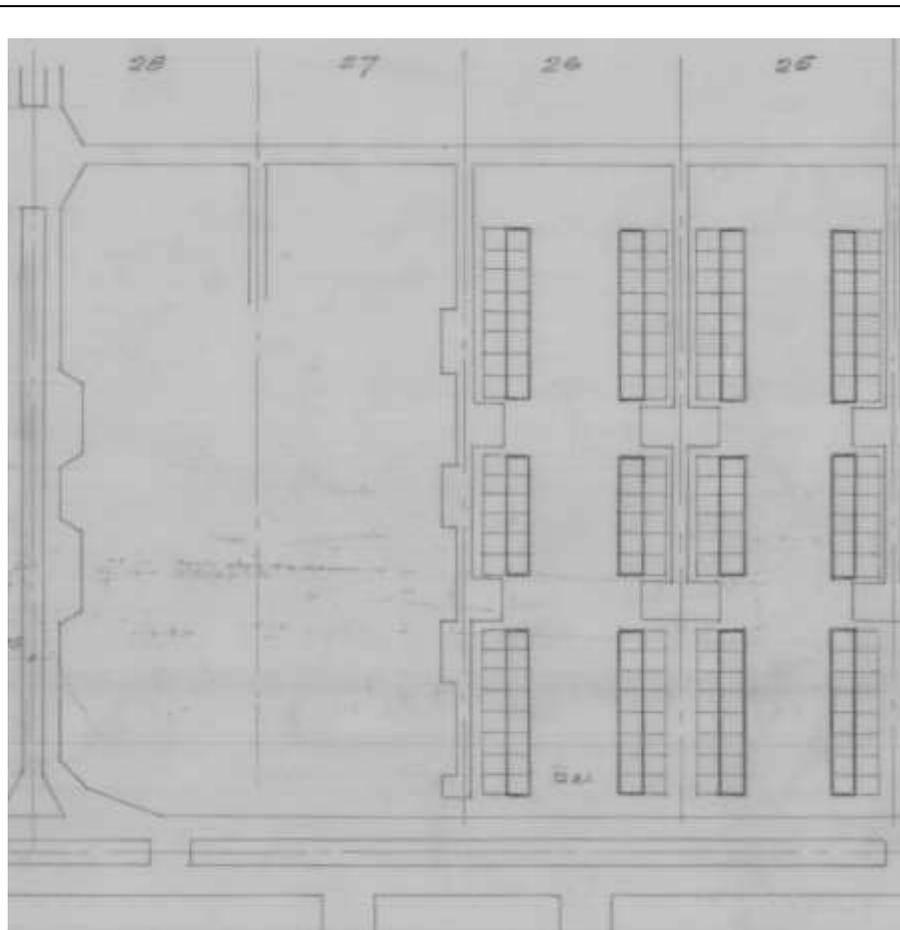
HIG 5-1		
IDENTIFICAÇÃO	HIG 5-1	
ENDEREÇO	HIGS 708 e 709	
DATA PROJETO DO	20/04/1959	
AUTOR	Não consta	
TIPO	Urbanização	
OUTRAS INFORMAÇÕES	Registrada DAU Novacap	

HIG 1-6		
IDENTIFICAÇÃO	HIG 1-6	
ENDEREÇO	HIGS 708 e 715	
DATA DO PROJETO	10/06/1960	
AUTOR	Não consta	
TIPO	Urbanização	
OUTRAS INFORMAÇÕES	Registrada DAU Novacap	

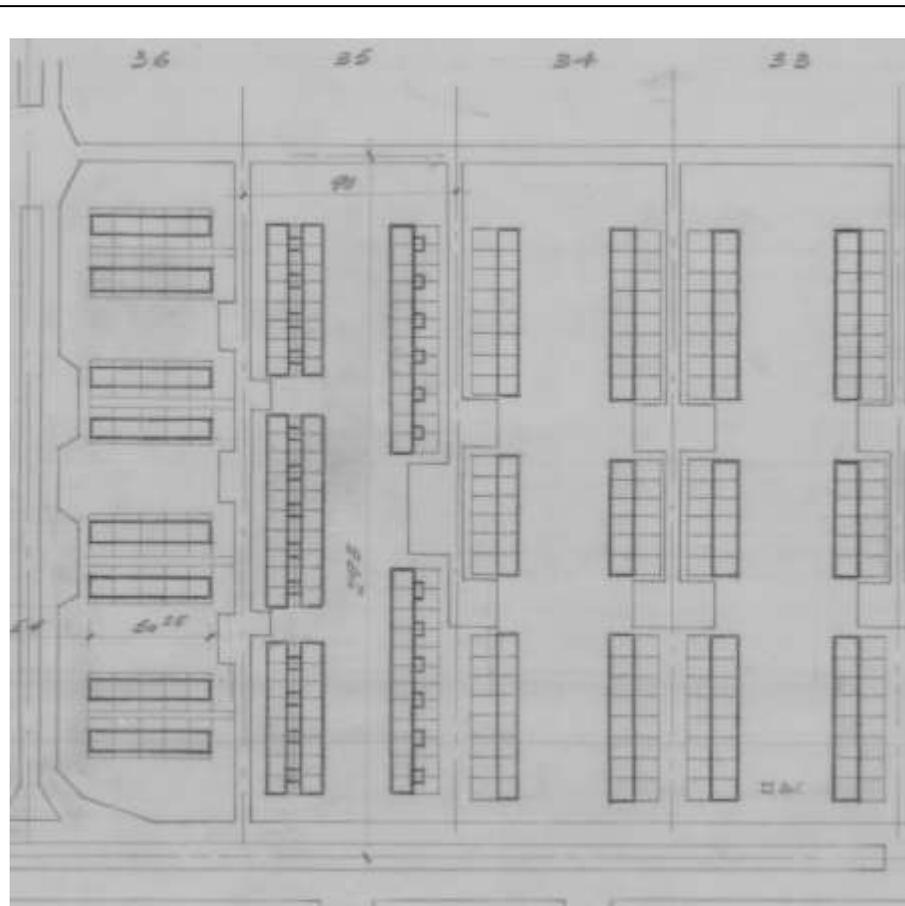
HIG 1-6 (trecho)		
IDENTIFICAÇÃO	HIG 1-6	
ENDEREÇO	HIGS 708	
DATA DO PROJETO	10/06/1960	
AUTOR	Não consta	
TIPO	Urbanização	
OUTRAS INFORMAÇÕES	Registrada DAU Novacap	

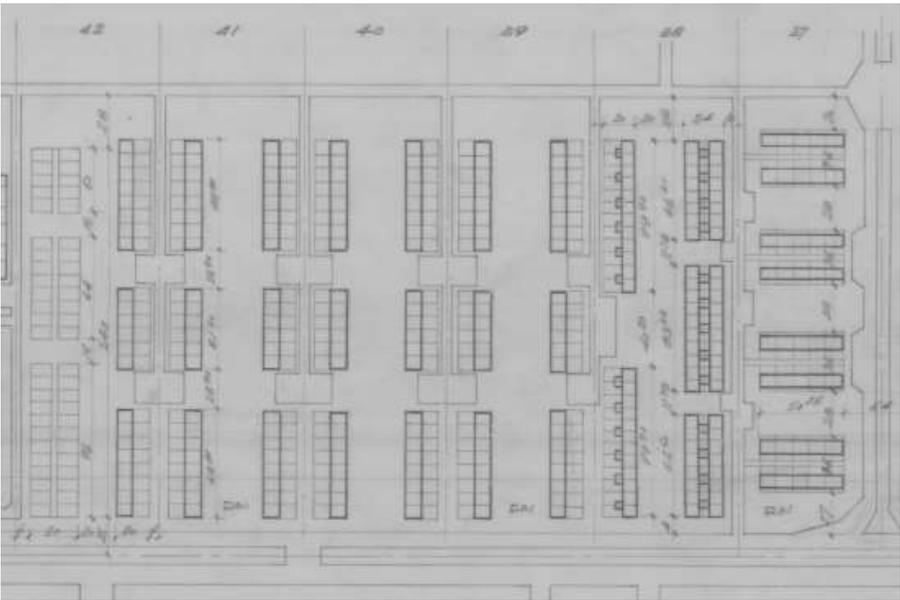
HIG 1-6 (trecho)		
IDENTIFICAÇÃO	HIG 1-6	
ENDEREÇO	HIGS 709	
DATA DO PROJETO	10/06/1960	
AUTOR	Não consta	
TIPO	Urbanização	
OUTRAS INFORMAÇÕES	Registrada DAU Novacap	

HIG 1-6 (trecho)	
IDENTIFICAÇÃO	HIG 1-6
ENDEREÇO	HIGS 710
DATA DO PROJETO	10/06/1960
AUTOR	Não consta
TIPO	Urbanização
OUTRAS INFORMAÇÕES	Registrada DAU Novacap

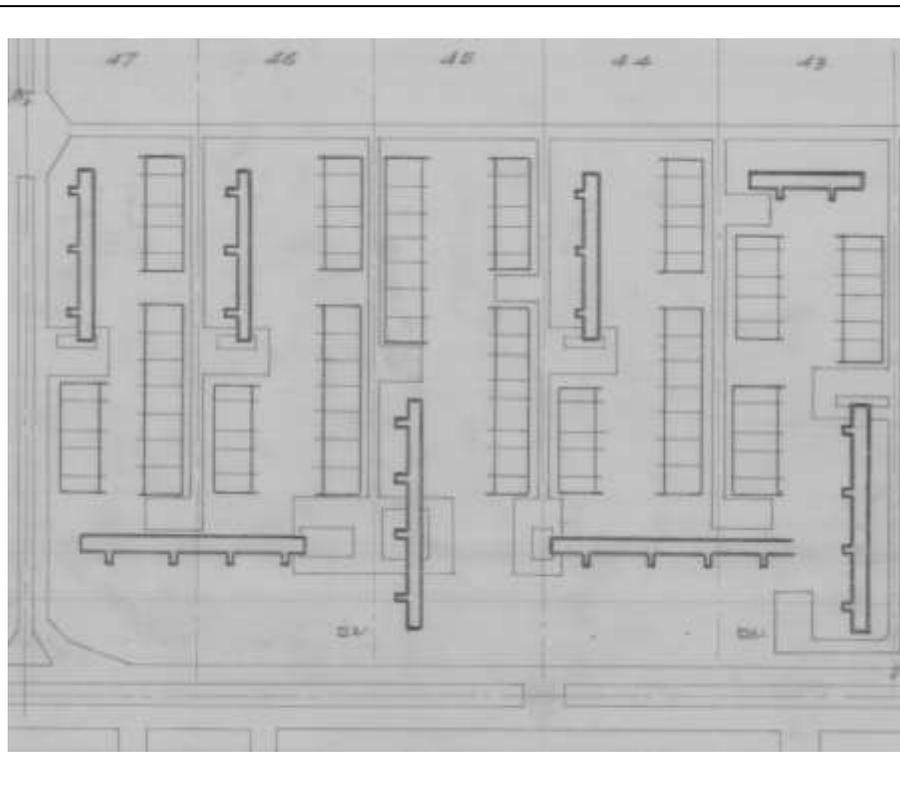


HIG 1-6 (trecho)	
IDENTIFICAÇÃO	HIG 1-6
ENDEREÇO	HIGS 712
DATA DO PROJETO	10/06/1960
AUTOR	Não consta
TIPO	Urbanização
OUTRAS INFORMAÇÕES	Registrada DAU Novacap



HIG 1-6 (trecho)		
IDENTIFICAÇÃO	HIG 1-6	
ENDEREÇO	HIGS 713	
DATA DO PROJETO	10/06/1960	
AUTOR	Não consta	
TIPO	Urbanização	
OUTRAS INFORMAÇÕES	Registrada DAU Novacap	

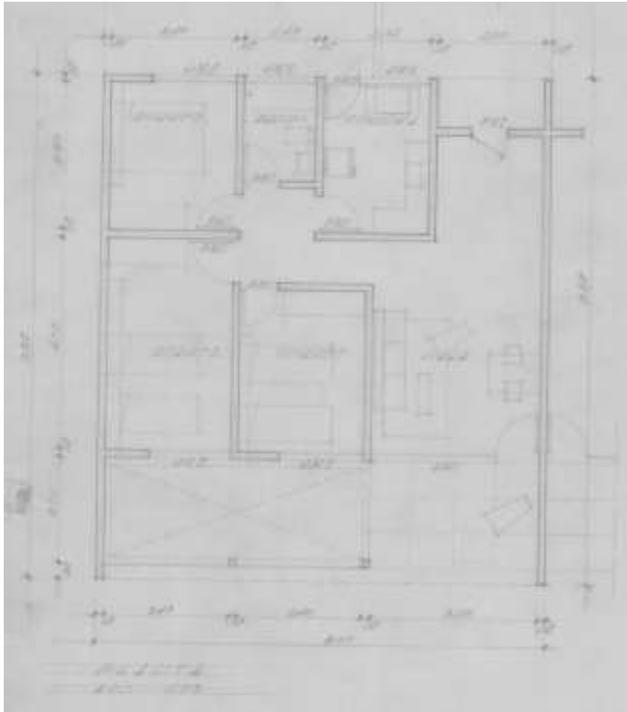
HIG 1-6 (trecho)	
IDENTIFICAÇÃO	HIG 1-6
ENDEREÇO	HIGS 714
DATA DO PROJETO	10/06/1960
AUTOR	Não consta
TIPO	Urbanização
OUTRAS INFORMAÇÕES	Registrada DAU Novacap

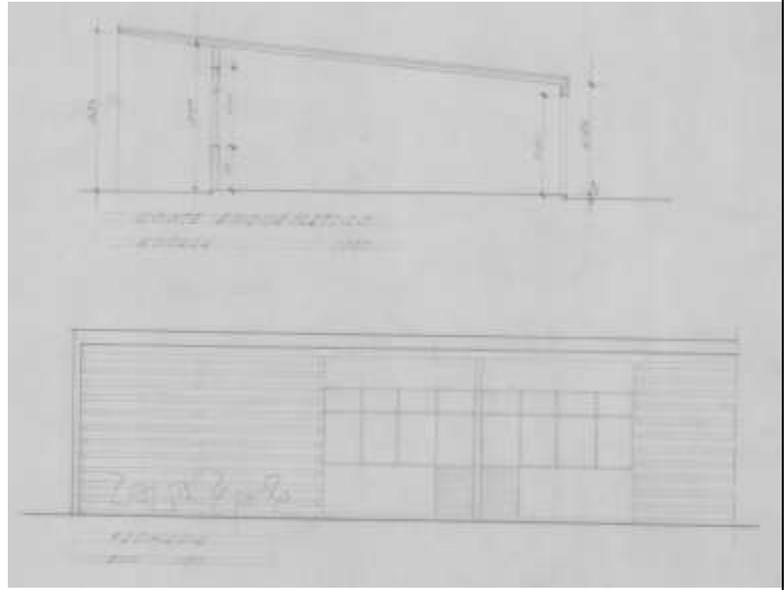


HIG 1-6 (trecho)		
IDENTIFICAÇÃO	HIG 1-6	
ENDEREÇO	HIGS 715	
DATA DO PROJETO	10/06/1960	
AUTOR	Não consta	
TIPO	Urbanização	
OUTRAS INFORMAÇÕES	Registrada DAU Novacap	

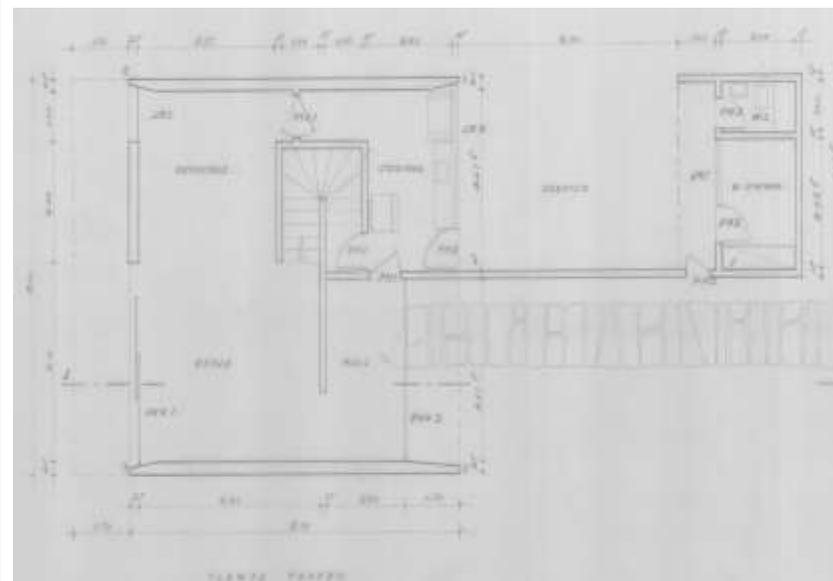
Anexo II

Inventário das plantas arquitetônicas das quadras 700 Sul

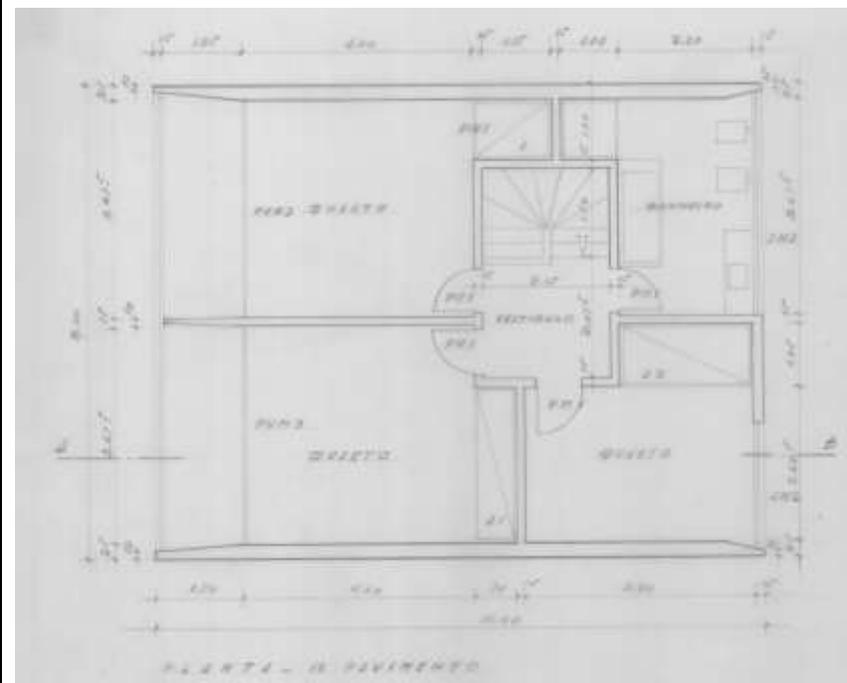
CASA TIPO HP1		
Habitação Popular 1		
IDENTIFICAÇÃO	HP1	
ENDEREÇO	Não consta	
DATA DO PROJETO	15/07/1057	
AUTOR	Não consta	
TIPO	Planta Baixa	
OUTRAS INFORMAÇÕES	Registrada DAU Novacap	

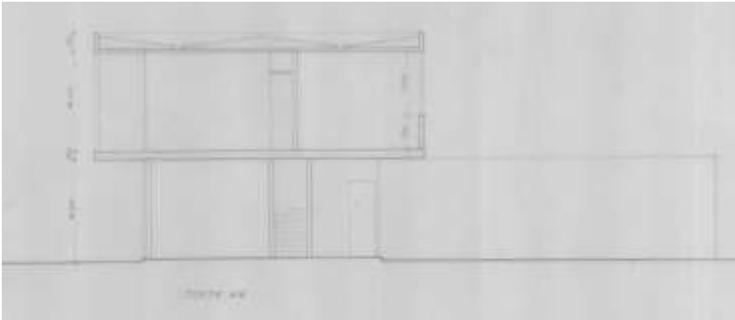
CASA TIPO HP1		
Habitação Popualar 1		
IDENTIFICAÇÃO	HP1	
ENDEREÇO	Não consta	
DATA DO PROJETO	15/07/1057	
AUTOR	Não consta	
TIPO	Corte esquem. Fachada	
OUTRAS INFORMAÇÕES	Registrada DAU Novacap	

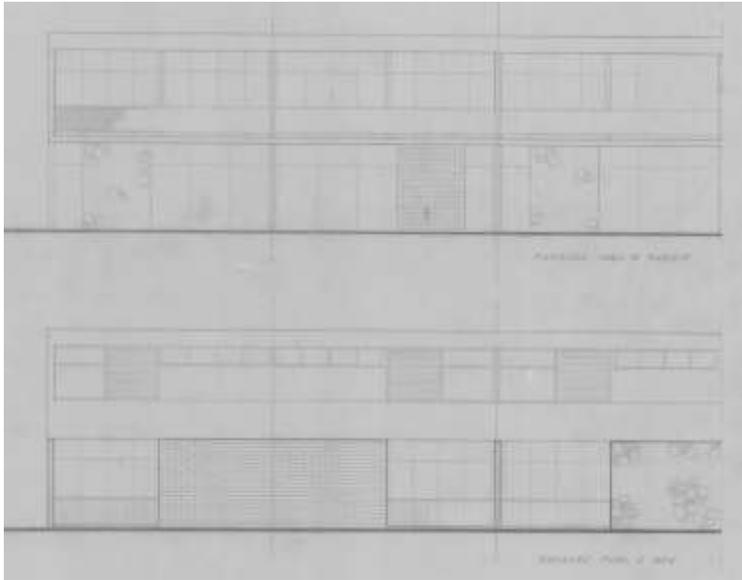
CASA TIPO HP5	
Habitação Popular 5	
IDENTIFICAÇÃO	HP5
ENDEREÇO	Não consta
DATA DO PROJETO	04/07/1962
AUTOR	Não consta
TIPO	Planta Pav. térreo
OUTRAS INFORMAÇÕES	Registrada DA Prefeitura



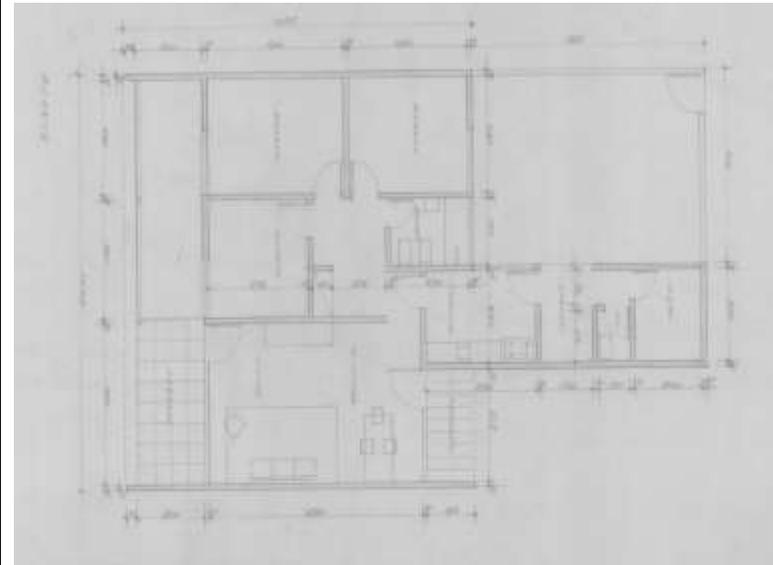
CASA TIPO HP5	
Habitação Popular 5	
IDENTIFICAÇÃO	HP5
ENDEREÇO	Não consta
DATA DO PROJETO	04/07/1962
AUTOR	Não consta
TIPO	Planta Baixa
OUTRAS INFORMAÇÕES	Registrada DA Prefeitura

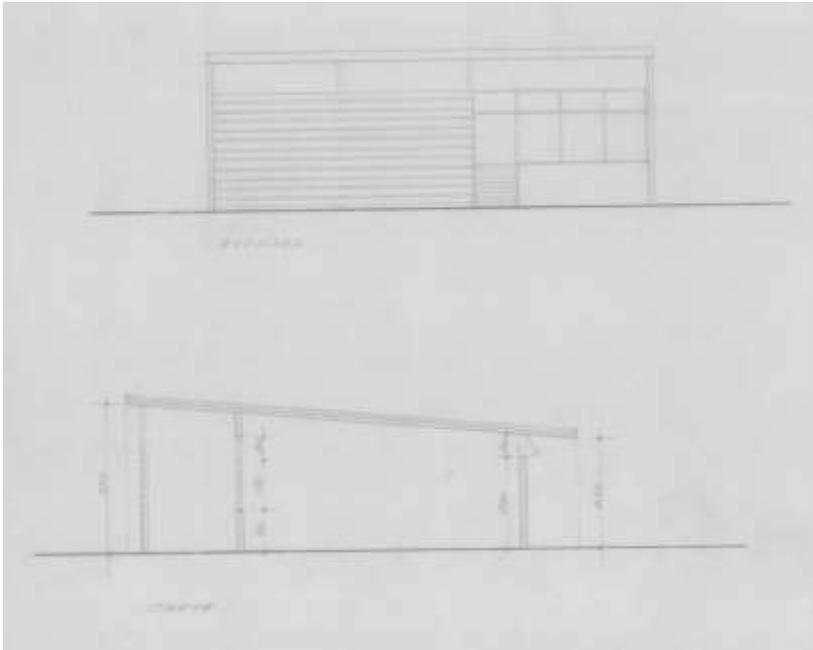


CASA TIPO HP5 Habitação Popular 5		
IDENTIFICAÇÃO	HP5	
ENDEREÇO	Não consta	
DATA DO PROJETO	04/07/1962	
AUTOR	Não consta	
TIPO	Corte AB	
OUTRAS INFORMAÇÕES	Registrada DA Prefeitura	

CASA TIPO HP5 Habitação Popular 5		
IDENTIFICAÇÃO	HP5	
ENDEREÇO	Não consta	
DATA DO PROJETO	04/07/1962	
AUTOR	Não consta	
TIPO	Fachadas	
OUTRAS INFORMAÇÕES	Registrada DA Prefeitura	

CASA TIPO HP6 Habitação Popular 6	
IDENTIFICAÇÃO	HP5
ENDEREÇO	Não consta
DATA DO PROJETO	06/11/1957
AUTOR	Não consta
TIPO	Planta Baixa
OUTRAS INFORMAÇÕES	Registrada DAU Novacap



CASA TIPO HP6		
Habitação Popular 6		
IDENTIFICAÇÃO	HP5	
ENDEREÇO	Não consta	
DATA DO PROJETO	06/11/1957	
AUTOR	Não consta	
TIPO	Fachadas	
OUTRAS INFORMAÇÕES	Registrada DAU Novacap	